UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECII

Saturnina Urupe Chue

A ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CHIQUITANO JOSÉ TURIBIO NA ALDEIA VILA NOVA BARBECHO: lutas, conquistas e desafios de uma educação escolar indígena específica e diferenciada

ldeia Vila Nova Barbecho

2022

Saturnina Urupe Chue

A ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CHIQUITANO JOSÉ TURIBIO NA ALDEIA VILA NOVA BARBECHO: lutas, conquistas e desafios de uma educação escolar indígena específica e diferenciada

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural no Campus Universitário DEP. Est. Renê Barbour – Barra do Bugres, como requisito para aprovação e obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Helena Alvarez Leite

Linha de pesquisa: Ensino, Docência e Interculturalidade

Aldeia Vila Nova Barbecho

2022

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

CHUE, Saturnina Urupe.
C559a A Escola Estadual Indigena Chiquitano Jose Turibio na Aldeia Vila Nova Barbecho: Lutas, Conquistas e Desafios de uma Educação Escolar Indigena Especifica e Diferenciada / Saturnina Urupe Chue – Barra do Bugres, 2022.
185 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.
Orientador: Lucia Helena Alvarez Leite

1. Educação Indígena. 2. Escola Específica e Diferenciada. 3. Interculturalidade. I. Saturnina Urupe Chue. II. A Escola Estadual Indigena Chiquitano Jose Turibio na Aldeia Vila Nova Barbecho: Lutas, Conquistas e Desafios de uma Educação Escolar Indigena Especifica e Diferenciada: .
CDU 376

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL – PPGECII

ATA DE DEFESA DE MESTRADO

Mestranda SATURNINA URUPE CHUE

Ao vigésimo sétimo dia do mês de julho de dois mil e vinte e dois, às 14h00min, via sistema remoto Google Meet, foi instalada a 1º sessão pública para Defesa de Mestrado Profissional da discente SATURNINA URUPE CHUE do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), intitulada: **A ESCOLA ESTADUAL INDIGENA CHIQUITANO JOSE TURIBIO NA ALDEIA VILA NOVA BARBECHO: LUTAS, CONQUISTAS E DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDIGENA ESPECIFICA E DIFERENCIADA.** Após a abertura da sessão, a **Profª. Drª.** LUCIA HELENA ALVAREZ LEITE, orientadora e presidente da banca examinadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores: Examinadora Interna **Profª. Drª** HELOISA SALLES GENTIL (PPGECII/UNEMAT) e as Examinadoras externas **Profª. Drª** VERONE CRISTINA DA SILVA (UNEMAT) e a **Profª. Drª** RITA GOMES DO NASCIMENTO (FLACSO). Foi dada a palavra à mestranda para que iniciasse a apresentação da dissertação, expondo seu trabalho e, em seguida, terminada a apresentação, procedeu-se à arguição por parte da banca e respostas da discente. A **Profª. Drª.** LUCIA HELENA ALVAREZ LEITE (PPGECII/UNEMAT), presidente, passou a palavra `as examinadoras externas, e, em seguida, à examinadora interna. Posteriormente a presidente da banca fez seus comentários. Ao final, a banca, reunida via sistema remoto Google Meet, resolveu APROVAR com o conceito A, a dissertação. Após ser proclamado o resultado final, a Presidente da Banca Examinadora deu por encerrado os trabalhos e foi lavrada a presente Ata, que será assinada por quem de direito.

Composição da Banca Examinadora:



Profª. Drª. LUCIA HELENA ALVAREZ LEITE **(Orientadora)**



Prof. Dr. HELOISA SALLES GENTIL **(Examinadora Interna)**



Prof. Dr. VERONE CRISTINA DA SILVA **(Examinadora Externa)**



Prof. Dr. RITA GOMES DO NASCIMENTO **(Examinadora Externa)**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as famílias da aldeia Vila Nova Barbecho, às lideranças na pessoa do Cacique Fernandes e Cleide Chue, aos anciãos, aos professores, alunos e ex-alunos da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio. A todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a concretização desta pesquisa.

Dedico, de modo especial, à minha mãe Elena Laura Chue, que todas as vezes que fiquei escrevendo minha dissertação sem parar nem mesmo para comer, ela sempre chegava com um lanchinho para mim. Ao meu pai Florêncio Urupe, a meus irmãos Soilo, Mauro, Silvano e Edmundo, a minhas irmãs, Suzilene Lidia, Maria, Leiliane, e Edleny, que muito contribuíram no decorrer desta caminhada, sempre me apoiando e me encorajando.

À minha Irmã Lídia Urupe Chue que durante esse processo, mesmo estando distante, não mediu esforços para me auxiliar sempre que necessitei, procurava saber como andava o desenvolvimento do meu trabalho e sempre que me ligava ou mesmo me escrevia, com a expressão "*Se precisar de alguma coisa que eu possa ajudar estou aqui*".

Ao meu tio Elidio, que também sempre esteve disposto a contribuir comigo.

Dedico, ainda, às pessoas que convivem diariamente comigo, que é a minha família: meus filhos Jander Samuel Chue Manacá e Samyla Chue Manacá, os quais são minha fonte de inspiração, e meu grande companheiro Silvano de Souza. A eles que, durante este período, reconheço, que às vezes eu não conseguia dar-lhes a atenção necessária, e que às vezes até tiveram que tolerar um pouco do meu stress e ansiedade, devido as preocupações, se mantiveram pacientemente ao meu lado, me auxiliando, contribuindo e colaborando em tudo que conseguiram, para que eu pudesse concluir mais esta etapa.

Aos meus colegas, do Curso em nome de Nilce, dedico a todos os demais que sempre fomos trocando ideias e nos auxiliando, para assim melhor conduzir nossas atividades. Nilce, não esqueço que sempre me enviava áudios dizendo: "Está um pouco difícil amiga, mas vamos conseguir". A minhas amigas e amigos, que estiveram sempre na torcida me enviando mensagens de animação e vibrações positivas.

Dedico a todos vocês esta conquista em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho é motivo de muita gratidão e, nesse sentido, não poderia iniciar com outras palavras que não fosse expressando minha imensa gratidão ao nosso querido **Tuparch** por ser o alicerce desta caminhada e me oportunizar esta conquista.

Esse trabalho foi possível de ser concretizado, porque houve participação e apoio de pessoas que estiveram diretamente envolvidas, aquelas com quem dialoguei, que tiveram paciência e disposição para me auxiliar sempre que busquei por cada uma e que, generosamente, partilharam comigo não apenas o conhecimento, mas a vivência e conhecimentos de nossa história de luta e resistência pela educação escolar e pelo território. Enfatizo, foi desafiador e exigiu-me muito esforço, dedicação e flexibilidade nesse percurso. No entanto me mantive firme e não deixei a esperança se ausentar. Desse modo quero agradecer:

Às famílias da aldeia Vila Nova Barbecho, minha aldeia de Origem. De modo especial às pessoas que confiaram no meu trabalho, me apoiaram e dispuseram de seu precioso tempo para contribuir com as entrevistas: nas pessoas de Pedro Celio Tossue Soares, Beline Tatiane Urup Tossue, Maria Chue Muquissasi, Leilane Chue Muquissai, Nicolau Urupe Jovio, Clemencia Muquissai Urupe Soares, Elena Laura Chue, Edleny Chue Muquissai, Florêncio Urupê Muquissai, Edmundo Nicolau Chue Muquissai, Soilo Urupe Chue, Lidia Urupe Chue, Elidio Urupi, Jander Samuel Chue Manacá, Loraine Muquissai Massavi, Gonçalo Arildo Muquiçai, Suzilene Urupe Chue.

À minha família, minha mãe Elena Laura Chue, meu pai Florêncio Urupe, meus irmãos e irmãs que sempre estiveram me encorajando, animando, incentivando e apoiando nesta minha caminhada.

À equipe de profissionais da Escola Indígena Chiquitano José Turíbio, companheiros de trabalho e de luta, professores Mauro Urupe Chue, Suzilene Urupe Chue, Edmundo Nicolau Chue Muquissai e Gonçalo Arildo Muquissai e toda equipe escolar.

Aos alunos e ex-alunos da Escola Indígena Chiquitano José Turíbio, que participaram diretamente com seus depoimentos.

Á professora Renilda Cebalho de coração agradeço pelo grande incentivo e apoio que tem me dado, com trocas de ideias e sugestões, para que eu pudesse realizar minha inscrição no curso deste mestrado, até hospedou – me em seu lar e me auxiliou na inserção dos documentos no sistema sua contribuição tem grande valia para mim.

À professora Dra. Lucia Helena Alvarez leite, mais conhecida como Lucinha, minha orientadora que não mediu esforços e tem se empenhado nas orientações comigo esclarecendo

dúvidas, auxiliando na organização das ideias, no percurso da pesquisa, sua parceria tem feito a diferença. E principalmente nos momentos mais desafiadores que passamos devido à pandemia do Covid 19, a conciliação da minha pesquisa com meu trabalho como atual gestora da escola, às vezes eu dizia: estou preocupada não estou conseguindo, professora e com um sorriso ela sempre me dizia “Saturnina estamos em tempo. Tenha orgulho de conseguir em tempos difíceis”. E com seu jeito único buscou sempre me tranquilizar, me acalmava e me passava segurança, esperança de superação e vitória, e isso fez uma grande diferença na minha caminhada para esta conquista.

Às professoras Dra. Rita Gomes do Nascimento, Dra. Verone Cristina Silva e Dra. Heloisa Salles Gentil, que participaram da banca da minha qualificação, suas contribuições foram fundamentais para o enriquecimento do meu trabalho.

A todos, o meu **SUNMANA TCHAPIÉ**.

RESUMO

Nesta pesquisa analisamos o processo de acesso à educação Escolar Indígena específica e diferenciada pelos Chiquitano da/na Aldeia Vila Nova Barbecho enquanto um processo de luta e resistência no qual me situo como membro integrante. Buscamos nesta pesquisa, assim, identificar e descrever os caminhos percorridos para a realização do anseio coletivo de construção e implementação da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio na Aldeia Vila Nova Barbecho – Porto Esperidião/MT. Ao mesmo tempo procura identificar e descrever a implementação de práticas culturais realizadas na escola pelos professores e estudantes, de modo a fortalecer a comunidade Chiquitano, ressaltando, no processo, o fazer/saber/ser da educação Escolar indígena específica, diferenciada e intercultural. Para o levantamento e a coleta de dados, realizamos pesquisa bibliográfica referente ao tema a partir da busca em documentos e arquivos sobre a história da escola, além de entrevistas com os professores, alunos e lideranças da aldeia e pessoas que participaram do processo histórico da luta pelo acesso à educação escolar diferenciada. Como produto pedagógico, produzimos uma Cartilha Pedagógica a ser utilizada como material didático pelos professores e estudantes. A pesquisa revela os desafios enfrentados e, também as conquistas efetivadas com a implementação da escola, dentre elas: o fortalecimento da cultura, a retomada da língua Chiquitano e o reconhecimento do direito ao território ancestral.

Palavras-chave: Educação indígena; escola específica e diferenciada; interculturalidade.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the process of access to specific and differentiated Indigenous School education by the Chiquitano from/in Vila Nova Barbecho Village as a process of struggle and resistance in which I place myself as an integral member of this process. It seeks to identify and describe the paths taken to fulfill the collective desire to build and implement the Chiquitano José Turíbio Indigenous State School in Vila Nova Barbecho Village – Porto Esperidião/MT. It also seeks to identify and describe the implementation of cultural practices carried out at school by teachers and students in order to strengthen the Chiquitano community, identifying, in the process, the making/knowing/being of specific, differentiated, and intercultural indigenous education. For the survey and data collection, a bibliographic research on the subject was carried out, with a search in documents and files about the history of the school, in addition to interviews with teachers, students and village leaders, people who participated in the historical process of the school. Struggle for access to differentiated school education. As a pedagogical product, a Pedagogical Booklet was produced in order to be used as teaching material by teachers and students. The research also reveals the challenges faced and the achievements made with the implementation of the school, among them the strengthening of the culture, the resumption of the Chiquitano language, and the recognition of the right to the ancestral territory.

Key words: Indigenous education; specific and differentiated school; interculturality.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo analizar el proceso de acceso a la educación Escolar Indígena específica y diferenciada por parte de los Chiquitano de/en la Aldea Vila Nova Barbecho, como un proceso de lucha, de resistencia, donde soy parte integrante de este proceso. Busca identificar y describir los caminos recorridos para cumplir el deseo colectivo de construir e implementar la Escuela Estatal Indígena Chiquitano José Turíbio en la Aldea Vila Nova Barbecho – Porto Esperidião/MT. También busca identificar y describir la implementación de prácticas culturales realizadas en la escuela por docentes y estudiantes, con el fin de fortalecer la comunidad Chiquitano, identificando, en el proceso, el hacer/saber/ser de la educación indígena específica, diferenciada e intercultural. Para el levantamiento y recolección de datos se realizó una investigación bibliográfica sobre el tema, con búsqueda en documentos y archivos sobre la historia de la escuela, además de entrevistas a docentes, estudiantes y líderes del pueblo, personas que participaron del proceso histórico de la lucha por el acceso a la educación escolar diferenciada. Como producto pedagógico se elaboró una Cartilla Pedagógica para ser utilizada como material didáctico por docentes y estudiantes. La investigación revela los desafíos enfrentados y también los logros alcanzados con la implementación de la escuela, entre ellos el fortalecimiento de la cultura, la recuperación de la lengua Chiquitano y el reconocimiento del derecho al territorio ancestral

Palabras clave: Educación indígena; escuela específica y diferenciada; interculturalidad

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

MT – Mato Grosso

CDCE – Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar

CEP – Comitê de Ética na Pesquisa

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

CNE – Conselho Nacional de Educação

SEDUC – Secretaria de educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

MEC – Ministério da Educação

RCNEI – Referencial Nacional Curricular para as Escolas Indígenas

CEFAPRO – Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso

FAINDI – Faculdade Indígena Intercultural

TAE – Técnico Administrativo Educacional

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Fotografia da minha formatura de conclusão da graduação em Pedagogia Intercultural.....31

Figura 2 - Vista aérea da aldeia Vila Nova Barbecho.....39

Figura 3 - Vista da estrada principal de chegada na aldeia.....40

Figura 4 - Vista do centro da aldeia.....41

Figuras 5 e 6 – Pés de mangueiras, local de antiga aldeia São Pedro, Taperas das famílias Chiquitano, conforme relato de Elena Laura citado acima.....43

Figura 7 – Caminho que dá acesso ao córrego Nopetarch.....46

Figura 8 – Caminho que dá acesso ao córrego Nopetarch.....46

Figura 9 – Córrego Nopetarch Porto mais frequentado pela família de Elena Laura 47

Figura 10 – Florêncio ao lado de sua esposa Elena e sua filha Maria (foi o primeiro cacique da aldeia vila Nova Barbecho) 51

Figura 11 – Primeiro professor chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho 57

Figura 12 – Escola da Aldeia Vila Nova Barbecho 57

Figura 13 – Alunos da EJA em sala de aula ano 2008 60

Figura 14 – Alunos da EJA em sala de aula ano 2008 60

Figura 15 – Alunos do EJA no intervalo para o lanche 61

Figura 16 – Equipe dos três primeiros professores em grupo de estudos em busca de maiores orientações 62

Figura 17 – Reunião da comunidade para encaminhamento da escola 63

Figura 18 – Momentos de reunião e atividades realizadas com as crianças 64

Figura 19 – Alunos apresentando trabalho, feito em grupos: a escola do sonho (2009) 65

Figura 20 – Edleny, estudante dos anos iniciais, sendo aplaudida pelos acertos no II Concurso da língua Materna Chiquitano. 66

Figura 21 – Professor Pedro Célio em sala de aula explicando aos estudantes como seria conduzido esse momento do II Concurso de Língua Materna 67

Figura 22 – Estudantes participando do II Concurso da língua materna 67

Figura 23 – Casa de multiuso em que funciona as atividades escolares 69

Figura 24 – Equipe de profissionais da Escola José Turíbio quadro a partir do ano de 2016 77

Figura 25 – Estudante carregando broto de buriti em aula de práticas Culturais 85

Figura 26 –Ancião participando da aula de práticas Culturais para a retirada de buriti.....86

Figura 27 – Estudantes tirando seda de buriti para Confecção de roupas tradicionais 87

Figura 28 – Estudantes tirando seda de buriti para confecção de roupas tradicionais 88
Figura 29 – Aluna Leiliane durante a oficina na confecção das roupas 89
Figura 30 – Alunas/o durante a oficina na confecção das roupas 90
Figura 5 – Estudante Jaqueline, do ensino médio trançando roupas tradicionais.....91
Figura 32 – Estudante Maria, do ensino médio trançando roupas tradicionais 91
Figura 33 – Professor Edmundo Nicolau durante a aula de práticas Culturais confeccionado também o trançado das roupas 92
Figura 34 – Estudante na prática do trançado com broto de Acuri, abanador 94
Figura 35 – Apresentação do resultado dos trabalhos com os trançados de palha 95
Figura 36 – Diferentes tipos de abanador: trançado de um em um 95
Figura 37 – Abanador: trançado de dois em dois 96
Figura 38 – Esteira em construção pela senhora Elena artesã 97
Figura 39 – Esteira em construção pela aluna Samyla, que é neta de Elena 97
Figura 40 – Esteira recém pronta 98
Figura 41 – Esteiras prontas secas na sombra 98
Figura 42 – Baquité grande feito de broto de acuri 99
Figura 43 – Baquité médio 100
Figura 44 – Baquité pequeno 100
Figura 45 – Buriti estendido secando ao Sol 101
Figura 46 – Aula de Saberes Indígenas com ancião ensinando os estudantes a confeccionar o balaio de buriti 02
Figura 47 – Estudantes do ensino médio em aulas de Saberes Indígenas medindo o arco do balaio 103
Figura 48 – Estudantes iniciando o trançado do balaio.....103
Figura 49 – O trançado do balaio já um pouco avançado 104
Figura 50 – Professor Edmundo ensinando o estudante Janilson sobre o acabamento do balaio 104
Figura 51 – Estudante Jakson com o trabalho do trançado do balaio em fase de fechamento 105
Figura 52 – Costurando o arco acabamento do balaio 106
Figura 53 – Balaios prontos.....106
Figura 54 – Trançado: Apá em construção 107
Figura 55 – Trançado: Apá pronto para amarrar no arco 108
Figura 56 – Apá pronto 109

Figura 57 – Peneira no início da confecção 110
Figura 58 – Peneira pronta feita de taquara 110
Figura 59 – Poço cavado no chão para retirada da Terra que fará o barro para barrear casa 112
Figura 60 – Misturando a terra com água para fazer o barro para barrear a casa tradicional 112
Figura 61 – Misturando a terra com água para fazer o barro para barrear a casa tradicional 113
Figura 62 – Misturando a terra com água para fazer o barro para barrear a casa tradicional 113
Figura 63 – Casas tradicionais sendo barreadas 114
Figura 64 – Casa tradicional sendo rebocada com barro 114
Figura 65 – Crianças Chiquitano preparando o barro para levar à festa do curussé 115
Figura 66 – Crianças Chiquitano no contato direto com o barro na festa do Curussé 115
Figura 67 – Jovens e Crianças Chiquitano durante a festa do Currussé 116
Figura 68 – Coleta do barro para confecção dos artefatos de barro 117
Figura 69 – Coleta do barro para confecção dos artefatos de barro 118
Figura 70 – Estudantes em aula de saberes Indígenas amassando o barro e o barro amassado 119
Figura 71 – O barro amassado 120
Figura 72 – Aula de Saberes Indígenas: estudantes aprendendo a fazer artefatos de barro 121
Figura 73 – Estudante Jander Samuel do ensino fundamental anos iniciais fazendo trabalho com barro em aula de Saberes Indígena 122
Figura 74 – Estudantes com os artefatos produzidos por eles mesmo durante a aula 122
Figura 75 – Aula de Saberes Indígenas com coleta da erva medicinal hortelãzinha do campo 126
Figura 76 –Indígenas Crianças com feixes da erva medicinal hortelãzinha do campo coletada na aula de Saberes 126
Figura 77 – Aula de Saberes Indígenas com coleta da erva medicinal hortelãzinha do campo 127
Figura 78 – Hortelãzinha armazenado secando na sombra 127
Figura 79 – Anciã explicando para os estudantes sobre o Pé de Canjiquinha 128
Figura 80 – Pé de quina planta medicinal 129
Figura 81 – Coleta da casca da quina 130
Figura 82 – Instrumentos musicais utilizados no carnaval Chiquitano 131

Figura 83 – Janílson, o primeiro jovem a aprender e se tornar um tocador de pífano.....132

Figura 84 – Tocadores dos instrumentos musicais tradicionais com a participação dos jovens 133

Figura 65 – Pessoas dançando a dança tradicional Chiquitano início do curussé 133

Figura 86 – Pote de chicha na casa do senhor Arcenio, ao lado está a Cuia que se utiliza para servir a chicha durante a festa do curussé para as pessoas 134

Figura 87 – Ritual da saída das Bandeiras na terça-feira de Carnaval 136

Figura 88 – Preparação dos arcos com folha de Gonçalo para celebração da Páscoa 138

Figura 89 – Altar feito com arco de folha de Gonçalo e cana de açúcar 139

Figura 90 – Arco da Entrada feito com folha de Gonçalo e pé de banana 140

Figura 91 – Elementos que fazem parte da vida dos Chiquitanos na aldeia Vila Nova Barbecho: as ervas medicinais, os artefatos, os azeites a água a terra, presentes no momento de conversa promovida pela escola com alunos e comunidade na semana Indígena 145

Figura - 92 Professor Edmundo participando de conversa promovida pela escola com alunos e comunidade na semana Indígena 146

Figuras 93– Cartazes elaborados pelos estudantes na semana Indígena 147

Figura 94 – Cartazes elaborados pelos estudantes na semana Indígena 147

Figura 95 – Maquete da aldeia: trabalho realizado pelos alunos 150

Figura 96: Anciã Clemencia Muquissai falante da língua materna, ensinando as crianças sobre a língua materna Chiquitano.....154

Figura 97 – Produção de cartazes pelos estudantes com frases na Língua Chiquitano.....155

Figura 98 – Trabalho produzido pelos estudantes na língua chiquitano 155

Figura 79 – Nomes de animais e pássaros em Língua Chuiquitano, escritos pelos estudantes do Ensino Fundamental anos iniciais 156

Figura 100 – Trabalho realizado pelos estudantes do Ensino Médio em aula de Língua Materna 157

Figura 101 – Trabalho dos estudantes do 2º ano do Ensino Médio 158

Figura 102 – Cartaz produzido pelos estudantes, frases em Chiquitano traduzido para o Português 159

Figura 103 – Professor Gonçalo Arildo ministrando aula de língua materna Chiquitano 160

Figura 104 – Professora Suzilene ensinado cantos em aula de língua materna Chiquitano 161

Figura 105 –Aula de língua materna Chiquitano 161

Figura 106 – Trabalho dos estudantes Turma Multi do 6º ao 9º ano Ensino Fundamental, com as saudações em Chiquitano traduzidos para o português 163

Figura 107 – Cartaz dos estudantes do 6º ao 9º ano com cantos apenas na Língua Chiquitano 164

Figura 108 – Desenhos de instrumentos musicais, artefatos e insetos dos estudantes do 3º ano anos iniciais, com escrita na língua Chiquitano 165

Figura 109 – Formandos do 3º ano do Ensino Médio e concluintes do 9º ano de 2015 168

Figura 110 – Concluintes do 9 º ano e formandos do 3º ano de2018 na preparação da formatura, trajados de uniforme escolar, com pinturas corporais 170

Figura 111 – Concluintes do 9 º ano e formandos do 3º ano (2018) trajados com roupas tradicionais e pinturas corporais 171

Figura 112 – Cerimônia de formatura dos Concluintes do 9º ano e formandos do 3º ano em 2018 172

Figura 113 – Concluintes do 9º ano e formandos de 2021 com trajes tradicionais e pintura corporal 175

Figura 114 – Concluintes do 9º ano e formandos 2021, no dia da cerimônia de formatura 175

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 21

1.2 Minha história e trajetória como estudante e educadora indígena 21

1.2 Os caminhos da pesquisa 26

2. ALDEIA VILA NOVA BARBECHO: SUA HISTÓRIA E A DE SEU POVO 33

3. POR UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ESPECÍFICA, DIFERENCIADA E BILÍNGUE: A LUTA PELA IDENTIDADE CULTURAL DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CHIQUITANO JOSÉ TURÍBIO 46

3.1 Os professores, sua formação e suas práticas 64

3.2 Os desafios enfrentados perante as exigências burocráticas 71

4. O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DO POVO CHIQUITANO: PRÁTICAS CULTURAIS VINCULADAS À EDUCAÇÃO ESCOLAR 75

4.1 Os trançados de palha e da casca do Buriti 76

4.1.1 Confecção de roupas tradicionais 76

4.1.2 Confecção de artefatos cestarias 84

4.2. Confecção de utensílios de barro 103

4.3. As ervas medicinais no trabalho pedagógico 115

4.4. Momento comemorativo do carnaval 122

4.5. Religiosidade no período da páscoa 130

4.6. Relação da escola com as práticas culturais Chiquitano: desafios e avanços 133

5 A ESCOLA COMO MECANISMO DE LUTA E DEFESA POR DIREITOS 137

5.1 A importância da escola na luta pelos direitos do povo Chiquitano 137

5.2 As conquistas trazidas pela escola 144

5.3 A Retomada da língua materna Chiquitano e o fortalecimento cultural 145

5.4 A formação dos professores indígenas 158

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 168

REFERÊNCIAS 171

ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 172

ANEXO 2 - CADERNO DE SABERES CULTURAIS.....185

1. INTRODUÇÃO

1.2 Minha história e trajetória como estudante e educadora indígena

Início está dissertação a partir da minha história e trajetória enquanto estudante e educadora indígena do povo Chiquitano residente na aldeia Vila Nova Barbecho. Atualmente, no Brasil continuamos lutando pela demarcação do nosso território. Eu nasci em uma família humilde e sou a sétima filha de 14 (quatorze) irmãos. Sempre morei com minha família em uma pequena comunidade que ficava localizada às margens da divisa entre Brasil e Bolívia, em meio a serras: um lugar de difícil acesso. Como qualquer outra criança daquele grupo, sempre acompanhava meus pais na roça e nos afazeres do dia a dia.

Lembro que a nossa alimentação era à base da caça e da pesca e dos alimentos produzidos na roça. Eu sempre brincava, mas também assumia pequenas responsabilidades, tais como ajudar a cuidar dos irmãos mais novos, varrer o quintal e buscar água no córrego. Eu participava das reuniões e ouvia tudo junto a meus pais e, embora quase não dava muita importância, sempre tinha algo que me chamava atenção.

Na época em que me entendi por gente, expressão muito usada pelos mais velhos aqui na nossa aldeia, lembro-me que o grupo a que pertencemos não era considerado e nem reconhecido pelo Poder Público como povo Chiquitano. Ao se referir ao nosso grupo, os "estranhos" se valiam da expressão "bugres", essa era a denominação mais pronunciada pelos políticos que chegavam na região nos períodos eleitorais para pedir votos.

Esse palavreado sempre me causou uma certa inquietação e desde a minha infância me sentia incomodada quando ouvia tal pronunciamento. Sem ter clareza do que isso significava, fui crescendo sempre ouvindo essa denominação e como naquela época nossos pais ainda se mantinham em silêncio em relação a nossa identidade de chiquitano, cresci achando que essa denominação a nós atribuída fosse real e que não havia outra saída, a não ser aceitar ser chamado como tal. Para mim, essa designação dava uma impressão de ser gente sem valor e isso sempre me deixou inquieta. Parece até engraçado, mas foi o que predominou em minha cabeça de criança por muito tempo. Esse impasse só me deixou, de certa forma, mais tranquila depois que passei a conhecer a minha verdadeira história, a minha identidade de Chiquitano, a história do meu povo e o processo histórico pelo qual nós nativos e originários dessa região desde os nossos ancestrais tivemos que enfrentar durante todo esse percurso histórico.

Por se tratar de um lugar de difícil acesso, tudo era muito difícil mesmo, mas me lembro que os nossos pais sempre se organizaram e procuraram meios de conseguir fazer com que os filhos tivessem acesso à educação escolar. Ali já funcionava uma escola que era ministrada por uma senhora do próprio lugar contratada pela prefeitura de Porto Esperidião para ensinar as crianças. Ela não era formada, tinha apenas a quarta série do Ensino Fundamental, de forma que os pais resolveram procurar outra pessoa que tivesse um grau de escolaridade maior para que assim fosse possível aumentar o nível no ensino e a aprendizagem dos filhos.

Ali morei com minha família até os sete anos de idade, período no qual tive o primeiro contato com a educação escolar. Isso tem sido muito marcante em minha vida, pois mesmo na minha inocência de criança, lembro que meus pais, juntamente com os demais pais, saíram em busca de outra pessoa que pudesse ensinar seus filhos. Foi assim que, em uma tardezinha, chegaram de volta trazendo com eles a nova professora, que já tinha concluído o Ensino Fundamental; com ela iniciei a alfabetização.

Esse começo foi um momento marcante em minha vida, pois foi o meu primeiro contato com a escola. Além de aprender a ler e a escrever com essa professora, lembro-me ainda de muitas atividades pedagógicas como passeios, piquenique e aula em campo. Aquelas aulas que nos proporcionaram subir as serras eram as que eu mais gostava, as gincanas e a quadrilha que ela desenvolvia conosco, tudo isso não somente ficou guardado na memória como também contribuiu para meu desenvolvimento e aprendizagem.

Aos 08 (oito) anos de idade mudei com minha família e com as demais famílias que residiam ali nessa comunidade para o lugar em que residimos até o presente momento: a aldeia Vila Nova Barbecho. Já aqui na aldeia Vila Nova Barbecho, tínhamos que ir caminhando a pé até a fazenda São Pedro, que fica a mais ou menos 3 km da comunidade indígena para estudar, pois somente lá havia uma Escola Municipal que recebia alunos de duas comunidades e de outras fazendas próximas. A escola era denominada “Escola Municipal de primeiro grau Nova Barra da Serra” e funcionava nos períodos matutino e vespertino.

Enfrentando e superando os desafios junto com meus colegas, devido a vários fatores, concluí minha quarta série do Ensino Fundamental. O desafio aumentou quando tive que continuar os estudos: a 5ª série em uma escola do campo em um lugar denominado Buriti, que recebia alunos de várias comunidades e fazendas, na qual as aulas eram no período noturno. Saía às 16:00 horas de casa para pegar o ônibus que passava a 1 km da aldeia e retornava para casa às 23:00 horas. Éramos os primeiros a chegar na escola, mas os últimos a ser levados para casa em razão da baldeação que era feita primeiramente nas comunidades mais próximas. Assim foram meus anos finais do Ensino Fundamental.

Graças a meu empenho e dedicação, concluí o Ensino Fundamental. Continuei o Ensino Médio estudando na mesma escola do Campo, porém em uma comunidade Chamada de Vila Picada. Ali concluí o ensino médio no ano de 2006.

Nesse início da luta pelas reivindicações dos nossos direitos, meu pai, senhor Florêncio Urupe Muquissai, foi o primeiro cacique da aldeia Vila Nova Barbecho. Eu o acompanhava sempre nas reuniões, registrando as atas sem quase nada de experiência, mas sempre estava junto dele, tanto na aldeia quanto fora, quando era possível. Dessa maneira, meu pai, em conjunto com algumas famílias da aldeia, buscou parceria junto a um grupo de Missionários que começaram a visitar nossa aldeia e, também ao CIMI – Conselho Indigenista Missionário e a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, lutando por uma escola específica e diferenciada dentro da aldeia.

Com muitos sacrifícios esse direito foi conquistado. Eu acompanhei de perto o processo de conquista da escola indígena específica e diferenciada na aldeia, que funcionou por dois anos como extensão da Escola Estadual Indígena Chiquitano localizada na Terra Indígena Portal do Encantado, que já havia sido criada recentemente.

No ano de 2008 comecei a trabalhar com uma turma na Educação de Jovens e Adultos – EJA, na escola aqui na aldeia. Essa foi sem dúvida a melhor experiência que já vivi, pois, esses momentos juntos nos oportunizaram dialogar sobre vários assuntos e cada vez que nos reuníamos naquele salão de palha de **acuri**[1] para estudar, sempre havia um novo aprendizado e uma nova experiência a ser compartilhada. Eu aprendia mais e mais com eles que, mesmo sem conhecimento sobre as leis, deixavam claro o que queriam, quais eram seus anseios e, principalmente, quando diziam que acreditavam que por meio da educação iriam conquistar outros direitos, até então, desconhecidos por eles.

Me chamava bastante atenção quando nas rodas de conversas com esses alunos ouvia nos relatos que eram comuns entre eles, a seguinte fala em que um falava e todos afirmavam:

> Nós sempre moramos nessa região, nossos pais, avós, sempre construíam as moradias e roças grandes, mas sempre chegava alguém de fora dizendo que comprou aquela Terra e a gente era obrigado a sair novamente desse lugar porque nós não tinha conhecimento de estudo, dos direitos, das leis, naquela época era tudo difícil, então nós saia daquele lugar e ia para outro e direto acontecia isso de expulsarem a gente do nosso lugar, assim a gente ficava de um lugar para outro, agora vai ser mais fácil porque vocês já tem estudos diferente de nós (CHUE, 2009, s.p.).

Nessa experiência, não tanto ensinei assuntos do mundo letrado, mas aprendi com os alunos a grande importância de buscar conhecer mais sobre nossos direitos étnicos que até então

[1] Acuri é uma espécie de coqueiro nativo das proximidades de córregos.

eram desconhecidos. Ouvir o relato desses alunos me instigava a ir em busca do desconhecido. Foi então despertando em mim o querer conhecer mais sobre minha própria identidade, sobre minha própria história e sobre a história do meu povo e assim contribuir um pouco mais. Nesse processo, o desejo de ser professora foi sendo desvendado em mim.

Pesava um pouco para mim quando me diziam que compartilhavam comigo que era mais nova essa experiência de vida porque os mais novos não sabiam e era preciso que se interessassem em saber sobre essas questões enquanto eles estavam vivos. Eu sentia que com essas palavras eles me atribuíam uma missão, uma grande responsabilidade.

Com essa turma foram quatros anos de experiências. Iniciei meu trabalho na educação escolar Indígena como professora na sala de aula ministrando aula para essa Turma da EJA, em 2008. Como eu já havia tido experiência na sala de aula com essa turma, no ano de 2012 fui trabalhar com uma turma multiciclada de crianças do 1º ao 5º ano do Ensino fundamental. Entretanto, em março desse mesmo ano fui indicada pela comunidade para assumir a gestão da escola e atuar como diretora, no lugar do professor Soilo Urupe Chue que teve que se ausentar da aldeia para iniciar seus estudos no Curso de Psicologia, na UFMT.

No intuito de realizar meu sonho de cursar a graduação e de aprofundar meu conhecimento, fiquei sabendo do vestibular intercultural, oportunidade na qual me inscrevi e fui aprovada. Nesse mesmo ano, ingressei no curso de graduação fazendo parte da primeira Turma de Licenciatura em Pedagogia Intercultural oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, em Barra do Bugres.

Com meu ingresso na Universidade, tive a oportunidade de conhecer a realidade dos demais povos que estudavam na minha turma, além do diálogo com professores indígenas de outros cursos. Este diálogo aprimorou meu conhecimento intelectual, me fornecendo instrumentos culturais que foram fundamentais tanto na minha vida pessoal quanto no fortalecimento da luta do povo Chiquitano, principalmente naquele período em que a conquista das escolas indígenas especificas e diferenciadas nas aldeias eram recentes, bem como o reconhecimento étnico do nosso povo.

O que aprendi no curso tem me auxiliado muito em diversos aspectos, tanto no que diz respeito ao conhecimento acadêmico para vida profissional quanto no conhecimento das legislações sobre educação escolar indígena e sobre os direitos indígenas, até então um pouco ainda desconhecidos pelo povo da nossa aldeia. Além disso, a graduação me auxiliou principalmente no aprofundamento de pesquisas sobre a Cultura Chiquitano, que estavam ainda um pouco adormecidas.

A meu ver, todos esses sacrifícios e esforços valeram a pena, mas não somente para mim, já que tudo isso me oportunizou contribuir com o povo da minha aldeia, sobretudo no momento que ainda era o início da nossa autoafirmação e na luta pelo nosso reconhecimento como Chiquitano. Após a conclusão da graduação em Licenciatura em Pedagogia Intercultural, continuei trabalhando na gestão da escola como diretora.

A formação superior tem contribuído muito para que eu possa continuar com meu trabalho com mais conhecimento sobre as legislações que dizem respeito aos povos indígenas e, de modo especial, com uma educação específica e diferenciada.

A minha colação de grau em Pedagogia Intercultural foi um sonho realizado, registrado na foto abaixo, dia da formatura realizada em Barra do Bugres MT. Me formei caracterizada, usando as roupas tradicionais do meu povo e estar com nossas pinturas significou muito para mim, tinha certeza que estava ali representando a mim mesma, minha família e meu povo Chiquitano, vestida de sonhos, esperanças e muitos propósitos pela educação escolar do meu povo Chiquitano. Minha família e meu povo se fizeram presente, essa fotografia tem sido mais um registro do meu irmão Edmundo Nicolau que ali se fez presente. O diploma na minha mão é parte do meu esforço e dedicação, parte de minha vida e meu futuro.

Figura 8 - Fotografia da minha formatura de conclusão da graduação em Pedagogia Intercultural.



Fonte: Edmundo N. Chue. Outubro de 2016.

Com intuito de aperfeiçoar meu conhecimento e poder cada vez mais contribuir melhor na educação escolar indígena e na luta do meu povo e de quem necessitar, busquei aperfeiçoar a minha formação, entrando para o mestrado profissional no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), na linha de pesquisa: Ensino, Docência e Interculturalidade, tendo claro que esta conquista é resultado de muitas lutas e movimentos dos povos indígenas. Para mim foi uma grande honra poder ingressar nesse mestrado intercultural, que é uma grande necessidade do meu povo.

Como havia acompanhado todo o processo de criação da Escola desde seu princípio até o presente momento, percebi a necessidade de registrar esse processo de conquistas, os caminhos que foram percorridos até a criação da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio e os desafios que foram superados e que ainda continuam sendo enfrentados, tanto pelas lideranças, quanto pela gestão escolar e professores.

1.2 Os caminhos da pesquisa

A educação escolar não se resume simplesmente à alfabetização, estando diretamente interligada com a educação cultural e tradicional, o que nos diferencia enquanto indígenas no que se refere à educação diferenciada:

> Nas últimas décadas as comunidades indígenas têm buscado construir projetos de educação escolar diferenciada em contraposição à tradição assimilacionista e integracionista de experiências escolares vivenciadas do período colonial até recentemente. Estas experiências tinham como uma de suas finalidades o apagamento das diferenças culturais, tidas como entraves ao processo civilizatório e de desenvolvimento do País. (PARECER CNE/CEB Nº: 13/2012, pg. 3).

A partir das especificidades culturais de uma educação escolar diferenciada, propus-me a fazer o presente trabalho de pesquisa cujo título é *A Escola Indígena Chiquitano José Turíbio na Aldeia Vila Nova Barbecho: Lutas, conquistas, e desafios de uma educação escolar indígena específica e diferenciada*.

Essa pesquisa me oportunizou uma rica aprendizagem tanto no que se refere à viagem que fiz ao passado para relembrar minha infância, quanto em relação ao aprofundamento dos meus estudos sobre a história do nosso povo, precipuamente a história da Aldeia Vila Nova Barbecho sobre a educação escolar indígena específica e diferenciada e a história da Escola Estadual indígena Chiquitano José Turíbio. Tal rememoração foi possível ao analisar o processo de construção e implementação da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio na Aldeia

Vila Nova Barbecho, observando, nesse contexto, os desafios enfrentados e as conquistas atingidas.

Fazer essa viagem ao passado tem me possibilitado vivenciar momentos de alegrias, tristezas, angústias, e, sobretudo, o desejo de me fortalecer na luta e manter viva a esperança que sempre esteve presente em minha vida desde minha infância.

Diante desse processo, alguns questionamentos surgiram e orientaram essa pesquisa: de que forma essa instituição contribuiu na luta do povo? Qual sua principal função? Como os trabalhos são desenvolvidos na escola? Alguns questionamentos e reflexões surgem mais fortes, quando tratamos do assunto Educação Escolar Específica e Diferenciada, uma vez que a escola é uma instituição que entra na aldeia trazendo uma série de situações burocráticas, e, na maioria das vezes, acaba por seguir, ou sofrer as consequências dessa burocracia.

Esse trabalho foi desenvolvido na aldeia Vila Nova Barbecho, localizada no Município de Porto Esperidião/MT, local em que se encontra localizada a Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, na Região de fronteira Brasil/ Bolívia a 110 km de distância da sede do Município de Porto Esperidião – MT.

A presente pesquisa surge dentro de todo esse contexto de luta, considerando que registrar o processo da construção e implementação da escola no formato de escrita permite dar o conhecimento às gerações atuais e futuras, de maneira que elas possam dar continuidade aos trabalhos e à luta do povo a fim de auto reconhecer e resistir frente aos preconceitos e discriminações.

O objetivo da pesquisa foi analisar o processo de construção e implementação da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio na Aldeia Vila Nova Barbecho – Porto Esperidião/ MT. Para isso, busquei descrever os caminhos percorridos para a conquista da criação da escola indígena na aldeia, identificando sua importância enquanto instituição escolar dentro da aldeia e sua função social, relatando os desafios superados para criação e manutenção da escola dentro da aldeia e identificando, no processo, o fazer/saber/ser da educação indígena específica, diferenciada e intercultural.

Para atingir os objetivos propostos, realizei, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica referente ao tema para levantamento e coleta de dados a partir da consulta de documentos e dados nos arquivos da escola. Depois foram realizadas entrevistas presenciais com professores, ex-alunos, atuais alunos e lideranças da aldeia e com pessoas que participaram do processo histórico da luta pelo acesso à educação escolar indígena específica e diferenciada por meio da criação da Escola Indígena Chiquitano José Turíbio. Para fundamentar essa forma de abordagem de pesquisa oral, procurei estabelecer diálogo com a perspectiva desenvolvida por

Portelli (2010), que faz uso dessa metodologia investigativa ou campo de conhecimento e/ou instrumento político.

Para nortear as entrevistas através de narrativas foi elaborado um roteiro[2], com blocos de questões, de forma que os entrevistados pudessem não simplesmente responder as indagações, mas que tivessem a oportunidade de narrar de forma calma e tranquila os relatos de suas vivências e experiências nesse processo histórico da Educação Escolar. As entrevistas foram gravadas em meio digital, tendo sido utilizado também o caderno de anotações para registrar as ocorrências ao longo da entrevista e os procedimentos pertinentes à pesquisa. Nas entrevistas, trabalhei com relatos do processo histórico da trajetória percorrida até o presente momento na construção e implementação da escola dentro da aldeia. Os roteiros de entrevistas foram organizados conforme os sujeitos a serem entrevistados.

A princípio, a intenção era reunir o grupo dos entrevistados numa Roda de Conversa, para que pudessem dialogar e partilhar essas experiências. Mas, devido à pandemia de covid 19, não foi possível realizar a entrevista de forma coletiva, então busquei ser flexível com meu planejamento, a fim de atingir o objetivo da pesquisa. Segui o mesmo roteiro construído para a Roda de Conversa, porém, agora, em um encontro individual com cada entrevistado, o que me oportunizou ouvi-los e fazer os registros. Alguns estudantes preferiram relatar de maneira escrita, pois assim se sentiram bem mais à vontade em contribuir com a pesquisa. Para dialogar com dois entrevistados que, atualmente, não residem na aldeia, utilizei os meios de comunicação disponíveis e acessíveis, como *WhatsApp* e *e-mail*. Essa tarefa foi fácil, por alguns instantes até achei que não seria possível. Mas esse impasse não foi motivo de desânimo, ao contrário, me oportunizou utilizar as ferramentas tecnológicas que favoreceram esse momento significativo da minha pesquisa.

No quadro a seguir, apresento os sujeitos da minha pesquisa, bem como a data e local da entrevista:

Quadro 1

NOME	DESCRIÇÃO	LOCAL E DATA DA ENTREVISTA
1. Florêncio Urupê Muquissai	Foi o primeiro cacique da aldeia Vila Nova Barbecho atuando de 2005 a 2011, lutou nas reivindicações pelo reconhecimento da identidade étnica Chiquitano, na luta pelo Território, pela saúde e acompanhou a luta	Aldeia Vila Nova Barbecho - 27/08/2021

[2] O Roteiro encontra-se no Anexo 1

	pela escola na aldeia Vila Nova Barbecho. Também foi estudante na Turma da Educação de Jovens e adultos – EJA - na escola que iniciou e 2008.	
2. Elena Laura Chue	Foi a primeira profissional do apoio na escola como merendeira e realizava a limpeza do espaço onde aconteciam as aulas atuando do ano de 2007 a 2012. Acompanhou desde o início esse percurso de luta pela Educação Escolar Indígena e foi estudante na Turma da Educação de Jovens e adultos – EJA - na escola que iniciou em 2008. Também é mãe de cinco estudante que concluíram a Educação básica na escola da aldeia. É artesã, liderança religiosa e contribui muito na organização interna da comunidade junto com a liderança da aldeia.	Aldeia Vila Nova Barbecho – 25/08/ 2021
3. Nicolau Urupe Jovio	Ancião falante da Língua Materna Chiquitano, foi estudante na Turma de Educação de Jovens e adultos – EJA - na escola que iniciou no ano de 2008.	Aldeia Vila Nova Barbecho – 16/08/2021
4. Pedro Celio Tossué Soares	Foi o primeiro professor na escola indígena na aldeia Vila Nova Barbecho, iniciando no ano de 2007 até o ano de 2010, atuou na linha de frente nas reivindicações da comunidade pelo acesso à Educação Escolar Indígena. Foi o primeiro presidente do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE) da escola. Atualmente é professor graduado em Pedagogia pela UNEMAT.	Aldeia Vila Nova Barbecho – 14/08/2021
5. Soilo Urupe Chue	Mora na Aldeia Chiquitano Vila Nova Barbecho e é um dos 14 filhos de Elena Laura Chue. Sempre lutou pelos nossos direitos Indígenas Originários e Constitucionais. Na Educação Escolar Indígena foi professor na aldeia e um dos que estiveram na frente na Criação da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, sendo, portanto, o primeiro diretor da Escola. Atuou na linha de frente como gestor da Unidade de Ensino de 2009 a início do ano de 2012. Esteve juntamente com às lideranças e professores nas reivindicações da aldeia, por direitos na Educação, saúde e território. Atualmente é Psicólogo - Bacharel e mestrando no Programa de Pós-graduação e Culturas Contemporâneas - PPGECCO na UFMT. Está como Conselheiro Deliberativo e Assessor da Federação dos Povos e Organizações Indígenas de Mato Grosso - FEPOIMT. Atua na luta junto aos Caciques e lideranças locais, Estaduais, nacionais pela	Aldeia Vila Nova Barbecho – 14/09/2021

	Demarcação dos Territórios Chiquitano. Também representa a comunidade nos movimentos pois é militante na causa indígena.	
6. Lidia Urupê Chuê	Indígena da etnia chiquitano, saiu da aldeia para fazer experiencia na vida religiosa no ano de 2004, atuou como irmã religiosa católica por um longo período e posteriormente optou pela vida matrimonial. Atualmente reside no Rio Grande do Sul, é formada em Enfermagem com especializações na área, exerce a profissão da saúde. Apesar de morar distante de sua Terra natal, Aldeia Vila Nova Barbecho, Lídia nunca perdeu seu vínculo familiar com sua raiz e sua aldeia. Contribui com ideias e sugestões nas questões da luta pelos direitos originários do seu povo, auxilia familiares e amigos por meio de conversas e trabalhos quando é procurada. Busca estar sempre atenta a realidade do seu povo na aldeia Vila Nova Barbecho, pois aqui residem seus pais e familiares e seu próprio povo.	Entrevista realizada de forma virtual por meio de WhatsApp e e-mail. – 23/09/2021
7. Gonçalo Arildo Muquiçai	Professor na escola da aldeia desde o ano de 2015 atuando até o presente momento. É membro da diretoria do CDCE da escola em vigência de 2020 a 2022. Foi presidente do Conselho local de Saúde Indígena na aldeia por dois mandatos. Atualmente é acadêmico no curso de Línguas, artes e literatura já em fase final de conclusão na FAINDI/UNEMAT. Como professor contribui e auxilia a liderança da aldeia e desenvolve outras atribuições sociais na comunidade.	Aldeia Vila Nova Barbecho - 03/03/2022
8. Suzilene Urupe Chue	Professora que iniciou sua educação básica em escola fora da aldeia, teve várias experiencias como estudante na educação básica, mas conseguiu concluir o Ensino Médio na escola da aldeia no ano de 2015. Além de sua experiência de estudante, iniciou seu trabalho como apoio na escola sendo merendeira no ano de 2013 a 2015. Em 2016 iniciou seu trabalho como professora na escola e continua até o presente momento. Atualmente é acadêmica de Pedagogia, já em fase final de conclusão na FAINDI/UNEMAT. Como professora contribui com a liderança da aldeia e desenvolve outras atribuições sociais na comunidade.	Aldeia Vila Nova Barbecho - 03/03/2022

9. Edmundo Nicolau Chue Muquissai	Estudante que iniciou sua educação básica em escola fora da aldeia, teve várias experiencias como estudante na educação básica, mas conseguiu concluir o Ensino Médio na escola da aldeia. Além de sua experiência de estudante, iniciou seu trabalho como professor na escola no ano de 2016 e continua até o presente momento, está como presidente do CDCE em vigência de 2020 a 2022. Atualmente é acadêmico de Ciências Sociais, já em fase final de conclusão na FAINDI/UNEMAT. Como professor contribui e auxilia a liderança da aldeia e desenvolve outras atribuições sociais na comunidade.	Aldeia Vila Nova Barbecho - 29/08/2021
10. Beline Tatiane Urup Tossue	Estudante que teve várias experiencias em sua educação básica, estudou em diversas escolas, dentre elas em escolas na cidade e em escola Indígena de outro povo. Mas teve a oportunidade de estudar e concluir a educação básica na escola de sua aldeia e de seu povo no ano de 2018. Atualmente trabalha como apoio administrativo educacional TAE na escola José Turíbio iniciando neste ano de 2022.	Aldeia Vila Nova Barbecho - 14/08/2021
11. Leilane Chue Muquissai	Estudante que iniciou seu estudo em escola fora da aldeia, mas a maior parte de sua formação na educação básica se deu na escola da aldeia onde reside e concluiu sua educação básica no ano de 2018. Atualmente é acadêmica na área de Linguagem na UNEMAT. Trabalha como apoio na área da limpeza na escola da aldeia com início neste ano de 2022.	Aldeia Vila Nova Barbecho - 15/08/2021
12. Elidio Urupi	Jovem que atuou junto com outras pessoas da aldeia na iniciativa de procurar a FUNAI, solicitando apoio e assistência às famílias Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho, para atender as necessidades vivenciadas por elas a partir do início do ano de 2000. Por motivo do seu trabalho, atualmente Elidio não reside na aldeia, mas sua família e parentes se encontram na aldeia.	Entrevista realizada de forma virtual por meio de WhatsApp - 25/09/2021
13. Edleny Chue Muquissai	Jovem que iniciou seus estudos na educação básica na escola da aldeia no ano de 2008 e concluiu no ano de 2020.	Aldeia Vila Nova Barbecho - 25/08/2021
14. Jander Samuel Chue Manacá	Estudante que iniciou seus estudos na escola da aldeia e atualmente se encontra cursando o 9º ano do Ensino Fundamental.	Aldeia Vila Nova Barbecho 28/01/2022

15. Loraine Muquissai Massavi	Estudante que iniciou sua experiência na educação Escolar Indígena no ano de 2021, atualmente está cursando o 9º ano, na escola aqui da aldeia.	Aldeia Vila Nova Barbecho - 28/01/2022
16. Maria Chue Muquissasi	Estudante que durante sua trajetória na educação básica teve experiência fora da aldeia em escola não indígena, mas concluiu o 3º ano do Ensino Médio no ano de 2016, na escola indígena da aldeia.	Aldeia Vila Nova Barbecho - 15/08/ 2021

O resultado destas entrevistas, a análise e a compreensão dos elementos constituintes do processo de construção e implementação da escola têm sido articulados com produções teóricas do campo da educação indígena e sistematizados na forma desta escrita dissertativa como conhecimento desse processo histórico na vida da comunidade indígena de Vila Nova Barbecho. Todos esses procedimentos foram guiados pelas normas da ética em pesquisa na área das ciências humanas e as orientações legais do CEP – Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade, tendo havido também a autorização da comunidade Indígena local na qual foi desenvolvida a pesquisa.

2. ALDEIA VILA NOVA BARBECHO: SUA HISTÓRIA E A DE SEU POVO

Relatar a vida da aldeia é falar um pouco de cada parte deste território, pois não é de forma isolada e fragmentada que nossos antepassados aqui viveram. Esse processo histórico está conectado com o território dessa região, com os lugares sagrados e com o espírito da natureza. Trata-se de um percurso que, apesar dos desafios, nos fortalece, pois sabemos que em cada lugar que nossos ancestrais se instalaram quando foram afugentados de forma obrigatória, ali está presente os espíritos da nossa ancestralidade.

Figura 9 - Vista aérea da aldeia Vila Nova Barbecho



Fonte: Google Maps. Acessada em Abril de 2022.

Esta imagem foi retirada do *google maps* com vista de cima da aldeia e mostra os 25 hectares de terra onde está a aldeia, espaço onde as famílias chiquitano foram exprimidas e permanecem ainda apenas nesse pequeno espaço de terra, local pequeno, que não supre a necessidade das famílias para plantio de roça, caça, pesca, coleta de ervas medicinais e matéria prima para construção de casas e confecção de artesanatos.

Figura 10 - Vista da estrada principal de chegada na aldeia



Fonte: Fonte: Edmundo N. Chue. Maio de 2021.

Nesta foto,[3] podemos ver a estrada principal que dá acesso ao centro da aldeia, podendo ser vista a primeira casa do senhor João Batista, que é meu tio e membro da aldeia. A estrada passa pelo salão comunitário, em torno do campo de futebol no centro da aldeia, pela casa do cacique da aldeia e dá acesso às demais famílias.

[3] A maioria das fotos aqui apresentadas foram registradas por Edmundo Nicolau Chue que é meu irmão e professor, tem cursos básico de fotografia e realizou o registro e, voluntariamente, se propôs em fornecer as fotografias registradas por ele a fim de contribuir com esta pesquisa. Mas Vale ressaltar que durante o trabalho vamos encontrar imagens de outras pessoas que também colaboraram, de maneira gratuitamente, com o meu trabalho, disponibilizando suas imagens.

Figura 11 - Vista do centro da aldeia



Fonte: Edmundo N. Chue. Maio de 2021.

No centro da aldeia está localizado o Campo de futebol, espaço muito utilizado pelo time de futebol feminino e masculino da aldeia para atividade esportiva e utilizado pela escola nas atividades recreativas com os estudantes.

O Povo Chiquitano, do qual faço parte, vive nesse território há séculos; nossos antepassados aqui viveram e muitos aqui estão sepultados. O nome Vila Nova foi dado a esse local em que nossas famílias retornaram para ocupar depois de terem saído daqui e se mudado para Barbecho, o que aconteceu devido ao casamento entre famílias que moravam aqui, com famílias que residiam na comunidade chamada Barbecho.

Barbecho foi o lugar em que meus avós paternos se instalaram depois que foram obrigados a se mudar da comunidade Cabeceira. Nessa localidade, já moravam a família de Donato irmão da minha avó Materna, assim como outras famílias conhecidas e parentes, meus bisavós, avós, tios e tias que antes, já haviam mudado daqui da antiga aldeia São Pedro para Barbecho. É importante destacar que entre esses dois grupos familiar havia uma linha divisória que dividia os territórios geograficamente divisa essa que não foi feita por essas famílias, mas sim estabelecida a partir de imposições entre os dois países, Brasil/Bolívia sendo ela, portanto,

indiferente e sem nenhum sentido entre as famílias que ali residiam, uma vez que etnicamente essa linha não existia para elas.

A história desses dois grupos de famílias Chiquitano a qual eu pertenço é longa, pois, apesar de se encontrarem em Barbecho, tanto a família dos meus avós paternos quanto a família dos meus avós maternos sempre sofreram muito com a chegada dos posseiros que os expulsaram de sua própria terra.

Algumas famílias, as últimas que aqui permaneceram, sendo minhas tias e tios por parte da minha mãe, foram obrigadas a saírem dessa região que fica às margens do Córrego **Nopetarch** porque sofreram ameaças de posseiros invasores, políticos e fazendeiros da região que os obrigaram a sair do Território. Atualmente, ainda é possível encontrar as **Taperas**, com plantas frutíferas como pés de mangas e seriguela ali nos locais onde nossos avós, bisavós tios, habitavam lugar sagrado para nós, pois ali está o Espírito da nossa ancestralidade.

> Nós morava ali do outro lado do córgo mais pra cima das mangueiras, mamãe papai ali que moravam, meus irmãos mais velhos nasceram tudo ali, só meus irmãos mais novos que nasceram na Figueirinha, Vovô José Chué eram tudo ali que moravam, tio Donato todos moravam aqui, dali que mudamos para Figueirinha, depois que vovô José Turíbio faleceu e Tio Donato casou e mudou para Barbecho, e ali bem onde tem as Mangueiras ali mesmo do outro lado do córrego, moravam a famílias de tia Marina irmã de mamãe o esposo dela, Antônio Rocha, e tia Natividade, irmã de papai e tio Paulo Rocha, primo de Antônio Rocha, e seu tio Clemente que é meu primo, filho de tia Natividade com tio Paulo Rocha ali onde tem esses pés de mangas, eram eles que moravam ali. Na época da seca, quando secava esse córrego, nós pegava água aqui nesta mina de água aqui perto da aldeia ali onde nós pegamos água hoje. Todos vinham pegar água ali, a gente madrugava, eu conheço desde criança todo esse lugar aqui porque aqui a gente morava com papai e mamãe e minhas tias e tios. Tia Marina não queria sair daqui de jeito nenhum ela encarava eles e não tinha medo falava que não saia de jeito nenhum, porque aqui era o lugar dela a casa dela. Como ela não queria sair, o fazendeiro mandou colocar um marco de madeira para marcar a parte para a família dela, até quando retornamos para cá, ainda tinha esse marco de madeira ali perto do mato na estrada velha. Mas daí não passou muito tempo, ela ficou doente, foi para a cidade tratar, dessa leva não voltou mais, pois faleceu por lá. Tia Natividade e tio Paulo ficaram ali, mas aí o fazendeiro incomodava ele demais e ainda mais o tio Paulo não ia trabalhar para ele na fazenda aí ele ficava bravo e atormentava eles, foi aí que veio o INCRA e cortou um pedaço de terra pra ele aí que eles se mudaram ali do outro lado da estrada onde tem esses pés de ciriguela. Depois que papai faleceu, nós saímos da Figueirinha e mudamos para Buriti redondo de lá voltamos para o Buriti para meus irmãos estudarem, do Buriti fomos para Barbecho lá já moravam sua tia Lúcia minha Irmã que já tinha casado com seu tio Arcenio irmão de sua avó Clemência e assim fomos morar em Barbecho (Entrevista com Elena Laura Chuê, 25 de agosto de 2021s.p.).

Figuras 5 e 6 – Pés de mangueiras, local de antiga aldeia São Pedro, Taperas das famílias Chiquitano, conforme relato de Elena Laura citado acima



Fonte: Edmundo N. Chue – Ano 2022.



Fonte: Edmundo N. Chue – Ano 2022

A família que se mudou da antiga aldeia São Pedro para Barbecho foi a família dos meus avós maternos: Maria Vicência Tossué e Damião Chuê, ambos já falecidos foram alguns dos irmãos dos meus avós maternos, tios, tias e avós, e mais tarde chegaram também a família dos meus avós paternos, Nicolau Urupê Jovio e Clemência Muquissai Soares, que foram expulsos das comunidades de Piriseiro, Barranquinho, Córrego Seco, e Cabeceira, conforme relata meu avô Nicolau.

Donato Tossue que morava aqui na comunidade São Pedro junto com seus familiares, nas antigas taperas onde ainda se encontram o mangueiral, conforme imagens acima, mudou com sua família e se instalou nessa localidade denominada de Barbecho. Quando a família de Nicolau foi expulsa de Cabeceira vieram parar em Barbecho onde Donato já estava instalado.

Após um determinado tempo morando em Barbecho, vários fatores influenciaram essas famílias a tomar a decisão de retornar para esse território. Dentre eles, o próprio lugar, que era em meio às serras, as chamadas furnas, sendo pouco produtivo para o plantio de roça, além dos vários conflitos que aconteciam entre as famílias de Donato Tossue com a família de Nicolau Urupê.

"Quando saímos do Corgo Seco nós viemos morar na Cabeceira tudo era devoluto, não tinha dono estranho, nós éramos os donos, mas aí chegou de novo esse talde doutor Olaf acompanhado de um soldado e falou que também tinha comprado esse lugar e mandou nós sair dali. Deu prazo de sete dias para nós sair. Então viemos aqui para o Barbecho, nós já conhecíamos a família de seu Donato" (Entrevista com Nicolau Urupê, s.p.).

Dessa forma, não sabendo para onde ir com sua família, Nicolau foi e falou com o senhor Donato, e pediu para morar ali por perto deles, Donato lhe indicou esse lugar onde residiram até o ano de 1988, local que, como eles diziam, era devoluto. Ali, Nicolau se instalou e morou com seus familiares até 31 de dezembro do ano de 1997. Nicolau e seus companheiros familiares ficaram do lado brasileiro, enquanto a família de Donato estava instalada no Território Boliviano. Todavia, para eles essa divisa não existia e, apesar dos conflitos, faziam todos os rituais de **curussé**[4] e festividades sempre juntos e se reuniam para tomar **chicha**[5] e compartilhar as alegrias nos períodos ritualísticos.

Entretanto, haviam conflitos entre esses dois grupos, além da dificuldade de acesso e da improdutividade de roça: "ali era bom de caça e pesca", relata Elena Laura Chue, que conta que os Rios Parisson, Ostope, Braço de Abel e Buritisal abasteciam as famílias pois eram ricos em peixes, mas para produção de roça já não era tão favorável, principalmente do lado em que estavam morando, pois eram furnas e serras.

Nicolau conta que conversou com o fazendeiro Edir Luciano, que ali chegou na década de 70 acompanhado de um sargento militar, e pediu para eles desocuparem o lugar pois ele disse que havia comprado aquela Terra. Cansados de serem expulsos de seus territórios de origem de um lugar para outro, Nicolau tentou um acordo com Edir. O acordo foi aceito, mas com as seguintes condições, conforme relata Nicolau: "Então vocês podem ficar aqui eu vou

[4] Curussé é o nome da festa tradicional do povo Chiquitano.
[5] Chicha é uma bebida típica feita de mandioca ou milho.

precisar de gente para trabalhar porque vou abrir a fazenda, então vou precisar de vocês, vocês ficam, mas tem que trabalhar comigo, mas já ficam sabendo que a terra é minha" (Entrevista com Nicolau Urupê).

Diante da necessidade de permanecer no local, Nicolau aceitou a proposta e, assim, todos permaneceram ali. Trabalharam, formaram a fazenda, plantaram e cultivaram o seringal, os pés de coco, assim como trabalharam pegando peixes nas represas tanques de piscicultura do referido fazendeiro, realizando diversos tipos de serviços na fazenda.

Entretanto, diante das diversas situações vivenciadas pelas famílias que ali residiam, Nicolau procurou o Edir e solicitou outro local para morar no mesmo Território, pois viram que ali já não havia mais condições de permanecer. Edir concordou, porém, apontou o local que era em um lugar que tinha um Acorizal. "O Lugar era bom", diz Nicolau, mas também tinha muita pedra e a água era difícil, foi aí que resolveram sugerir esse lugar para ele, já que aqui, já havia sido habitada pelas famílias de Elena Laura Chue, que é filha de Damião Chue e Maria Vicência Tossué e nora de Nicolau. Apresentaram a proposta para Edir e ele aceitou, porém ele mandou fazer as casas todas em filas na beira da estrada que dá acesso à Bolívia, ordenando que todas as casas fossem feitas em fileiras e colocando o nome do lugar onde as famílias se instalaram de Vila Nova. **Pela insistência das mulheres** apoiadas por alguns homens, as casas foram construídas mais no centro desse local, uma vez que, caso seguissem as ordens impostas, as casas seriam construídas na beirinha da estrada. Em relação ao nome imposto naquele momento, ninguém fez questão de contestar e aceitaram o nome de Vila Nova.

O retorno para esse lugar aconteceu no dia 31 de dezembro do ano de 1997, quando as famílias se mudaram do Barbecho para Vila Nova, onde residimos até o presente momento.

Nesse período, essas Terras aqui já haviam sido compradas por Edir a mesma pessoa para quem as famílias já trabalhavam na fazenda. Então, para voltar a morar aqui, meu avô paterno falou com ele com quem tinha um acordo. Dessa forma, foi feito um novo acordo, mas dessa vez meu avô assinou um documento para Edir sem mesmo saber o que nele havia escrito.

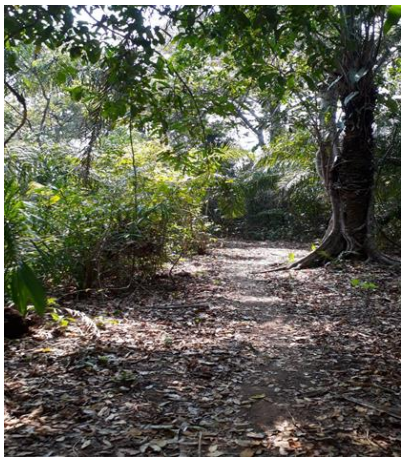
Aqui, nessa região, minha mãe e minhas tias nasceram e foram criadas. A história desses dois grupos de famílias Chiquitano a qual eu pertenço é longa, pois, apesar de se encontrarem no Barbecho, tanto a família dos meus avós paternos quanto a família dos meus avós maternos sempre sofreram muito com a chegada dos posseiros que constantemente os expulsavam de suas próprias terras.

Assim, permaneceram as famílias aqui nesse local, e continuaram a trabalhar com Edir, realizando duros trabalhos, recebendo baixos salários e lidando com os maus tratos na fazenda. Nunca tiveram carteira de trabalho assinada, sendo, portanto, um trabalho praticamente escravo.

Apesar de tudo isso, Edir permitia que as famílias plantassem roça no local onde havia sido a antiga aldeia São Pedro, em que moravam Marina, seu esposo Antônio Rocha e Natividade com seu esposo, Paulo Rocha.

Abaixo, nas figuras 7 e 8 é possível observar as imagens do caminho que dá acesso ao córrego Nopetarch[6]. Essa estrada em forma de trilha permite o acesso de várias famílias aos portos das famílias no córrego Nopetarch, esse Porto é mais acessado pela família de Elena Laura Chue.

Figura 7 – Caminho que dá acesso ao córrego Nopetarch



Fonte: Lídia U. Chuê. Ano 2019.

Figura 8 – Caminho que dá acesso ao córrego Nopetarch



Fonte: Lídia U. Chuê. Ano 2019.

[6] Esse Porto no Córrego é o local onde a família de Natividade sempre utilizava, sendo atualmente mais usado pela família de Elena Laura Chue, que é sobrinha de Natividade.

O Córrego Nopetarch é o único córrego que banha a aldeia e é muito utilizado para pesca, também as famílias tomam banho, lavam roupas, realizam cerimonia de batizados na religião católica. É estreito em largura e raso em profundidade, mas é de fundamental importância para todos da aldeia. O Córrego Nopetarch tem vários portinhos e é um local muito utilizado pelos chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho.

Figura 9 – Córrego Nopetarch Porto mais frequentado pela família de Elena Laura



Fonte: Edmundo N. Chue. Fevereiro de 2022.

Cada família tinha seu espaço no qual plantavam alimentos como banana, mandioca, arroz, milho, batata, mamão, cana de açúcar, dentre outros. Ao se referir a Edir, era comum ouvir os estudantes da EJA – Educação de Jovens e Adultos dizer “era ruim, mas ele ainda deixava nós plantar, caçar, pescar, retirar madeira para fazer casa, ele não desmatou a mata, então, de certa forma, nós tínhamos acesso a essas coisas da nossa Cultura, conforme nossa Tradição” (CHUE, 2008, s.p.).

Foi então que, no ano de 2003, Edir vendeu a fazenda, comunicando as famílias que ali estavam de sua decisão depois de ter negociado a Terra. O novo proprietário chegou e tentou manter as famílias trabalhando com ele, porém sua estratégia não deu certo, porque, em troca do serviço, ele trazia grandes quantidades de mercadorias. Ele deu uma bicicleta para cada família para que os moradores pudessem se locomover ao trabalho, fazendo, juntamente com a venda das mercadorias, que as dívidas nunca acabassem, pois tudo isso eram descontados nos baixos salários que recebiam, na intenção de mantê-los sempre trabalhando com ele com o fornecimento de mercadorias.

O novo dono não consultou ninguém, apenas destruiu as roças com máquinas e tratores e foi logo destruindo toda a mata do território. “A área já está toda desmatada juntamente com o desmatamento foram destruídos pequisais, mangaval, inclusive as áreas próximas das nascentes do Córrego Nopetarch, que banha a aldeia Vila Nova Barbecho” (CHUE, 2016, p. 15). Havia também canjiqueira e veludo, dentre outras plantas frutíferas nativas, sem contar a caça que ali tinha e que desapareceu; as ervas medicinais, madeiras e palhas para construção de casas tradicionais praticamente acabaram.

Ele cercou com arame as casas da aldeia, deixando as famílias em uma espécie de curral. A situação já causava preocupação e inquietação aos anciãos e aos jovens também. “Na verdade, eu já vinha preocupado desde antes do vencimento do contrato de comodato que o Edir tinha feito com o pai, pois o contrato já estava vencendo e nós corria risco de ser mandado embora dali se o contrato não fosse renovado” (Entrevista com Elidio Urupe, s.p.).

Esse novo proprietário permaneceu apenas por um período, uma vez que, depois de um certo tempo, Edir voltou novamente e começou a perturbar as famílias chiquitanos, por estarem lutando pelos seus direitos originários. Vendo esses acontecimentos e vendo que as famílias da comunidade corriam o risco de serem novamente expulsas da atual aldeia Vila Nova Barbecho, descobrimos que o documento que meu avô Nicolau havia assinado para o fazendeiro lá em 1998 se tratava de um contrato de comodato por um período de 4 a 5 anos que podia ser renovado ou não. É importante destacar que quando meu avô assinou o contrato ele não sabia ler, marcando as páginas apenas com as digitais.

A partir de então, alguns jovens da aldeia que já conheciam um pouco mais do mundo escolarizado tiveram conhecimento da existência da FUNAI. A partir disso, eles tomaram a iniciativa de reunir a comunidade, consultar os anciãos e fazer uma carta solicitando o apoio e o auxílio da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, pois se tratava de um assunto dos nativos da região e, claro, éramos considerados “bugres” pelo poder público da região que não reconhecia nosso grupo étnico como nativos, os Chiquitano. Nesse período, nossos parentes que moravam na Terra indígena Portal do Encantado estavam na mesma situação de luta pela permanência na terra. Foi através deles que chegou até nós a notícia da existência da FUNAI e o conhecimento de que nós tínhamos esse direito sobre aquilo que sempre foi nosso, o território.

> No primeiro momento, nós pensamos conseguir nosso espaço com a ajuda do INCRA, porque nós achávamos que seria mais fácil, nós ainda não sabíamos da existência da FUNAI, mas depois ficamos sabendo que a FUNAI cuidava dessas causas como era o nosso, então chamei o Fábio, o Aluísio, tinha mais [....] e nós fizemos um grupinho e eu principalmente ia conversando com as pessoas para ver o que cada um achava, até que fizemos uma reunião com todos e fomos explicar a real situação que a gente

> estava, daí decidimos escrever uma carta, um documento e mandamos para a FUNAI, na época lá no Acorizal e Fazendinha já estavam nessa luta e daí foi que chegou até nós esse conhecimento, depois como não tinha mais emprego ali eu tive que sair pra trabalhar fora, mas ficou encaminhado eu que dei início aliás nós jovens que demos início, depois o Florêncio continuou e aí foram entrando mais pessoas na luta (Entrevista com Elidio Urupê, 25 de setembro de 2021 s.p.).

A reivindicação das famílias Chiquitano de Vila Nova pelos seus direitos originários chegou ao conhecimento da FUNAI como um pedido de socorro no momento em que mais uma vez as famílias estavam aflitas por temerem ter que sair dali, com a diferença que só dessa vez sem saber para onde ir.

Então as coisas começam a ser diferentes: até então, chamados apenas de **bugres**[7], nome pejorativo dado pelos colonizadores, passamos agora a nós autoafirmar fazendo valer, diante do poder público, nossa verdadeira identidade de Chiquitano. Até aquele momento, os Chiquitano não eram reconhecidos na região e não se falava e tampouco se ouvia dizer que se assumiam como tal.

Logo que se espalhou pela região a notícia de que as famílias da nossa comunidade Vila Nova Barbecho, assumiram a identidade e começaram a lutar pelos direitos, era comum ouvir pela redondeza "vocês estão virando índio". Ou, às vezes, até "vocês viraram índio?" ou, ainda, "vocês vão comer carne crua e raiz do mato?" "Vão andar pelados?", dentre outros termos e expressões pejorativas que se ouvia muito aqui na região. Por essa razão, por um período a aldeia Vila Nova Barbecho ficou um pouco isolada, principalmente por parte das pessoas conhecidas e familiares que ali não moravam pelo fato da afirmação da identidade.

Todo esse estranhamento que se deu na região na verdade é do interesse de posseiros, que ainda existiam nessas terras. Isso veio à tona quando, no ano de 2003, esse território foi invadido por 70 famílias de posseiros, que, ao saberem que o Território estava nessa situação, chegaram e se instalaram no entorno da aldeia, resultando em meses de muitas preocupações para as famílias Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho.

Naquele tempo eu não entendia e não passava pela minha cabeça o porquê de nossos pais não comentar sobre nossa própria identidade. Hoje, consigo entender o motivo. Na verdade, o silêncio se dava pelo medo das pressões, preconceitos e discriminação; eles eram resilientes para poderem sobreviver.

[7] Bugres é o nome pejorativo utilizado por algumas pessoas para identificar os Chiquitano. Trata-se, portanto, de uma forma de negar a existência dos Chiquitano.

A partir de então, a Comunidade de Vila Nova passou a receber pequenas assistências da FUNAI, além de visitas de missionários jesuítas. Assim, a comunidade foi buscando maiores conhecimentos sobre os seus direitos originários.

Em 2005, participaram da primeira reunião de lideranças indígenas em Cuiabá Florêncio Urupe e Admilson Urupê. Florêncio Urupe foi o primeiro cacique da aldeia Vila Nova Barbecho e Fábio Soares Flores foi seu vice, Elena Laura Chue, esposa de Florêncio, sempre o acompanhou na luta e até hoje é uma grande liderança e consultora nativa na aldeia.

Posteriormente, mais pessoas entraram e ajudaram a comunidade, atuando juntas na linha de frente do movimento, dentre as quais também se destacaram e que considero importante registar: Celina tem sido uma grande companheira de luta no início desse processo, tendo acompanhado por um período a liderança de Florêncio. Sua atuação tem sido importante na história desde o início dessa luta.

No cacicado de Florêncio, no qual Celina atuou junto a ele em reunião com a comunidade, foi feita uma análise e decidiram acrescentar o nome de Barbecho ao nome de Vila Nova, já que esse nome imposto por Edir não fazia tanto sentido para a comunidade devido ao processo histórico das famílias. Resolveram manter o nome de Vila Nova, mas acrescentar o Barbecho na frente, pois assim se sentiam mais caracterizados de acordo com a realidade.

Celina acompanhou e colaborou muito na luta, voltando a morar na aldeia por um período. Ela construiu sua **moradia** na aldeia, mas sua casa foi queimada pelos funcionários da fazenda São Pedro no ano de 2010. Durante o tempo em que Florêncio, meu pai, foi cacique, eu ainda era uma jovem adolescente, embora eu sempre o acompanhei, o que foi muito importante para mim.

Logo também Soilo Urupe Chue, que morava na cidade para estudar, retornou para a aldeia e foi contribuindo na luta com conhecimento e encaminhamentos das demandas, e principalmente sobre a escola.

Na imagem a seguir, vemos o 1° Cacique em gestão nesse período: Florêncio, sua esposa Elena e sua filha Maria, no salão de palha, onde eram realizadas as aulas. Esta fotografia registrada pela religiosa Marluce Almeida que na ocasião visitou a aldeia, levando alguns presentes para as crianças.

Figura 10 – Florêncio ao lado de sua esposa Elena e sua filha Maria (foi o primeiro Cacique da aldeia vila Nova Barbecho)



Fonte: arquivo pessoal de Marluce Almeida. Maio de 2008.

A Aldeia Vila Nova Barbecho encontra-se localizada a 110 km de distância da sede do Município de Porto Esperidião – MT. Atualmente, ela possui 28 famílias com um total de 100 pessoas. A aldeia continua na luta pela demarcação do território e até o momento não foi criado um Grupo de trabalho – GT – para a realização dos estudos demarcatórios. A aldeia tem apenas 25 hectares de terra para uso exclusivo das famílias Chiquitanos, porção de terra recentemente conquistada mediante acordo judicial a partir de uma liminar concedida pelo Poder Judiciário. Todavia, esse espaço não é suficiente para a sustentabilidade das famílias que aguardam a demarcação do território.

3. POR UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ESPECÍFICA, DIFERENCIADA E BILÍNGUE: A LUTA PELA IDENTIDADE CULTURAL DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CHIQUITANO JOSÉ TURÍBIO

A escola para os povos indígenas é a mais antiga do Brasil e as primeiras iniciativas escolares são do período colonial. Ao tomarem posse das terras habitadas pelos povos indígenas, uma das primeiras ações dos europeus foi organizar e impor aos nativos um aparato educativo de acordo com os padrões ocidentais (BERGAMASCH; SILVA, 2007, pp. 126-127).

Dessa maneira, o processo histórico dos povos indígenas é marcado pela resistência, pela luta pelos direitos constitucionais, pelas reivindicações de territórios e pela luta por uma educação que atenda a realidade das comunidades indígenas sem as imposições que o mundo Ocidental apresenta. Saindo de uma experiência de tutela, os povos indígenas conquistaram o direito a uma educação específica, diferenciada, intercultural e bilíngue. Quando nos referimos, aqui, ao projeto escolar indígena, podemos afirmar que só será escola indígena se for pensada, planejada, construída e mantida pela vontade livre, consciente e autônoma da comunidade. (BERGAMASCH; SILVA, 2007).

A fundamentação jurídica deste novo momento da educação escolar indígena no Brasil está registrada na Constituição de 1988, que reconhece o direito dos povos indígenas a uma educação escolar diferenciada que respeite os processos educacionais próprios de cada povo (artigo 210), direito esse confirmado em outras leis da educação, como é o caso da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996 (artigos 78 e 79) e do Plano Nacional de Educação, de 2001, no qual a temática da educação escolar indígena figura em capítulo específico (nº 9). Assim, a educação escolar indígena passa a ser responsabilidade do Ministério da Educação:

> Resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE) regulamentam, Pareceres detalham e conceituam a Educação Escolar Indígena nacional, merecendo destaque a Resolução Nº 3, de novembro de 1999, que "fixa as Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências". Como uma das consequências dos avanços legais, a educação escolar indígena, até 1991 tutelada pela FUNAI, passou para o âmbito do Ministério da Educação. A Constituição de 1988 inaugurou no Brasil também a possibilidade. A Constituição Federal reconhece o direito dos povos indígenas a uma educação escolar própria – específica e diferenciada, intercultural e bilíngue, que respeite os processos próprios de ensino e aprendizagem. No artigo 231 da referida Constituição podemos ler que "são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas e tradições, e os direitos originários sobre as Terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (BERGAMASCH; SILVA, 2007, p. 128).

Trata-se de uma escola específica e diferenciada pelo fato dela ser pensada e planejada como um reflexo das aspirações específicas de cada povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e a orientação da escola não indígena.

Portanto, para pensar na prática da construção da escola indígena, faz-se necessário que se considere a realidade vivida pelos estudantes e pela comunidade Indígena. Nesse sentido, a escola deve ser um lugar de compartilhar saberes, valorizar e respeitar as especificidades de maneira que contemple a realidade dos alunos de forma Intercultural e que se utilize de práticas e estratégias que possam incluir a revitalização, valorização e o fortalecimento dos saberes tradicionais de forma que possa haver a retomada Cultural com atividades prazerosas e incentivadoras aos estudantes, atendendo o anseio da comunidade.

Sendo assim, ao se pensar uma escola com ensino diferenciado que venha contribuir para a construção do conhecimento, abrindo maior possibilidades de lutar pelos direitos como cidadãos, e, principalmente, no reconhecimento étnico, é importante destacar também a formação dos professores indígenas para que possamos construir ações que privilegiem o ensino e a aprendizagem dos alunos, utilizando-se de métodos que fortalecem e enriquecem os conhecimentos.

Os alunos da aldeia Vila Nova Barbecho sempre enfrentaram dificuldades para realizarem seus estudos, seja pela distância das escolas, pelo difícil acesso, e posteriormente, pelo enfrentamento de preconceitos por assumirem a identidade de indígenas Chiquitano. A criação da escola foi uma necessidade que partiu da aldeia devido a diversas situações, assim como a reafirmação da identidade étnica do povo Chiquitano, que veio a aflorar na aldeia Vila Nova Barbecho no ano de 2005, após as famílias correrem risco de serem expulsas de seus territórios.

Nesse início da luta pelas reivindicações dos direitos, meu pai, o senhor Florêncio Urupe Muquissai, foi o primeiro cacique da aldeia a lutar pelo direito de ser reconhecido como povo indígena chiquitano. Fomos buscando aprimorar nossos conhecimentos em relação aos nossos direitos como Chiquitanos originários dessa região e eu o acompanhava nas reuniões registrando as atas.

Algumas famílias ficaram receosas, pois temiam os preconceitos e as pressões que a partir de então passamos a enfrentar. Alguns decidiram ficar quietos e preferiram não assumir sua identidade étnica. E pior, outros negavam sua própria identidade. Por outro lado, as famílias que iniciaram essa luta começaram a enfrentar muitos preconceitos, discriminações, pressão física e psicológicas e até ameaças, mas não desanimaram e não desistiram da luta.

Para evitar que as crianças tivessem que continuar a lidar com esses tipos de constrangimento desde o momento que embarcavam no ônibus até a chegada na escola onde estudavam, as lideranças, em conjunto com algumas famílias da aldeia, buscaram conhecer a existência da Educação Escolar Indígena, buscando parceria junto a um grupo de missionários, padres e religiosas que, nesse período, começaram a visitar a aldeia; também com auxílio do Conselho Indigenista Missionário – CIMI e da FUNAI, eles lutaram por uma escola específica e diferenciada dentro da aldeia.

As dificuldades que foram enfrentadas pelos estudantes e pela aldeia são evidentes e, ao conversar com pessoas da comunidade, são óbvios os principais motivos que instigam as lutas e as reivindicações. Motivos esses já citados por Florêncio e enfatizados por Soilo em suas entrevistas.

> A escola foi uma demanda, uma reivindicação dos próprios moradores da aldeia Vila Nova Barbecho, porque a gente não tinha uma escola específica e diferenciada, a gente tinha as escolas estadual e municipal no município de Porto Esperidião nas quais os ônibus vinham de fora, para buscar os alunos e levar para uma outra escola que fica a 8 quilômetros da nossa aldeia. Começamos como sala anexa, mas a dificuldade era muito, porque por um lado na escola que não é indígena a gente sofria, o preconceito, o racismo e, às vezes, até violência física. Inclusive, esse foi um dos pontos principais de nós reivindicarmos nossa própria escola dentro do nosso território, mas tinha outras dificuldades que a escola Indígena do Portal do Encantado ficava longe da nossa aldeia e nós tinha que ir mais de 50 quilômetros pra poder buscar a merenda e material pedagógico, isso de bicicleta a dificuldade era muito, por isso que nós pensamos de lutar para que funcionasse uma escola e que respeitasse o nosso direito dentro da nossa própria aldeia (Entrevista com Soilo Urupe Chue, 25 de agosto de 2021 s.p.).

Nos arquivos da escola, foi possível encontrar os primeiros documentos feitos pela comunidade no ano de 2006 e enviados para a SEDUC por meio da coordenadoria de Educação Escolar Indígena, assim como para própria FUNAI. Foi possível perceber que, apesar de pouco conhecimento, ainda naquele momento as pessoas que estavam na linha de frente não se intimidavam, preparando os documentos do jeito que era possível e encaminhando-os com as devidas reivindicações. Os documentos revelavam o desejo das famílias em ter oportunidade de acessar uma escola Indígena específica e diferenciada dentro da aldeia, principalmente naquele momento em que a reafirmação da identidade étnica causava impacto na vida de todos da aldeia.

Era comum ouvir os falatórios “agora viraram Índios, vão andar pelados, comer raiz”, era evidente a falta de conhecimento dos que pronunciavam tal expressão, até de sua própria história, origem e identidade Chiquitano; outros porque também tinham interesse nas terras dos

chiquitano e principalmente daqui da aldeia Vila Nova Barbecho e por isso utilizavam essas atitudes discriminatórias e preconceituosas.

Até então, os alunos estudavam fora da aldeia em escolas não indígenas. Essas escolas, municipal ou estadual, eram distantes da aldeia e os alunos demoravam muito tempo para chegar até elas. Alguns iam de bicicleta, mas a maioria ia a pé. Com o passar do tempo, o ônibus escolar passou a realizava o trajeto:

> Até então os filhos estudavam em escola do município, como estava surgindo vários conflitos devido a luta do povo, o pessoal estava usando muita discriminação na questão da luta dos povos indígenas que estavam reivindicando seus direitos foi a partir daí que surgiu a ideia de procurar os meios de como conseguir uma escola especifica e diferenciada para comunidade, que atendesse todos os anseios dos pais e dos alunos (Entrevista com Pedro Celio Tossue Soares, 14, de agosto de 2021 s.p.).

Após muita luta e reivindicação por parte das lideranças da aldeia Vila Nova Barbecho e com auxílio de pessoas parceiras nessa luta por uma escola Indígena especifica e diferenciada para atender a demanda aqui existente, a criação da escola foi uma grande conquista, passando a ser acessada por nós, Chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho, no ano de 2007. Nesse ano, foi criada a primeira sala de aula anexa/extensão que tinha como sede a primeira escola Indígena localizada a 60 km de distância da nossa aldeia, na Terra Indígena Portal do Encantado. A escola permaneceu como extensão por dois anos, conforme consta no Projeto Político Pedagógico – PPP da escola:

> A Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio está situada na Aldeia Vila Nova Barbecho município de Porto Esperidião – MT. [...] Iniciou como extensão da Escola Estadual Indígena Chiquitano da Terra indígena Portal do Encantado em 2007 e permaneceu até o final do ano de 2009. [...] Foi criada pelo Decreto N.º 1878, [...] em 26 de março de 2009, [...] porém a escola José Turíbio só iniciou suas atividades pedagógicas de maneira independente no início do ano de 2010 (PPP, 2020, p. 01).

No ano de 2007, a escola atendeu apenas uma turma multisseriada do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O primeiro professor da aldeia foi Pedro Celio Tossue Soares, conforme seu relato:

> Em 2007, foi o ano que iniciei trabalhar aqui na aldeia como primeiro professor. A nossa escola surgiu a partir do Portal do Encantado, ela era anexa. A partir daí começou a luta da comunidade, dos pais e de todos os interessados para conseguir uma escola dentro da aldeia (Entrevista com Pedro Celio Tossue Soares, 14 de agosto de 2021 s.p.).

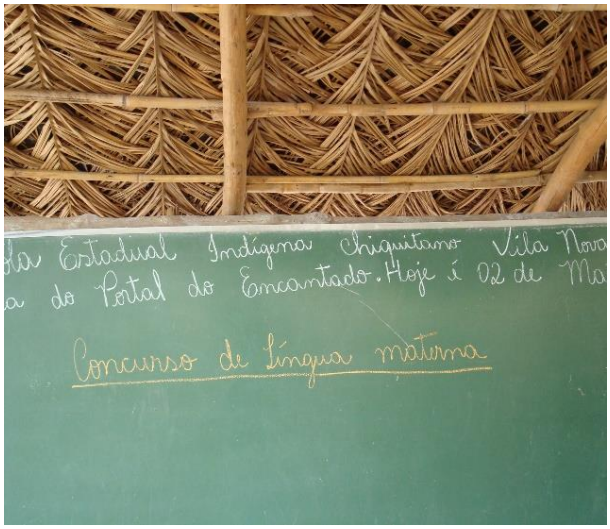
O início das aulas dentro da aldeia aconteceu em um local provisório, o barracão comunitário construído de palha de acuri e chão batido. Na foto o primeiro professor Pedro Célio em dia de aula.

Figura 11 – Primeiro professor chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho



Fonte: Marluce Almeida. Maio de 207.

Figura 12 – Escola da Aldeia Vila Nova Barbecho



Fonte: Marluce Almeida. Maio de 2007.

Na imagem acima, podemos observar que é o registro de um dos dias em que se realizou o concurso da Língua Materna Chiquitano com os estudantes, a fim de motivá-los a conhecer e a aprender a Língua Materna do próprio povo.

O nome da escola foi escolhido em uma reunião da comunidade, no dia 22 de setembro do ano de 2008. À época, foram apresentadas duas sugestões de nomes, sendo uma, Escola Indígena "São Francisco", sugerida pelos anciãos Clemência e Nicolau e a segunda, Escola Indígena "José Turíbio" sugerida por Elena Laura Chue, liderança religiosa na aldeia e neta de José Turíbio. Analisando as sugestões apresentadas e conforme o processo histórico de cada sugestão, foi feita uma eleição para a decisão final. Então o nome de José Turíbio foi eleito. Assim, a escola foi denominada de "Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio".

Esse nome foi uma homenagem ao antigo pajé, meu bisavô materno. Segundo o relato de sua neta, Elena Laura Chuê, José Turíbio foi um homem guerreiro e praticante da Cultura Chiquitano; ele desenvolvia diversas funções, fazia artesanatos de barro, de palha de buriti, era rezador no dialeto Chiquitano, dava sermão, era curandeiro e parteiro. Desenvolveu muitos trabalhos de cura e era muito respeitado, procurado e admirado pelas pessoas, pois desenvolvia muitos trabalhos importantes na Cultura Chiquitano. Isso fez com que ele tivesse grande referência na região (PPP, 2020, p. 01).

Realizando uma busca nos arquivos da Escola José Turíbio, encontramos um breve relato sobre a história de vida de José Turíbio, registrado pelos professores logo no início da criação da escola:

> No tempo que os fazendeiros levavam índios para serem escravos, José Turíbio foi um dos escravizados desde bebê, pois seus pais já eram escravos quando ele nasceu […] José Turíbio saiu do poder de seus pais ainda criança. Pois era obrigado pelos senhores fazendeiros. Não deixavam os filhos morarem com os pais. José Turíbio foi levado para uma casa onde viviam todos os filhos dos escravos. Viveu ali nessa vida durante vinte e quatro anos (24). Com vinte cinco anos pensou em arrumar uma esposa, acontece que eles viviam ali rapazes e moças, mas era proibido até olhar um para outro. José Turíbio deu um jeito bem escondido e conversou com uma moça chamada Angela Ponhê. Combinaram para fugir daquele lugar, junto com eles fugiram mais dez (10) casais, ficaram escondidos no mato durante muito tempo, pois os donos da casa mandavam seus capangas (caçadores de escravos) atrás. Após muito tempo no esconderijo no mato começaram a separar dos companheiros, cada casal seguiu seu destino.[...] Seguindo seu destino mudaram para Barbecho. Depois mudaram para Tocanguira, em seguida vieram para Vila Nova Barbecho, nestes últimos lugares José Turíbio foi um homem de muito valor e sucesso. Com seus talentos ele desenvolvia diversas atividades importantes para nossa Cultura: fazia potes, panela, pratos colher, cassuela, tigela, copo, xícara, jarro, moringa e a matéria prima era o barro. Fazia apa, peneira, cesto, balaio, matéria prima taboca e buriti. Fiava algodão para tecer rede e também fazer cobertor e até mesmo para fazer roupa de linho. Construía cocho para curtir couro, fabricava barril de barro para fazer açúcar. Com o couro do boi, fazia laço para amarrar animais. José Turíbio era muito generoso e solidário. Curava as pessoas gratuitamente com remédios caseiros e orações na língua, pois era falante da língua Chiquitano Ele tinha suas próprias vasilhas que levava quando ia curar alguém. Principalmente quando ia fazer parto de mulher, porque ele era parteiro. José Turíbio viajava só a pé. Certa vez foi curar uma mulher que estava quase morrendo no parto. Conseguiu curá-la e ganhou um bezerro de

> gratificação. Amansou esse bezerro e foi o meio de transporte de José Turíbio. Era também tocador de flauta nas festas tradicionais. Muito católico, não sabia ler, mas tinha tudo sobre reza guardado na memória. A reza era feita na língua materna, fazia longas explicações que era chamada de sermões. Aconselhava muitas pessoas que precisavam dele como amigo. José Turíbio era um homem que causava muita inveja para muitas pessoas por causa de sua bondade. Adoeceu de dor de cabeça, passados três anos, não aguentava mais, disse que tinha algo descendo de sua cabeça para o nariz, soando o nariz saíram três bichos de moscas e após isso não aguentou mais. Morreu e está enterrado nesta área [...] (Arquivo escolar, 2009, s.p.).

Em 2008, a escola passou a atender mais uma turma, a Educação de Jovens e Adultos – EJA, com a qual tive oportunidade de trabalhar. Havia apenas dois professores contratados pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura – SEDUC e uma merendeira, que trabalhou o ano todo de forma voluntária, uma vez que não recebeu nada pelo seu trabalho. As atividades escolares funcionavam em um barracão de palha da aldeia.

Fui indicada pela comunidade para trabalhar com a turma na Educação de jovens e Adultos – EJA e fui contrata pelo Estado, dando início a essa nova experiência. Apesar de serem todos conhecidos ali da aldeia (meus tios, primos, avós, mãe, pai), eu trazia uma interrogação: como ensinar a essas pessoas que já carregavam uma riqueza imensa de conhecimento. O que ensinar? Como ensinar? Sem formação nenhuma, sem saber quase nada sobre escola Indígena específica e diferenciada, apenas com o Ensino Médio completo, assumi essa responsabilidade.

Diante dessa realidade, percebi que o processo histórico não era recente e tampouco pequeno, pois de Acorizal, Córrego seco, Barranquinho, Cabeceira, Barbecho, Figueirinha, São Pedro e Vila Nova Barbecho passaram-se quase um século e só então as famílias Chiquitano da atual aldeia Vila Nova Barbecho passam a lutar pelos direitos constitucionais e territoriais. Uma das primeiras conquistas foi a garantia do acesso à Escola Especifica e diferenciada dentro da aldeia. O processo histórico do nosso povo tem sido muito desafiador e triste, pois tanto o grupo por parte do meu pai quanto o grupo por parte da minha mãe são Chiquitanos nativos originários dessas regiões.

As figuras 13, 14 e 15, mostram o período que eu, Saturnina, estou ministrando aula para os alunos da EJA. O local era o salão da comunidade feito de palha de acuri, lona e chão batido. Era ali que os alunos se reuniam para estudar. Os estudantes são todos meus familiares: meus pais Florêncio e Elena, meus avós Nicolau e Clemência, meu tio Francisco, irmão do meu pai e minha prima Maria Vicência. A foto nº 15 mostra o momento do lanche: umas bolachas salgadas e leite com café era o que tínhamos para aquele momento, momento difícil, pois o local era aberto e estávamos no período do frio. Elena, de blusa preta e camisa manga longa branca, era estudante e preparava os lanches. As fotografias foram registradas no ano de 2008, por Marluce, religiosa que nesse período visitava a aldeia com frequência.

Figura 13 – Alunos da EJA em sala de aula ano 2008



Fonte: Marluce Almeida. Ano 2008.

Figura 14 – Alunos da EJA em sala de aula ano 2008



Fonte: Marluce Almeida. Ano 2008.

Figura 15 – Alunos do EJA no intervalo para o lanche



Fonte: Marluce Almeida. Ano 2008.

A escola se manteve, em 2009, totalizando um número de 25 alunos e, assim, foi possível conseguir a sua criação de maneira independente, deixando de ser sala anexa. Após sua criação foi aumentando as etapas de ensino e o número de professores, de acordo com a realidade da aldeia.

Na imagem a seguir retrata a religiosa Marluce, em 24/01/2009, reunida com os três professores: Pedro Célio, de camiseta vermelha ao lado da irmã Marluce, e eu ao lado do meu irmão Soilo. Ela estava nos auxiliando com orientações em relação à educação escolar, pois na época que ela visitava a aldeia, estava como diretora de uma escola em Cuiabá. Marluce foi uma grande parceira no início desta empreitada.

Figura 16 – Equipe dos três primeiros professores em grupo de estudos em busca de maiores orientações



Fonte: Marluce Almeida. Janeiro de 2009.

Figura 17 – Reunião da comunidade para encaminhamento da escola



Fonte: Marluce Almeida. Janeiro de 2009.

Nesse tempo, sempre havia reunião das lideranças e pais da aldeia, que aproveitavam a presença das religiosas para obter maiores informações a respeito da Educação Escolar, a fim de realizar os encaminhamentos necessário para criação da escola na aldeia.

Um dos artefatos muito utilizados nas reflexões partia da inspiração no Pote de barro, pois o pote sempre reforçou a identidade Chiquitano, o contato e respeito com a Terra.

Figura 18 – Momentos de reunião e atividades realizadas com as crianças



Fonte: Marluce Almeida. Janeiro de 2009.

As crianças participaram desde o início da criação da escola, ajudando a pensar a escola sonhada. Elas faziam desenhos demonstrando como sonhavam a escola específica e diferenciada dentro da aldeia.

Na imagem a seguir, vemos o desenho dos alunos Edleny, Edmundo Nicolau, Leiliane, em 23/01/2009, sonho almejando a concretização da escola dentro da aldeia.

Figura 19 – Alunos apresentando trabalho, feito em grupos: a escola do sonho (2009)



Fonte: Marluce Almeida. Janeiro de 2009

O acesso à educação escolar Indígena específica e diferenciada, a partir da criação da Escola na aldeia, tem fornecido maior visibilidade e reconhecimento para o povo Chiquitano no que se refere às lutas e reivindicações por direitos até então negados. Contudo, os desafios ainda são muitos. Desde o início até chegar na atualidade, houve a participação e o envolvimento de muitas pessoas nesse processo.

Para os povos indígenas, a escola diferenciada é importante por levar em consideração o tempo de cada indivíduo, fazendo acontecer na prática a educação diferenciada e não apenas cumprindo ou seguindo regras que são impostas e determinadas pelo contexto ainda muitas vezes colonial da sociedade ocidental.

> A escola com Ensino específico e diferenciado contribuiu e muito com a escola porque ele vem cada vez fortalecendo a partir do ensinamento com os alunos; os professores ensinam o necessário para conhecer e valorizar a cultura do nosso povo e de onde moramos, a história por onde passamos para chegar até aqui; por meio disso está formando futuras lideranças que vão estar sempre de frente na luta pelo povo pela demarcação da Terra (Entrevista com Beline Tatiane Chue Urupe, 14 de agosto de 2021 s.p.).

Na escola diferenciada, a criança tem espaço para construção do seu conhecimento por meio da curiosidade. Desde pequenas elas observam tudo o que está a sua volta. As atividades realizadas pelos mais experientes são construídas por meio da imitação e as crianças vão, aos poucos, evoluindo em sua autonomia pessoal e coletiva, a oralidade está presente não apenas na fala, mas também na escuta respeitosa e atenta aos educadores e anciãos. A educação diferenciada está garantida na Constituição de 1988, como destaca o Parecer nº 13 de 2012, do Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica:

> O art. 210, § 2º, assegura às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. No art. 231 é reconhecido o direito a sua organização social, costumes, línguas e tradições e os direitos originários sobre as Terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União 59emarca-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (PARECER CNE/CEB Nº: 13/2012, pg.5).

Uma das práticas pedagógicas utilizadas na escola para fortalecer a língua Chiquitano eram os Concursos de Língua Materna.

Figura 20 – Edleny, estudante dos anos iniciais, sendo aplaudida pelos acertos no II Concurso da língua Materna Chiquitano.



Fonte: Marluce Almeida. Abril de 2010 .

Figura 21 – Professor Pedro Célio em sala de aula explicando aos estudantes como seria conduzido esse momento do II Concurso de Língua Materna



Fonte: Marluce Almeida. Abril de 2010.

Figura 22 – Estudantes participando do II Concurso da língua materna



Fonte: Marluce Almeida. Abril de 2010.

Da esquerda pra direita estão as estudantes Jaqueline e Edleny, que teve uma pontuação boa no concurso e conquistou um cobertor, que carrega no colo, como uma das premiações. Na sequência, estão Emerson, Janílson, Camili, Juliana e Dyonnatan, que também participaram do concurso ganhando uma caneca cada um.

Na nossa concepção de educação, o aprender vai muito além do fato de alguém ser alfabetizado. O respeito faz parte do processo de aprendizagem educacional, seja pelas pessoas mais velhas ou não. Para pensar a construção de conhecimentos, partimos da realidade levando em consideração, respeitando e valorizando as práticas da cultura e os saberes ancestrais de forma que seja possível fortalecer a autoafirmação étnica do povo.

> A construção de escolas indígenas diferenciadas, bilíngues, adequadas às especificidades culturais dos diferentes grupos, atendidas através de professores indígenas, tem se constituído como um grande desafio e vem exigindo das instituições e órgãos responsáveis a definição de novas dinâmicas, concepções e mecanismos, tanto para que estas escolas sejam de fato incorporadas e beneficiadas por sua inclusão no sistema oficial, quanto para que sejam respeitadas em suas particularidades (LEITE, 2008, p. 30).

A Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio na Aldeia Vila Nova Barbecho, por meio do ensino, quer reforçar cada vez mais sua identidade cultural. Ao longo dos anos, ela vem construindo o corpo docente com pessoas pertencentes à aldeia. Os docentes têm se aperfeiçoado por meio da faculdade, seja presencial ou à distância, vinculada com os saberes indígenas em parceria com as lideranças e anciãos da aldeia, considerados verdadeiros historiadores da cultura Chiquitano.

> Por meio da interculturalidade, é possível reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística, promover comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior à outra estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política (RCNEI/Indígena, 1998, p. 24).

Em razão dos vários fatores que dificultavam o acesso, tanto da gestora quanto do professor, à sede da escola, tal como a distância, por exemplo, a comunidade estendeu sua luta para que fosse possível criar escola independente. Finalmente, a Escola José Turíbio foi criada em 23 março de 2009.

Nesse período, éramos apenas 04 profissionais: 02 professores (o professor Pedro Celio e eu, Saturnina), a merendeira, Elena Laura, que também fazia o trabalho da limpeza do espaço

no qual as aulas aconteciam e o diretor, Soilo Urupe Chue, que foi escolhido pela comunidade após a criação da escola.

O prédio da comunidade, onde funcionam as atividades escolares, foi construído a partir de parceiras entre a equipe de solidariedade Chiquitano, a FUNAI, o CIMI e a própria comunidade. Essa edificação passou por várias modificações: iniciou com parede de tijolo, cobertura de palha de indaiá e chão batido, permanecendo assim até meados do ano de 2010. No ano de 2011, este espaço passou a ser todo de alvenaria e assim permanece até os dias atuais.

Figura 23 – Casa de multiuso em que funciona as atividades escolares



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2018.

A ausência de um território demarcado para nós, chiquitano, tem causado grande impacto na vida das famílias da aldeia. Atualmente, as famílias da aldeia Vila Nova Barbecho vivem em uma área de 25 hectare de terra, não havendo, portanto, espaço para caça, pesca, coleta de frutas e coleta de matéria prima para construção das casas tradicionais. Ou seja, o espaço não é suficiente para a sustentabilidade das famílias.

Conforme as atas encontradas nos arquivos da escola, há registros de que no dia 9 de dezembro do ano de 2009, um funcionário do MEC juntamente com uma funcionária da FUNAI e uma assessora pedagógica de Porto Esperidião estiveram presentes na aldeia para realizar uma

reunião com o objetivo de definir o local em que seria construído o prédio da escola pelo Estado. A comunidade escolheu o local e os profissionais presentes acompanharam a escolha. Ficou decidido que a escola seria construída entre a casa da professora Saturnina e a do professor Soilo. O funcionário do MEC fez as coordenadas do lugar que ficou decidido pela comunidade, de acordo com a seguinte localização Sul: 16 º 16` 123" W 59º 09` 722". (Ata de 09 de dezembro de 2009, arquivo escolar).

Todavia, a ação de construção da escola não foi concretizada até os dias atuais. O recurso para a execução da construção da escola foi disponibilizado, porém a construção não ocorreu pelo fato de não existir ainda o território demarcado.

Essa unidade escolar possui 13 anos de existência, sendo considerada por nós, professores, lideranças e pela comunidade Chiquitano, como marco inicial do pensar com e para uma educação escolar Indígena institucionalizada na aldeia, que trabalha de maneira diferenciada com os estudantes da comunidade. Trata-se de um marco que, ao nosso ver, sempre esteve vinculado à luta política para o reconhecimento dos nossos direitos enquanto um povo indígena tão violado no processo de colonização.

Como consequência, a construção e a implementação da escola, visa o reconhecimento e o fortalecimento da identidade étnica por meio das práticas culturais do povo Chiquitano. O fazer/saber/ser com os estudantes é interligado com outras iniciativas das suas vidas como modo educativo que, no nosso, entendimento está para além do espaço físico da escola e da unidade de ensino: está para vida toda dos estudantes como Chiquitano.

Muitos estudantes Chiquitano da aldeia que já concluíram o ensino médio não tiveram oportunidades de ter contato e nem conhecimento da educação escolar Indígena específica e diferenciada no processo de sua formação escolar, já que, até há pouco tempo, o acesso à educação escolar era em escolas fora do ambiente da aldeia. Eu, por exemplo, cursei minha educação básica fora do espaço escolar da aldeia.

Hoje, é possível o acesso à Educação Escolar Indígena específica e diferenciada e a construção do conhecimento com a implementação das práticas culturais e saberes do povo, que se autoafirma por meio do fazer/saber/ser pessoa Chiquitano.

Desse modo, vale divulgar, registrar, ressignificar e fortalecer o que considero como uma conquista da comunidade, uma escola dentro da aldeia que contemple a realidade local valorizando os saberes e as práticas da Cultura, bem como o entrelace dos conhecimentos considerados importantes na vida do povo Chiquitano dessa aldeia. Considerando que sou integrante da comunidade indígena, militante e professora graduada em Pedagogia Intercultural, como já foi exposto na introdução desse projeto, a escola é meu *locus* de trabalho.

Situada no interior da aldeia, ela nos permite desenvolver as atividades escolares e comunitárias que estão interligadas, não se tratando de algo desconectado da realidade local, mas sim interseccionada com a verdadeira realidade da comunidade Indígena.

Nela, desempenho o papel de liderança e conselheira com participação nas decisões da comunidade de forma paritária e de bom grado. A educação escolar Indígena é um processo que demanda ações concretas, efetivas e construtivas, visando o respeito, o diálogo e, principalmente, o ensino com qualidade.

3.1 Os professores, sua formação e suas práticas

A formação deve ser uma prioridade por parte dos responsáveis por gerir em instancias maiores a questão da educação, conscientes dos desafios e prioridades pautadas nas diferenças, conforme nos apresenta o parecer CNE/ CEB N: 13/2012, uma vez que a formação dos professores é um compromisso do poder público e do estado brasileiro.

> Formar indígenas para serem professores e gestores das mais de 2.836 escolas localizadas em terras indígenas é hoje um dos principais desafios e prioridades para a consolidação de uma Educação Escolar Indígena pautada pelos princípios da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade. A formação de professores indígenas – docentes e gestores – é, portanto, um compromisso público do Estado brasileiro que deve ser garantido pelos sistemas de ensino e suas instituições formadoras. A formação inicial deve ocorrer em cursos específicos de licenciaturas e pedagogias interculturais ou complementarmente, quando for o caso, em outros cursos de licenciatura específica ou, ainda, em cursos de magistério indígena de nível médio na modalidade normal. (PARECER CNE/CEB Nº: 13/2012, pg.26).

Como não há educação escolar sem professores e sem alunos, qualquer discussão sobre esse tema implica o aprofundamento de ações de formação continuada de professores qualificados para a complexidade da tarefa. Igualmente, essa discussão implica também na capacitação dos demais recursos humanos institucionais envolvidos nessas ações. Evidentemente, isso se aplica também à educação escolar indígena, considerada em relação às demais modalidades de ensino (educação infantil, educação de jovens e adultos etc.) por suas similitudes, mas, sobretudo, por suas especificidades. Ela só faz sentido se puder ser concretizada mediante investimentos maciços na formação de recursos humanos (RCNEI, p. 80).

> A Educação Escolar Indígena para sua realização plena, enquanto um direito constitucionalmente garantido, precisa estar alicerçada em uma política linguística que assegure o princípio do bilinguismo e multilinguismo, e em uma política de territorialidade, ligada à garantia do direito à terra, a autossustentabilidade das

> comunidades e a efetivação de projetos escolares que expressem os projetos societários e visões de mundo e de futuro dos diferentes povos indígenas que vivem no território nacional. (PARECER CNE/CEB Nº: 13/2012, pg. 7).

A conquista do acesso à instituição escolar dentro da aldeia para atender a demanda da comunidade indígena dentro de suas especificidades com oferta educação escolar indígena diferenciada foi uma grande vitória que, aparentemente, parecia ser de fácil concretização. Entretanto, não foi bem esse o caso. Escola garantida, mas e os professores? E a formação? Como desenvolver um trabalho de ensino específico e diferenciado se os professores Chiquitano que estavam iniciando seus trabalhos não tiveram a oportunidade de estudarem em escolas indígenas? Não tiveram acesso e não se ouvia falar dessa modalidade. Todos estavam, então, na busca de um maior conhecimento sobre a Educação Escolar Indígena. A tarefa não foi fácil; foi preciso mergulhar nas pesquisas com os anciãos e conhecedores das práticas da cultura e, principalmente, com os falantes da língua materna.

Esse processo foi considerado um momento alfabetizador para os professores, pois, para que pudessem ensinar os estudantes, primeiramente eles necessitaram realizar a sistematização dos conteúdos dos saberes indígenas, sendo preciso que tais conhecimentos fossem ensinados pelos anciãos.

Assim, os anciãos iam participar e ensinar os alunos e também o professor, que aprendia junto, sendo gradualmente alfabetizado nos conhecimentos e nas práticas da Cultura Chiquitano. Esse foi um dos grandes desafios enfrentados pelos professores logo no início. Foi com empenho, dedicação e esforço dos professores e alunos e com a colaboração dos anciãos e conhecedores das práticas da Cultura que esses desafios foram aos poucos sendo superados.

A escola iniciou suas atividades com professores que tinham apenas o ensino médio completo. Houve a necessidade da participação dos professores em formação continuada. Como falantes da língua portuguesa, foi necessário muito mais do que a formação continuada: foi necessário buscar conhecimentos até então vivenciados e até mesmo praticado pelos professores e alunos, porém desconhecidos de forma sistematizada.

As formações continuadas do CEFAPRO (Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso), as quais, depois de uma longa caminhada, conseguimos ter acesso, contribuiu muito para o desenvolvimento do trabalho dos professores que sempre se empenharam e se dedicaram para que pudessem desenvolver um ensino de qualidade para a aprendizagem dos estudantes.

> [...] quando a escola se tornou independente desde o primeiro diretor que foi Soilo Urupe Chue, a partir daí as coisas seguiu outro rumo, outro caminho; melhorou

> bastante porque a partir daí muitas coisas mudou, já vinha tudo que precisávamos, vinha diretamente para nossa escola, não ia mais lá pra escola da central. Então, muita coisa foi melhorando no sentido do aprendizado, também surgiram várias orientações, muitas outras pessoas contribuíram neste trabalho pedagógico, por exemplo, o CEFAPRO. Na época o pessoal vinha, orientava e a gente começou a participar mais das formações voltadas para educação continuada (Entrevista com Pedro Célio Tossue Soares, 14 de agosto de 2021 s.p.).

Os desafios que os povos indígenas enfrentam na atualidade exigem dos professores indígenas uma postura e um trabalho adequado e responsável. Eles devem se empenhar e desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, atuando como articuladores, facilitadores, incentivadores e problematizando a construção do conhecimento. A escola indígena deve ser um espaço de produção e construção de conhecimentos e de reflexão crítica.

Por isso, um dos desafios é dialogar com os novos saberes que são apresentados para que eles atendam às necessidades dos estudantes e os anseios da comunidade; e os professores indígenas devem estar preparados para exercer tais atividades. Nessa perspectiva, a escola dentro da aldeia tem um papel fundamental na vida do povo, principalmente no que tange à luta dos Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho.

> O principal papel da escola é direcionado, por meio dela se pode ter o aprendizado tanto do estudo, leitura, quanto a revitalização da nossa língua (falada) a escola fez esse resgate tão importante da língua. A escola também trouxe presente o estudo e conhecimento das ervas medicinais (Entrevista com Elena Laura Chue, 25 de agosto de 2021 s.p.).

A conquista da nossa escola permitiu que outras conquistas foram alcançadas e muitas práticas culturais foram retomadas, fortalecidas e, atualmente, colocadas em prática.

> [...] quando eu iniciei trabalhar aqui na aldeia. [...] não tínhamos material pedagógico suficiente, direcionado para educação indígena, então foi um processo difícil porque iniciei do zero, não tínhamos material, não tínhamos nada, muito menos orientações. Foi muito difícil, não tínhamos formação assim como hoje tem nas escolas indígenas, tem várias formações da CEFAPRO. Então, na época não tinha, comecei sem orientação mesmo e aí o pessoal lá da Central, eles pouco compareciam na escola (Entrevista com Pedro Celio Tossue Soares, 14 de agosto de 2021s.p.).

O respeito e, sobretudo, a valorização dos conhecimentos das práticas Culturais do povo Chiquitano e da língua materna foram e continuam sendo temas fundamentais no ensino, pois se trata do fortalecimento étnico, da revitalização e da reafirmação daquilo que, conforme nosso processo histórico, ficou adormecido por muito tempo.

A escola dentro da aldeia, conduzida por profissionais Indígenas Chiquitano da própria aldeia, tem contribuído muito para a revitalização e para o fortalecimento das práticas Culturais

e da língua materna do povo Chiquitano. A ausência de material pedagógico no início dos trabalhos escolares foi uma situação vivenciada pelos professores, conforme relata o professor Pedro Celio. Contudo, essa ausência não impediu que os professores Chiquitano usassem a criatividade e a metodologia para desenvolver atividades com os estudantes; pelo contrário, desde seu início até os dias atuais, todos os professores que aqui passaram e ainda estão em atual trabalho tiveram e têm compromisso, competência e muita responsabilidade com o trabalho. Esse trabalho tem possibilitado a parceria entre a comunidade e a escola, fazendo com que as temáticas dos saberes e conhecimentos ancestrais sejam trazidas para dentro do currículo da escola e valorizados pelos professores, para que haja, assim, além da sistematização desses conhecimentos pelos estudantes, o fortalecimento e a continuidade dessas práticas.

> Eu costumo falar que o professor Indígena ele é um professor 24 horas. Ele não é só naquele período que ele está contratado isso, é muito visível e todos os professores desde o início tiveram muito compromisso. Eu como primeiro diretor, procurava fazer de fato que as coisas funcionassem porque aquele trabalho, aquela metodologia que a SEDUC mandava para gente dentro da escola, a gente não sente contemplado no diferenciado; então o professor voltou a ensinar a língua materna, os professores passaram a ministrar aulas de saberes indígenas, dos saberes nossos, coisas que a gente nunca fez na escola que não é indígena (Entrevista com Soilo Urupe Chue, 14 de setembro de 2021 s.p.).

Com a criação da escola, foi notável o fortalecimento étnico e cultural da aldeia com a retomada e o resgate feito pela escola por meio do trabalho dos professores em parceria com os anciãos conhecedores das práticas autóctones, contribuindo para o fortalecimento da própria cultura.

> Depois que criou de fato a escola José Turíbio dentro da nossa aldeia, teve uma mudança e um fortalecimento muito grande para nós e um avanço na própria cultura. Mesmo enquanto escola Indígena, a gente consegue ensinar as disciplinas fazendo os nossos próprios artesanatos tanto na questão da palha dos buritis das fibras e também do barro, a gente consegue fazer esse trabalho com os alunos. Ao mesmo tempo que a gente tá ensinando e eles estão aprendendo o conhecimento escolar, eles também estão fazendo o nosso artesanato, também a questão da música, da dança é mais frequente, é mais livre do que em outras escolas que não é indígena, ele acontece e é valorizado por nós mesmo e não simplesmente fazer uma apresentação. A gente vive uma apresentação, é diferente, ele tem um outro sentido de você fazer para outras pessoas de fora ver e você fazer a dança, vivenciar ele mesmo tem uma dimensão bem forte. Eu vejo que essa cosmologia da musicalidade está junta, eu vejo que a escola dentro da nossa própria aldeia, ela tem um papel, uma missão de suma importância para todas as ações, porque ali a gente vai envolver todos com essa visão do fazer e do olhar da coletividade (Entrevista com Soilo Urupe Chue, 14 de setembro de 2021 s.p.).

Dessa forma, o fortalecimento da identidade étnica, da língua materna, das práticas culturais, dos valores, dos conhecimentos, dos direitos constitucionais, da busca pela autonomia

e do diálogo entre os dois conhecimentos, os da cultura Chiquitano e os conhecimentos do mundo Ocidental, são pontos fundamentais na função social da escola, como indica o PPP da escola:

> A Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio tem por missão buscar contribuir na formação de cidadãos conscientes e orgulhosos de sua identidade étnica, visando a segurança, revitalização da língua materna, conquista e fortalecimento do povo Chiquitano. E também desenvolver atividades que fortaleçam a luta do povo Chiquitano pelos seus direitos, bem como a autonomia. [...] tem por Filosofia contribuir na formação de cidadãos conscientes e orgulhosos de sua identidade étnica, assegurando o direito de "SER CHIQUITANO" mostrando aos estudantes e sociedades indígenas e não indígenas, suas conquistas, costumes, cultura ancestral, visando à formação humana Chiquitano e escolar. Para que possam juntos, viver no contexto social com segurança, contribuindo na formação de valores sociais que respeitem as diferenças, assegurando seus direitos autóctones. E oportunizar o fortalecimento dos dois saberes, (os saberes milenares Chiquitanos e os saberes da sociedade envolvente), partindo da realidade dos educandos indígenas, da língua materna e ampliando o conhecimento do mundo ocidental, para estarem preparados para viver dentro e fora da aldeia, para onde quer que for, independente de função que exercer, nunca esquecer sua ancestralidade agindo com autonomia (PPP, 2020, s.p.).

A formação de professores foi uma grande luta, principalmente a partir da criação da escola, em 2009. No decorrer da caminhada no final do ano de 2010, o professor Pedro Célio, que havia iniciado o trabalho na escola, em uma reunião com a comunidade comunicou a todos que não teria mais condições de continuar trabalhando na escola no próximo ano, por decisão própria, iria se ausentar das atividades escolares na aldeia. Recordo que a decisão do professor causou um impacto muito grande para os pais, alunos e a comunidade, pois a escola estava ainda no início e todos estavam muito contentes com seu trabalho. Recordo que o diretor Soilo, os pais, os alunos e a comunidade presente agradeceram muito ao professor Pedro Celio pela coragem e por todo seu trabalho, pois ele foi um dos primeiros que iniciou essa empreitada aqui na aldeia. Foi necessário, então, reorganizar e encontrar outra pessoa para assumir o trabalho com a turma que ele trabalhava, para ano de 2011.

No início do ano de 2012, o diretor Soilo Urupe Chue foi aprovado no vestibular na UFMT para o curso de Psicologia, diante disso ouve a necessidade dele também se ausentar do seu trabalho na escola a fim de dar continuidade aos seus estudos. Então, do nosso grupo de três professores, pioneiros da caminhada escolar na aldeia, ficou apenas eu para dar continuidade com o trabalho escolar. Com a saída de Soilo, fui indicada pela comunidade para atuar na direção da escola. Naquela ocasião para mim não teve uma alternativa a não ser assumir o barco e buscar outros companheiros para embarcar nessa jornada. Ao assumir a gestão da Escola, muitos desafios foram acontecendo: éramos pouquíssimos os que tinham o Ensino

Médio completo morando na aldeia. Naquela época, éramos nós três: o diretor Soilo, o professor Pedro Celio e eu, Saturnina.

Nesse período em que assumi a gestão da escola, passamos por uma experiência que vale a pena contar. Foram quatro anos de muita persistência, pois sempre que conseguíamos as pessoas para trabalhar como professores, elas passavam em vestibular e tinham que deixar a escola para continuar a estudar. Acontecia também de parentes que moravam em outros lugares que vinham para trabalhar como professor, mas que não se acostumavam e acabavam indo embora.

Dessa forma, a busca por professores permanecia. Nesse período, tivemos que recorrer aos parentes que moravam fora da aldeia e, para mim, enquanto gestora, isso foi um grande desafio, pois todo ano essa situação se repetia.

O desafio em relação à busca de professores para trabalhar na escola perdurou até o ano de 2014. Em 2015, a primeira turma concluiu o Ensino Médio aqui na escola, permitindo que dois estudantes que concluíram a educação básica integrassem o quadro de professores a partir do ano de 2016. Suzilene Urupe Chue, que era estudante e já trabalhava como merendeira, passou a ser professora; Edmundo Nicolau Chue Muquissai, que também era estudante, passou a ser contratado como professor. A conclusão dessa turma foi uma grande conquista para a escola e para a comunidade, pois, a partir de então, foi possível estabelecer o quadro de professores de forma fixa. Depois dessas novas contratações, o quadro de profissionais da escola ficou composta pelos professores Chiquitano da nossa própria aldeia que já possuíam o ensino médio completo.

Podemos ver na imagem a seguir olhando da esquerda para direita a equipe escolar: o professor Mauro Urupe Chue, o professor Gonçalo Arildo Muquçai Chue, Saturnina Urupe Chue na função de diretora, a professora Suzilene Urupe Chue, Luzemira Pachuri Araújo como apoio administrativo – Alimentar – nutrição escolar e o professor Edmundo Nicolau Chue Muquissai. Até esse período, tínhamos apenas um professor graduado: o professor Mauro Urupe Chue, que já era graduado em Matemática pela UNEMAT. Eu estava ainda em formação superior na faculdade Indígena Intercultural.

Figura 24 – Equipe de profissionais da Escola José Turíbio quadro a partir do ano de 2016



Fonte: Dyonnatan Chue. Dezembro de 2016.

A partir do ano de 2016, a escola contou com os primeiros professores com Ensino superior atuante na escola. Foram eles: Mauro Urupê Chuê, que se formou em matemática pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e Saturnina Urupê Chuê, formada em licenciatura Plena em Pedagogia Intercultural pela Faculdade Indígena Intercultural da UNEMAT.

Nesse mesmo ano de conclusão da graduação dos dois primeiros professores, os professores Suzilene Urupe Chue, Gonçalo Arildo Muquissai Chue e Edmundo Nicolau Chue Muquissai, que ainda tinham apenas o ensino médio, prestaram o vestibular e foram aprovados também nos cursos de Licenciatura e Pedagogia na Faculdade Indígena Intercultural. O ingresso desses professores na universidade no ano de 2016, em especial na Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI, tem auxiliado muito no trabalho escolar e comunitário, pois a formação proporciona trabalhar de forma específica e diferenciada, considerando, respeitando e valorizando as vivências dos estudantes. Isso tem contribuído muito para o bom desenvolvimento das atividades na escola e para o trabalho com a comunidade.

Assim, a escola caminhou com suas atividades pedagógicas conforme a demanda apresentada e todos foram aperfeiçoando suas formações com o objetivo de melhorar o ensino dos estudantes. Na aldeia, os professores têm um papel importante pelo fato de estarem engajados na luta pelas reivindicações dos direitos ao lado das lideranças.

Atualmente, o quadro escolar é composto por sete profissionais: 01 diretor, 04 professores e 01 apoio administrativo, que exerce a função de nutrição – merendeira e de apoio na limpeza, 01 técnico administrativo educacional – TAE que, nesse ano de 2021, apesar de estar atribuído na escola José Turíbio, realiza os trabalhos para duas escolas Chiquitano.

3.2 Os desafios enfrentados perante as exigências burocráticas

A conquista da criação da escola José Turíbio em atual funcionamento dentro da aldeia foi um ganho significativo na caminhada da luta da comunidade. Todavia, a escola não escapou aos desafios a serem enfrentados e superados todos os anos desde a sua existência.

Durante seu período inicial, o preconceito e a negação da escola eram muito fortes, principalmente por parte das lideranças ligadas às questões burocráticas. Dessa forma, aqueles que deveriam nos apoiar acabaram dificultando o processo de criação da escola.

> No Porto Esperidião, a gente chegava na assessoria Pedagógica na época [...] não queriam ajudar quando se falava em escola Indígena, sempre tinham um receio por estar iniciando [...]quase não davam apoio, não ajudavam a gente sofreu muitos preconceitos [...] foi difícil na questão da educação para continuar a luta e chegar ao que temos hoje (Entrevista com Pedro Célio Tossue Soares, 14 de agosto de 2021 s.p.).

Como se não bastasse as dificuldades já existentes, eram negados até mesmo os documentos dos alunos que pediam a transferência para estudar na escola da aldeia:

> No início, queriam deslegitimar a nossa escola falando que nós não tínhamos professores formados, não era de qualidade o ensino; quem fosse pra lá pra essa escola não ia nunca subir na vida, então tivemos esses desafios e mesmo a questão da ajuda técnica da própria SEDUC: não dava as orientações para nós, tivemos que montar uma pequena delegação e vir na assessoria e na SEDUC pra poder cobrar pessoalmente porque não estavam querendo aceitar a nossa escola, falavam muitos pontos negativos contra nossa escola. Nós tínhamos que viver com isso, mas nós não desistimos, a situação também que diziam que nós não íamos conseguir criar a escola porque nossa terra não era demarcada e aí vinha a questão do preconceito, de falar que a gente não era indígena, mas a gente sempre foi originário daqui, sabemos disso; por isso continuamos lutando firme, sem cair no fracasso (Entrevista com Soilo Urupê Chue, 14 de setembro de 2021 s.p.).

Embora as questões burocráticas fossem muitas, não podíamos nos calar e continuar invisíveis. Buscamos formas de superar esses desafios e, atualmente, temos, inclusive, artigos de filhos da aldeia que são uma contribuição para o fortalecimento da escola e também da cultura Chiquitano.

> Eu acredito que estou dando minhas contribuições, não foi só um artigo que fiz, mas tenho parte em capítulos em livros publicados. Eu acredito que contribuo nessa questão de ter vínculo e compromisso, de tirar essa invisibilidade que às vezes até os próprios órgãos de governo tentam invisibilizar a gente. Então acredito que esses materiais e conteúdo que são publicados tanto por mim quanto pelos outros professores e por outros estudantes dali de dentro, estão contribuindo para a gente divulgar mais para fora e ser visto, mas também trazendo um pouco de nossa vivência enquanto indígenas (Entrevista com Soilo Urupê Chue, 14 de setembro de 2021s.p.).

Os desafios estão sempre presentes e nós precisamos ficar atentos a fim de não deixar que tudo aquilo que foi conquistado por meio de muitas lutas e várias reivindicações sejam atropelados e retirados de nós.

A escola nunca contou com um quadro completo de profissionais, com diretor, secretário, coordenador, vigia, apoio merendeira, apoio de infraestrutura e limpeza. Para que esse quadro fosse completo, sempre houve as exigências que seguem conforme as portarias vigentes e o quantitativo de alunos perante essas portarias sempre foi considerado baixo para que a escola pudesse ter cada um desses profissionais contratados e atuando em suas referidas funções. A gestão da escola sempre foi composta apenas pelo diretor escolar que, do início de funcionamento da escola até os dias atuais assumiu a função de diretor, secretário escolar e coordenador pedagógico. Dessa maneira, o diretor sempre teve que se esforçar e ter um empenho redobrado para conseguir atender pelo menos as demandas principais a fim de que fosse possível manter a escola funcionando e regularizada. Essa tarefa não é nada fácil, já que, apesar da escola ser pequena e apresentar poucos alunos, ela segue as mesmas regras das outras escolas. Ser diretor em uma escola indígena, assumindo várias funções e conseguindo manter o seu funcionamento adequado, ou seja, cumprindo os prazos estabelecidos, é ser um verdadeiro guerreiro, já que não importa tamanho e nem quantidade de alunos, considerando que as exigências burocráticas são as mesmas de uma escola com um número maior de alunos.

Essa é uma realidade que, em minha análise, não é considerada pelo órgão responsável, pois as cobranças ocorrem como se a escola possuísse um quadro de profissionais contratado completo e atuando devidamente em suas referidas funções. As tentativas para conseguir essas vagas nunca foram poucas, embora quase nunca foram atendidas. É importante destacar que as escolas Indígenas em suas especificidades necessitam que os órgãos tenham a compreensão das

particularidades e encontrem formas de atender a demanda apresentada pelas unidades de ensino a fim de facilitar e contribuir para a superação desses desafios.

Cabe ressaltar que a demanda da Escola Chiquitano José Turíbio sempre foi uma situação excepcional desde sua criação, pois ela recebe os estudantes da própria aldeia de acordo com a realidade local, e, por se tratar de uma aldeia pequena, todo início de ano letivo a escola se depara com as mesmas situações desafiadoras. Há uma grande luta pela sua manutenção e continuidade, já que todo ano o número de alunos por turma é considerado reduzido, conforme as portarias que regulam e determinam a quantidade de estudantes por turma. Assim, sempre foram necessárias diversas justificativas para autorização das turmas, para autorização de vagas para contratação do apoio – merendeira, para apoio de infraestrutura e limpeza; na maioria das vezes, só é possível conseguir uma vaga de apoio, que também desenvolve os trabalhos de merenda e apoio de limpeza, pois essas vagas estão relacionadas ao número de estudantes, causando a limitação de vagas para cada função.

> Mantivemos o compromisso de não deixar pendências da escola, atualmente não temos pendências na escola, como muitos diziam que não iríamos conseguir manter a escola, iríamos ficar sempre com pendências, sempre lutamos e continuaremos para manter tudo em dia o que for da nossa responsabilidade, apesar de não ser fácil para uma pessoa sozinha na gestão dar conta de tudo, mas a gente se esforça (Entrevista com Soilo Urupê Chue, 14 de setembro de 2021 s.p.).

Todos os professores e profissionais que por ela passaram mostram que o esforço e empenho valem a pena, pois é com muita garra que continuamos juntos lutando pelo bem comum e lutando por uma educação específica e diferenciada, direito que nos é assegurado pelas legislações que regulamentam, principalmente pela *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. A escola na aldeia oferece a modalidade escolar Indígena que tem como prioridade atender o específico e o diferenciado. Sabemos que a escola é uma instituição de fora, que, ao chegar na aldeia, traz consigo uma série de questões, inclusive aquelas que não estão em conformidade com o anseio e realidade da comunidade Indígena. É preciso que gestores, que o conselho deliberativo – CDCE – e que as lideranças estejam sempre atentas às mudanças que ocorrem na forma como os órgãos e instituições se organizam e como isso chega nas bases escolares da aldeia. É preciso, portanto, ficar vigilante para que juntos possamos enfrentar as barreiras no dia a dia, no chão da escola e lutar sempre para que os direitos já conquistados não sejam retirados.

Considero importante destacar que no final do ano de 2021 foi lançado, pela mantenedora, o edital 010/21 que fixou normas de seleção para contratação de profissionais

para escolas Indígenas para o ano letivo de 2022. Isso tem sido um agravante que atingiu todas as escolas Indígenas do estado do Mato Grosso, assim como a unidade de ensino aqui objeto de análise. Com três professores em fase de conclusão do ensino superior em Licenciatura na Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI/ UNEMAT turma 2016/02 que tiveram prejuízos por alguns fatores que impossibilitaram a conclusão do curso dentro do prazo previstos, eles ficaram prejudicados, já que, de acordo com o edital, suas inscrições foram inativadas por constar apenas o ensino médio propedêutico.

Desse modo, os professores correram um risco muito grande de serem prejudicados e ficarem fora da sala de aula. A escola, por meio de sua gestão, que também tem papel de liderança na aldeia, não se manteve passiva e foi em busca de uma solução para situação. O desafio em questão, que ainda se encontra na tentativa de solução, aguarda o retorno do órgão de forma que respeite as comunidades Indígenas em suas especificidades e particularidades.

A luta por uma escola indígena específica ainda está longe de terminar, mas contamos, agora, com o apoio da comunidade e de uma legislação federal que garante o direito à educação diferenciada, mesmo quando os estudantes são poucos e vivem numa aldeia pequena.

4. O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DO POVO CHIQUITANO: PRÁTICAS CULTURAIS VINCULADAS À EDUCAÇÃO ESCOLAR

O direito à diferença cultural tem sido uma bandeira de luta do movimento indígena desde a década de 1970. O fortalecimento pode se dar de muitas maneiras e a escola é um dos meios, pois possibilita uma interação pelo conhecimento educativo e assume, enquanto instituição, diversos papeis e significados para a coletividade, assim como descrito no PARECER CNE/CEB Nº: 13/2012:

> A instituição escolar ganhou, novos papéis e significados. Abandonando de vez a perspectiva integracionista e negadora das especificidades culturais indígenas, a escola indígena hoje tem se tornando um local de afirmação de identidades e de pertencimento étnico. O direito à escolarização nas próprias línguas, a valorização de seus processos próprios de aprendizagem, a formação de professores da própria comunidade, a produção de materiais didáticos específicos, a valorização dos saberes e práticas tradicionais, além da autonomia pedagógica, são exemplos destes novos papéis e significados assumidos pela escola. Nos processos de reelaboração cultural em curso em várias terras indígenas, a escola tem se apresentado como um lugar estratégico para a continuidade sociocultural de seus modos de ser, viver, pensar e produzir significados. Nesta nova perspectiva, vislumbra-se que a escola possa tanto contribuir para a melhoria das condições de vida das comunidades indígenas, garantindo sustentabilidade, quanto promover a cidadania diferenciada dos estudantes indígenas. **(PARECER CNE/CEB Nº: 13/2012, pg.4).**

Nós, indígenas, em particular o povo Chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho, valorizamos as práticas culturais, pois elas nos ajudam a nos fortalecer enquanto cultura. Muitas delas, levamos para o ambiente escolar para que as crianças tenham com elas contato, já que atualmente algumas práticas não são corriqueiras nas famílias, até mesmo nas festas locais.

As práticas culturais que fazem parte do social da aldeia se vincularam ao calendário escolar. Nesse capítulo, destaco algumas dessas práticas realizadas por meio de oficinas: Oficina de confecção de roupas tradicionais, de **abanador**, **esteira**, **baquite**, **balaios** ou cestas, **apa** e peneira, confecção de utensílios de barro, confecção de **chipa**, coletas de ervas medicinais, momentos comemorativos, carnaval com as danças típicas **curussé**, cobrinha e sua religiosidade que se vivencia no período do carnaval, ritual das partilhas de comidas, de bebidas tradicionais – os denominados de **carinho**, partilha de alegrias nas brincadeiras e o ritual das bandeiras e da surra no último dia.

Essas práticas vinculadas ao trabalho escolar apresentaram resultados significativos na retomada Cultural. Vale reforçar que, para nós, são esses trabalhos e atividades que dão sentido à Educação Escolar Indígena específica e diferenciada. Trabalhar de forma articulada com o anseio da comunidade não se limita e se resume em apenas seguir as regras que vêm sendo

impostas a cada dia com maior frequência pelo Estado, mas sim criar estratégias e utilizar as metodologias que favorecem o povo e a comunidade.

Nesse sentido, os professores e toda a equipe escolar vem desenvolvendo e oportunizando o fortalecimento na vida étnica das famílias na aldeia e também o aprimoramento no ensino e aprendizagem por meio desse entrelace de conhecimentos que oportunizam as diversas experiencias, na prática e na sistematização dos trabalhos.

4.1 Os trançados de palha e da casca do Buriti

4.1.1 Confecção de roupas tradicionais

Nesse ponto, serão apresentados os trançados de palha e da casca de buriti confeccionados por muitas pessoas na aldeia. Ele é ensinado na escola para os alunos como aula cultural: os mais velhos que sabem fazer a trança são convidados nesse momento de aula prática. A seguir, imagens de confecção de roupas tradicionais:

Na imagem a seguir, podemos ver a aluna Leiliane, do Ensino Médio, em aulas de Práticas culturais, carregando brotos de buriti, coletado para confecção de roupas tradicionais, levando da mata para aldeia.

Figura 25 – Estudante carregando broto de buriti em aula de práticas Culturais



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

Na imagem 26, está o ancião Florêncio, meu pai, nos ensinado a amarrar os brotos de buriti coletado na mata para melhor carregar no ombro e levar para aldeia para confecção de roupas tradicionais.

Figura 26 –Ancião participando da aula de práticas Culturais para a retirada de buriti



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

Depois que os buritis chegavam na escola, os estudantes realizavam a preparação do buriti, destalando do talo e retirando a seda.

Figura 27 – Estudantes tirando seda de buriti para Confecção de roupas tradicionais



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

Depois, os feixes da seda retirados, eram pendurados para secar na sombra, enquanto os estudantes continuam em aula de práticas Culturais. Estas aulas foram ministradas pelos professores Edmundo e Mauro e no processo de destalação do buriti, contaram com participação do senhor Florêncio.

Figura 28 – Estudantes tirando seda de buriti para confecção de roupas tradicionais



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

Conforme o processo histórico de lutas e resistências do povo Chiquitano, após o contato com os não indígenas, muitas práticas da Cultura foram deixadas de ser praticadas. Alguns foram impedidos de praticar enquanto outros, por motivo de sobrevivência e necessidade, tiveram que abandonar a prática. Dessa forma, por meio do trabalho escolar foi possível retomar várias dessas práticas, dentre elas algumas que quase não se fazia e nem se usava mais.

As roupas usadas em momentos comemorativos são feitas de acordo com o tamanho da pessoa que irá fazer uso dela. Essas roupas são feitas de palha de buriti. O material é coletado ainda verde e as folhas são deixadas para secar à sombra. Assim que o material está seco, é retirado o que chamamos de talo, uma espécie de madeira fina que dá firmeza à folha. São então retiradas partes da folha em forma de cordões para a produção, seja de saias ou blusas, cujo modelo se assemelha a um sutiã. Para as meninas, a roupa é feita da seda que é retirada da folha do buriti, ou seja, da fibra, que é o material mais fino da palha. Para os meninos, a saia é feita somente da folha do buriti, acompanhada das pinturas corporais.

Figura 29 – Aluna Leiliane durante a oficina na confecção das roupas



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

Nessa atividade escolar, podemos observar o momento de confecção das vestimentas com a participação da senhora Elena Laura Chuê, momento muito significativo para os alunos.

Na imagem 30, podemos observar a senhora Elena, minha mãe, ensinando os alunos da turma multi 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental a confeccionar as roupas tradicionais, na aula ministrada pela professora Suzilene, comigo também participando da aula.

Abaixo, da direita para esquerda estão Isiz Beatriz, Samyla, André, Carolina, Jander Samuel, Mateus, Stefani, Marcelo, Edleny e Amanda.

Figura 30 – Alunas/o durante a oficina na confecção das roupas



Fonte: Edmundo N. Chue. Dezembro de 2018.

Para nós, indígenas Chiquitano, desde cedo buscamos mostrar às nossas crianças a importância de assumir a identidade cultural. Nesse processo de aprendizagem, podemos trabalhar várias questões na escola: é possível ensinar o período da lua para realizar a colheita do material, pois é necessário que todos conheçam as fases adequada para realizar o processo de colheita da matéria prima. Ou seja, o conhecimento cosmológico é importante para confecção e durabilidade de todos os tipos de prática cultural que for realizada. Se a lua estiver na fase minguante, por exemplo, consideramos que a vestimenta pode durar menos do que o normal, pois o material pode ser danificado em pouco tempo; é importante também para continuidade da existência da espécie da matéria prima, nesse caso o buriti, que os alunos aprendam o tipo de folha a ser colhido: no caso, os brotos novos são os melhores para a realização das roupas; eles devem aprender também a importância da preservação das mudas novas a serem preservadas e que deve ser retirado da natureza apenas o que for necessário para as roupas, sem desperdício do material.

Figura 12 – Estudante Jaqueline, do ensino médio trançando roupas tradicionais



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2016.

Figura 32 – Estudante Maria, do ensino médio trançando roupas tradicionais



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2021.

Figura 33 – Professor Edmundo Nicolau durante a aula de práticas Culturais confeccionado também o trançado das roupas



Fonte: Maria Chue. Agosto de 2016.

A confecção das saias pode ajudar na habilidade manual e na motricidade do aluno, que também de aprender a contar, a medir tamanho e distância e a exercitar a mente e o próprio corpo, além do momento prazeroso vivenciado pelos estudantes ao lado dos professores e dos anciãos.

É notável como as atividades, sejam de campo ou práticas, chamam a atenção e o interesse dos alunos nas diferentes etapas, uma vez que elas estão intimamente conectadas com o ser de cada indivíduo. Todavia, essas atividades precisam ser incentivadas, implementadas, sistematizadas e ministradas por um adulto mais experiente que possa auxiliar os alunos no desenvolvimento das práticas quando da transmissão dos conhecimentos ancestrais. É precisamente esse o trabalho que a escola tem desempenhado junto à comunidade com bastante eficiência.

4.1.2 Confecção de artefatos cestarias

Dentre as produções confeccionadas a partir da palha de indaiá e de **acuri**, assim como da casca do **buriti**, estão a **esteira**, o **abanador**, o **baquité**, a cesta ou **balaio**, o **apa** e a **peneira**, todos artefatos de muita **serventia** e de grande habilidade dos Chiquitano. Antigamente, eles eram produzidos constantemente pelas famílias de Chiquitano, tanto para uso doméstico quanto para a comercialização quando havia encomendas. Devido à redução do espaço geográfico da aldeia, foi-se criando limitações ao acesso à maioria dessas matérias primas, tornando-se, assim, escassa a confecção, a utilização e até mesmo o ensinamento aos mais novos desse trabalho cultural.

Mesmo diante das limitações e dos desafios encontrados, foi possível, por meio da escola, buscar fortalecer essas práticas, nas quais os professores se organizaram sempre de forma articulada com os conhecedores nativos da aldeia que sempre se colocaram à disposição para ensinar essas práticas; os próprios professores que já possuem esse conhecimento não mediram esforços para ensinar os alunos. Assim, foi possível que mais pessoas aprendessem a realização dessas atividades culturais importantes para o fortalecimento e para a manutenção das nossas práticas culturais.

O abanador, feito da palha do indaiá ou acuri, serve para abanar fogo, geralmente quando ele é aceso no fogão a lenha ou mesmo no chão. Há diferentes tipos de tranças e formatos, há os trançados apenas de um em um e os trançado de dois em dois como podemos observar nas imagens 36 e 37, mas todos servem para o mesmo fim.

Figura 34 – Estudante na prática do trançado com broto de Acuri, abanador.



Fonte: Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2022.

A figura 35 mostra os estudantes de turma Multi, 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental desenvolvendo habilidades da prática do trançado na aula de Saberes Indígenas, ministrada pela professora Suzilene. Da direita para esquerda está o André com seu abanador e um pássaro de palha, a Isis com seu abanador, a Alanis Valentina com seu buque e umas flores e a cobrinha trançada de palha, a Amanda com seu abanador e a Samyla com o trançado maior que é uma esteira.

Figura 35 – Apresentação do resultado dos trabalhos com os trançados de palha.



Fonte: Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2022.

Figura 36 – Diferentes tipos de abanador: trançado de um em um .



Fonte: Lídia U. Chuê. Julho de 2020.

Figura 37 – Abanador: trançado de dois em dois



Fonte: Jander Samuel Chue. Agosto de 2021.

A esteira também é feita da palha do indaiá ou acuri. Apesar da trança ser quase a mesma do abanador, ela tem um formato maior do que o abanador. Ela serve para deitar e descansar em cima, podendo ser usada também para ornamentação de ambientes em eventos e momentos festivos na aldeia.

Figura 38 – Esteira em construção pela senhora Elena artesã.



Fonte: Silvano Muquissai.

Figura 39 – Esteira em construção pela aluna Samyla, que é neta de Elena



Fonte: Prof. Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2022.

Figura 40 – Esteira recém pronta



Fonte: Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2022.

Figura 41 – Esteiras prontas secas na sombra



Fonte: Edmundo N. Chue. Fevereiro de 2022.

O Baquité, muito utilizado para carregar mandioca, milho da roça, e até levar as pelotas para vigiar passarinho na roça no período de plantio e colheita, pode ser encontrado ainda nas casas de famílias para guardar alguns pertences pessoais. Em algumas casas e locais públicos, como o salão da aldeia, é possível encontrar o baquité sendo utilizado como lixeira, a fim de

não deixarem os lixos expostos ao solo. O baquité é feito da palha do Acuri ou do Indaiá e de vários tamanhos, conforme a necessidade.

Figura 42 – Baquité grande feito de broto de acuri



Fonte: Silvano Muquissai. Dezembro de 2021.

Figura 43 – Baquité médio



Fonte: Jander Samuel Chue. Fevereiro de 2022.

Figura 44 – Baquité pequeno



Fonte: Jander Samuel Chue. Fevereiro de 2022.

O balaio (ou cesta) é feito do talo, ou seja, da casca do galho do acuri ou buriti. Para confecção desse artefato, exige-se uma maior experiência e conhecimento, pois sua confecção

passa por vários processos, desde a retirada da matéria prima até a sua preparação para a confecção. É necessário seguir rigorosamente a orientação dos artesãos que têm essa habilidade e a ensinam tanto aos familiares quanto aos alunos. Após cortar os galhos do acuri, é retirada a casca que é estendida e colocada para secar ao sol; depois de seca, ela é destalada novamente e raspada, deixando a casca mais fina possível. É necessário que ela fique no ponto de cortar no tamanho adequado para cada tamanho que será confeccionado as tranças. O arco da boca do balaio é feito de taboca e costurado com linha de algodão untado com cera de abelha de bora ou jatai. Os balaios são feitos de vários tamanhos conforme relatam os anciãos:

> Antigamente utilizava muito o balaio feito de buriti para guardar bolos de milho, de arroz, tinha os pra guardar algodão para fiar e servia para tudo pois não tinha essas vasilhas que tem hoje eram essas nossas vasilhas (Entrevista com Elena Laura, 25 de agosto de 2021. s.p.).

Figura 45 – Buriti estendido secando ao Sol



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2021.

Atualmente, os balaios são feitos para uso em casa, podendo também ser comercializados e utilizados de fonte de renda para quem não tem outro tipo de trabalho remunerado. Florêncio Urupe reforça: “o Buriti já está difícil, mas eu vou longe retirar porque eu faço as encomendas de balaio, apa, cestas grandes e na maioria das vezes é dali que eu tiro meu dinheirinho, pois não tenho salário fixo” (Entrevista com Florêncio Urupe, 27 de agosto de 2021 s.p.).

Na imagem 46, o senhor Florêncio, grande artesão da aldeia, está com o balaio na mão participando da aula da turma do ensino médio, ensinando fazer cestos ou balaio de buriti. Na foto, está o professor Mauro, à direita, com a mão na cabeça. Também estão os alunos: Jaqueline, sentada; Beline Tatiane, de vestido, em pé; Leiliane, bem próxima de Florencio e Janilson, sentado. Todos observam atentamente o momento de medição do tamanho que será confeccionado o balaio.

Figura 46 – Aula de Saberes Indígenas com ancião ensinando os estudantes a confeccionar o balaio de buriti



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Dessa forma, o **Kioroch** é mais uma ferramenta cultural que tem sido retomada por meio dos trabalhos escolares com os estudantes.

Figura 47 – Estudantes do ensino médio em aulas de Saberes Indígenas medindo o arco do balaio



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Figura 48 – Estudantes iniciando o trançado do balaio.



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Figura 49 – O trançado do balaio já um pouco avançado.



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Figura 50 – Professor Edmundo ensinando o estudante Janilson sobre o acabamento do balaio



Fonte: Dyonnatan Chue Muquissai. Agosto de 2017.

Figura 51 – Estudante Jakson com o trabalho do trançado do balaio em fase de fechamento



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Durante o processo do trançado se o tempo estiver muito seco é importante que ele vá sendo umedecido com água para amaciar e facilitar o trançado e assim evitar quebradura dos buritis como podemos observar na imagem acima.

Figura 52 – Costurando o arco acabamento do balaio



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Figura 53 – Balaios prontos

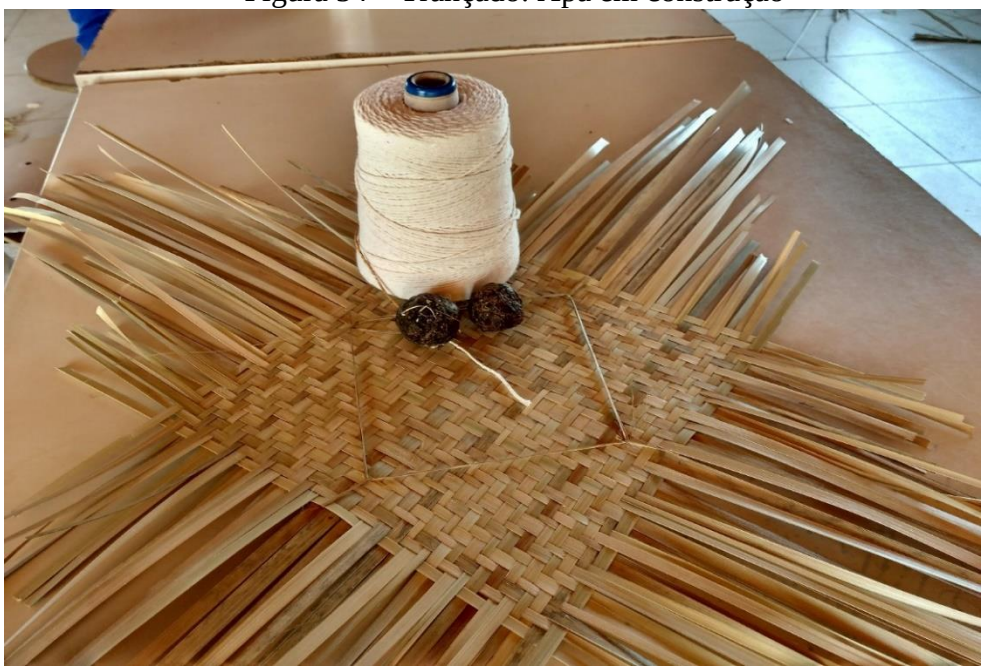


Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Resultado do trabalho de cada estudante que desenvolveu a habilidade do trançado**.**

O Apa é um artefato utilizado para abanar arroz, milho e feijão e colocar massa de farinha ou de mandioca. Sua elaboração segue os mesmos procedimentos até o trançado para confecção dos balaios, ou cestas, embora seu formato seja diferente. Agulha, barbante de algodão, buriti e cera de abelha são os materiais usados para a confecção do apá.

Figura 54 – Trançado: Apá em construção



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Figura 55 – Trançado: Apá pronto para amarrar no arco



Fonte: Acervo pessoal da autora. Março de 2013.

Figura 56 – Apá pronto



Fonte: Acervo pessoal da autora. Ano 2015.

A peneira, que tem a mesma forma arredondada do apá, apresenta algumas diferenças na sua preparação. Geralmente, ela é feita de taboca ocada, a partir da qual se tira os gomos. Após destalar e raspar a taquara, ela é cortada em tiras finas. Começa-se o trançado deixando os quadradinhos adequados; se for para coar massa de mandioca para fazer farinha, os quadrinhos são mais largos. Por outro lado, se for para coar chicha, os quadrinhos são mais estreitos. A costura do arco da peneira é semelhante à do apá e do balaio. Ambos são da mesma família de artefatos que estão presentes na habilidade dos Chiquitano

Figura 57 – Peneira no início da confecção



Fonte: Acervo pessoal da autora. Março de 2013.

Figura 58 – Peneira pronta feita de taquara



Fonte: Acervo pessoal da autora. Março de 2013.

4.2. Confecção de utensílios de barro

Desde o início de nossa tradição nossos antepassados faziam seus utensílios de cozinha, como vasilhas para armazenar alimentos e água de barro. Para a retirada de barro, faz-se necessário o conhecimento prévio: onde encontrar um local que tenha o tipo de barro que seja adequado para fazer as vasilhas, bem como saber respeitar o dia e o ciclo da lua.

Como esse saber vinha se perdendo ao longo do tempo, mais uma vez levamos essa prática cultural para a escola e, juntamente com as pessoas mais experientes, realizamos aulas de campo, levando as crianças até o local e junto com elas, realizando a coleta do barro e posteriormente, confeccionando, em sala de aula, os diversos utensílios que compõem nossa tradição. Desde muito cedo, as crianças têm contato com aquilo que é próprio da cultura indígena e, em aula, são explorados todos os saberes sobre o barro.

Para nós, Chiquitano, o barro é um elemento de muita importância, pois atribuímos a ele muitos significados e o consideramos como parte de nosso patrimônio. Atualmente, no entanto, nem sempre temos o acesso livre ao barro que precisamos para suprir nossa necessidade, uma vez que ele se encontra fora do nosso território, ou seja, dos 25 hectares de terra nos quais atualmente vivemos.

O valor e respeito pela terra e pelo barro faz parte de nossas vidas, sendo esse um entendimento que existe em nossa cultura desde os nossos antepassados. Aprendemos desde crianças que somos parte dessa terra: dela viemos e para ela voltaremos; isso nossos pais nos ensinaram com um sentido religioso. Consideramos a terra como nossa mãe que nos acolhe, que nos dá o sustento que precisamos para sobreviver, os alimentos, plantas diversas e nossa medicina; encontramos nela produtos para confecções de nossos artesanatos e artefatos.

Quando nos referimos ao barro, podemos explorar vários sentidos e tipos de barro usados pela etnia Chiquitano. O barro e a argila podem ser usados para muitos fins. Usamos o barro para barrear as nossas casas, um tipo de barro preparado de um jeito próprio; é comum e normal, que pode ser feito em um buraco no chão, retirando a terra e misturando com água e com capim cortado, usado para barrear as casas.

Nas imagens a seguir temos um exemplo de construção de casa tradicional, da minha irmã Suzilene, em um dia de mutirão familiar. A partir de um poço cavado no chão (figura 59), fazemos o barro (figura 60, 61 e 62), misturando para deixar no ponto de barrear. Depois, vamos barreando as paredes até que a parede fique pronta (figura 63).

Figura 59 – Poço cavado no chão para retirada da Terra que fará o barro para barrear casa



Fonte: Edmundo N. Chue. Julho de 2020.

Figura 60 – Misturando a terra com água para fazer o barro para barrear a casa tradicional



Fonte: Lídia Urupe. Julho de 2020.

Figura 61 – Misturando a terra com água para fazer o barro para barrear a casa tradicional



Fonte: Lídia Urupe. Julho de 2020.

Figura 62 – Misturando a terra com água para fazer o barro para barrear a casa tradicional



Fonte: Lídia Urupe. Julho de 2020.

Figura 63 – Casas tradicionais sendo barreadas



Fonte: Silvano Chue Muquissai. Julho de 2020.

Muitas casas são feitas desse modo tradicional. A figura 64 mostra eu e meu esposo fazendo o rebocamento com barro em nossa casa tradicional.

Figura 64 – Casa tradicional sendo rebocada com barro.



Fonte: Edmundo N. Chue. Setembro de 2021

Usamos também o barro em nossas brincadeiras no período do carnaval, para sujar os participantes; barro feito de qualquer terra misturada com água. As crianças aprendem desde cedo que se sujar com o barro na data dessa festa é uma forma de valorização e respeito ao sagrado.

Figura 65 – Crianças Chiquitano preparando o barro para levar à festa do curussé



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro de 2018.

Figura 66 – Crianças Chiquitano no contato direto com o barro na festa do Curussé.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro de 2018.

Figura 67 – Jovens e Crianças Chiquitano durante a festa do Currussé



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro de 2022.

Usamos barro em picadas de insetos como abelhas, marimbondo e até mesmo picada de cobra. Lembro-me de uma vez em que meu irmão Edmundo foi picado por uma cobra ao entardecer e, imediatamente, meu pai fez e barro e colocou no local da picada. Repetimos esse procedimento várias vezes durante a noite; meu pai fez um ritual de benzer meu irmão e graças a **Tuparch**, ele ficou curado, ali mesmo na aldeia sem precisar ir ao médico.

Quando nos referimos ao barro ou argila utilizados para realizar utensílios de uso em casa, esse barro é diferenciado, pois o consideramos sagrado. Ele é especial e não pode ser encontrado em qualquer lugar. Acreditamos que esse barro tem seu dono: o Espírito do Barro que, conforme ensinam os anciãos, é a **pokopósima** (vovozinha) que cuida do barro; o local que encontramos esse tipo de argila geralmente fica às margens de córregos. Aqui temos alguns locais às margens do Córrego **Nopetarsch**, onde é possível encontrar o referido barro. Esse local, no entanto, fica fora dos 25 hectares, localizando-se dentro de uma área na qual existe

tem uma fazenda. Antigamente, como explica minha mãe e minha avó, a gente só precisava pedir licença para a Pokopossima no ritual da retirada do barro, mas hoje, além disso, sempre que necessitamos tirar o barro, temos que pedir licença também para os funcionários da fazenda na qual se encontra a argila, para só depois retirá-la. Isso tem causado uma grande preocupação, pois corremos grande risco de futuramente perdermos de vez o acesso a essa matéria prima, essencial à nossa vida.

Figura 68 – Coleta do barro para confecção dos artefatos de barro



Fonte: Edmundo N. Chue.

Para fazer utensílios, é preciso retirar o barro na mata. Na figura 68 vemos a anciã e artesã Elizabete Tossué, ao lado seu filho Emerson e do professor Edmundo, os vendo cavar o barro.

Na figura 69, Elizabete observa se o barro é o ideal para o artesanato. Todos participam do processo da coleta e aprendem com os mais experientes identificar o melhor barro para confecção dos utensílios de barro.

Figura 69 – Coleta do barro para confecção dos artefatos de barro



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2016.

Com esse tipo de argila podem ser feitos potes grandes ou pequenos, panelas, travessas, pratos, **casuelas** (bacias), forno de farinha, castiçais, moringas e imagens para o presépio no período do natal. Esse barro também pode ser colocado em um copo de água para mulher gestante tomar a água, uma vez que ele contém propriedades medicinais; eu, particularmente, vi minha mãe fazer isso algumas vezes quando estava gestante, pois ela dizia que era bom.

Na figura 70, os alunos estão amassando o barro já no ambiente escolar e na figura 71, o barro já está amassado e pronto para fazer os utensílios.

Figura 70 – Estudantes em aula de saberes Indígenas amassando o barro e o barro amassado



Fonte: Suzilene Urupe Chuê. Agosto de 2016.

Figura 71 – O barro amassado



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2016.

O processo é sempre em conjunto de forma respeitosa e prazerosa. Como a relação que temos com o barro foi passando de geração em geração, temos como marco histórico um pote grande que foi doado pela família de Elena Laura Chue para o Padre Aloir Pacini, missionário jesuíta, para ser colocado no Museu Rondon na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. O pote foi feito em 1977 na aldeia Figueirinha por Maria Vicência Turíbio Tossue, filha do casal José Turíbio e Ângela Ponhé.

> O pote foi levado no período do natal, em 2005, pelo missionário jesuíta Padre Aloir Pacini. Nesse período, padre Aloir disse que estava como supervisor no museu, por um lado foi motivo de alegria pois esse pote poderia dar mais visibilidade aos povos chiquitanos, por outro lado, ele tinha um valor sentimental para nós enquanto família. Me lembro que eu senti um aperto no peito ao ver meu pai Florêncio limpando o pote e arrumando ele para ser levado para Cuiabá. Foi um processo de discernimento para minha família consentir a doação do pote, pois era uma lembrança que minha vó Maria Vicência, antes de falecer, passou o para minha mãe, Elena Laura Chue. Hoje é motivo de orgulho para nós termos um artefato vivo no Museu Rondon – UFMT, parte de nossa história (Entrevista com Lídia Urupê Chuê, 23 de setembro de 2021 s.p.).

Pode-se notar quão importante é para nós, chiquitano, a relação com o barro. Por isso, procuramos fazer com que os alunos aprendam, tenham contato com o barro e tenham conhecimento de sua riqueza. Eles se envolvem fazendo suas criações artesanais, criando artefatos ou aves e animais.

Na figura: 72 podemos observar os olhares atentos dos alunos Emerson, Edyllene, Dyonatan, Janílson observando a artesã Elena Laura ensinando os alunos a confeccionar utensílios de barro. O professor Edmundo ensina a finalização do pote ao aluno Emerson que observa atentamente. Na sequência, podemos conferir os utensílios prontos da Turma multi: anos finais do Ensino Fundamental: 01 panela e 02 potes. Podemos ver a artesã Elena no centro, de óculos, junto com os alunos Jaqueline, Edylene, Emerson, Janílson, o professor Edmundo e Luzemira.

Figura 72 – Aula de Saberes Indígenas: estudantes aprendendo a fazer artefatos de barro



Fonte: Mauro Urupe. Agosto de 2016.

Figura 73 – Estudante Jander Samuel do ensino fundamental anos iniciais fazendo trabalho com barro em aula de Saberes Indígena



Fonte: Suzilene Urupe Chue.

Figura 74 – Estudantes com os artefatos produzidos por eles mesmo durante a aula



Fonte: Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2020.

A importância do barro para os Chiquitano do Território e Aldeia Indígena Vila Nova Barbecho é atualmente um motivo de preocupação, pois, dentro da terra de uso exclusivo, não existem locais com barro bom para fazer os potes quando necessário. Para ter acesso a ele, é preciso pedir em uma outra fazenda, na qual sempre somos recebidos com resistência sob a justificativa de que a retirada do barro pode criar um poço perigoso para o gado cair dentro. Trata-se de mais uma triste situação com a qual temos que lidar constantemente.

4.3. As ervas medicinais no trabalho pedagógico

As aulas de campo se tornaram cada vez mais prazerosas aos estudantes, como foi visivelmente percebido pelos professores: o empenho, a animação, a empolgação e o desenvolvimento das habilidades dos estudantes é evidente. Dessa maneira, conciliando a escola com o conhecimento cultural, fazemos muitas aulas em campo com os alunos, com objetivo de manter viva a cultura, os costumes, a tradição e a manutenção do uso das ervas medicinais pela atual e pelas futuras gerações.

Levar os estudantes a conhecer as ervas e as plantas medicinais, sua colheita, a forma de armazenamento e de preparo que considera e respeita as questões cosmológicas conforme a cultura Chiquitano, é oportunizar a continuidade dessas práticas valiosas no cotidiano não somente na aldeia, sendo também um aprendizado que pode ser levado para a vida, pessoal individual e coletiva.

Em nossa escola, são explorados diversos conhecimentos nas mais variadas áreas do saber, permitindo que os alunos construam habilidades conforme cada fase/ciclo, seja das ervas, dos locais nos quais se encontram as ervas, o tipo de solo propício para o tipo de ervas, assim como a importância de cuidar e preservar o meio ambiente, uma vez que está cada vez mais escassa a presença de algumas espécies das nossas ervas medicinais, devido ao desmatamento ou à presença de gado no local.

A escola procura cada vez mais desenvolver atividades de fortalecimento cultural, trazendo sempre os conhecedores nativos como parte desse processo, que vai para além do âmbito teórico educativo, oportunizando momentos de aprendizagem na prática e de forma sistematizada, cujos registros estão presentes nos nossos livros vivos, que ainda temos o privilégio de ter conosco. Assim, os professores utilizam diversas atividades que contemplam esse tema, dentre as quais destaco algum dos trabalhos desenvolvidos a seguir.

Em um trabalho realizado pelos professores Gonçalo Arildo Muquiçai Chue e Edmundo Nicolau com os estudantes do ensino médio e EJA no ano de 2017, foi possível realizar o

levantamento das diversas espécies de ervas medicinais que fazem parte da cultura Chiquitano; muitas dessas ervas podem ser encontradas nos quintais das casas ou na mata do entorno da aldeia, embora muitas delas estejam se tornando escassas.

> [...] O tema despertou nosso interesse por permitir conhecer e registrar os nomes das plantas e ervas medicinais do nosso povo Chiquitano, saber mais sobre suas existências no nosso território, como quais se tem e são encontrados com facilidades, e quais estão em risco de desaparecimento. Também tem como objetivo reforçar a cultura com essas práticas e passar esse conhecimento para as pessoas da nossa aldeia, servir como referência e obter informações sobre o tema, principalmente para crianças e futuras gerações[...] a pesquisa também nos fez conhecer e saber que existem muitas plantas e ervas medicinais dentro da aldeia e que grande parte sobre elas não tínhamos conhecimento (Pesquisa realizada pelos estudantes da escola, 2017, s.p..).

Na pesquisa realizada pelos estudantes, encontramos o seguinte relato sobre a experiência:

> Para nós, alunos do ensino fundamental, ensino médio e EJA da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, pesquisar sobre esse tema foi uma experiência muito significativa [...] tivemos uma experiência muito boa que vamos levar para a vida toda. Ela nos proporcionou momentos de grandes aprendizados com os anciãos e as pessoas mais velhas da aldeia Vila Nova Barbecho, assim também a interação entre nós alunos jovens com os alunos da turma da EJA principalmente nos momentos da entrevista [...] Além do conhecimento obtido, a experiência nos proporcionou deixar registrado aquilo que está na memória dos mais velhos que com muito amor, carinho e paciência se dispuseram em nos ajudar fornecendo as informações necessárias e precisas desses conhecimentos sobre as plantas e ervas. (Pesquisa realizada pelos estudantes da escola, 2017. s.p.).

Nessa pesquisa, eles realizaram o diagnóstico das ervas medicinais existente na aldeia e também construíram um quadro com a classificação das ervas e plantas e para qual enfermidades servem.

Em uma dinâmica pedagógica como atividade de uma disciplina desse curso, eu tive a oportunidade de realizar uma ação pedagógica com estudantes de uma turma de I e II Ciclo, contando com a participação da professora Suzilene Urupe Chue e de Elena Laura Chue (consultora nativa da cultura Chiquitano) que é também artesã, possuindo um rico conhecimento das ervas medicinais. Nessa oportunidade, realizei a prática de coleta da erva hortelãzinha do campo que selecionei para realizar a ação pedagógica. Apesar dessa erva ser o foco principal da prática de coleta, coletamos também a quina, que é muito utilizada por nós. Essa atividade tem sido muito importante para os estudantes, pois, de acordo com a idade de cada um, foi oportunizado ir até o local para realizar a coleta. Por se tratar de um lugar distante, buscamos auxílio de um meio de transporte para o deslocamento. Pudemos contar com a parceria do meu esposo, que se propôs em fazer esse translado conosco em sua camionete. Essa

prática pedagógica teve uma excelente participação dos estudantes, que puderam explorar, da melhor forma possível, o conhecimento deles desde o momento em que saímos da aldeia até o armazenamento das ervas.

Com o acompanhamento da senhora Elena, conhecedora do local, aproveitamos e percorremos o espaço para encontrar a quina, realizando também a sua coleta. O contato direto com a natureza durante esse trabalho forneceu aos estudantes o conhecimento não somente da erva da hortelãzinha, mas também de outras plantas e ervas como a quina, a canjiquiera ou murissi e a gravata.

Esse trabalho proporcionou aos estudantes o contato direto com as ervas na própria natureza e a prática pedagógica na compreensão cultural. Foi constatado que a maioria dos alunos já possuíam um prévio conhecimento das ervas em estudo. Enfatizo, nesse sentido, que não apenas os estudantes participaram, já que os pais também contribuíram com a atividade, relatando a importância de dialogar com as crianças e jovens na escola e em casa. O resultado dessa prática pedagógica tem possibilitado uma maior interação com o ambiente, culminando de maneira concreta no contato direto com as ervas medicinais de forma lúdica e criativa em uma profunda experiência dos educandos.

As ações apresentadas vão, portanto, além da sala de aula e oportunizam aos estudantes a vivência para que eles possam construir a habilidade de diálogos com os conhecimentos da prática da cultura do povo e para que eles possam aprimorar o processo da leitura, escrita e a matemática, sempre partindo de assuntos e temáticas que condizem com a realidade dos estudantes indígenas, de modo particular sobre as ervas medicinais muito usadas (que, se não continuarem sendo trabalhadas na comunidade e com a contribuição do ensino, podem ser esquecidas com o passar do tempo).

Diante disso, o trabalho contribuiu no aprendizado dos alunos por meio da atividade pedagógica em campo com uma temática da realidade que possibilita reflexões do próprio território, expande campos do conhecimento, com entrelaçamento dos saberes considerados importantes tanto pela escola como pela comunidade.

Nas figuras 75, vemos os estudantes da turma multi do I e II Ciclos da professora Suzilene Urupe Chue e junto com Elena Laura Chue, consultora nativa da cultura chiquitano e conhecedora das ervas medicinais. As alunas Ana Lice e Elza estão em campo coletando ervas medicinais, junto com Ana Laura, de chapeuzinho branco, que já está acompanhando e aprendendo.

Figura 75 – Aula de Saberes Indígenas com coleta da erva medicinal hortelãzinha do campo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Nas figuras 76 e 77, os estudantes já estão com as ervas colhidas.

Figura 76 –Indígenas Crianças com feixes da erva medicinal hortelãzinha do campo coletada na aula de Saberes



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Figura 77 – Aula de Saberes Indígenas com coleta da erva medicinal hortelãzinha do campo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Figura 78 – Hortelãzinha armazenado secando na sombra



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Na figura 79, vemos a Anciã Elena Laura Chue explicando para os estudantes sobre o Pé de Canjiquinha.

Figura 79 – Anciã explicando para os estudantes sobre o Pé de Canjiquinha





Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Muitas plantas medicinais estão cada vez mais difícil de serem encontradas. Na figura 80 vemos o único pé restante naquela região de quina, uma planta medicinal.

Figura 80 – Pé de quina planta medicinal



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Figura 81 – Coleta da casca da quina



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

4.4. Momento comemorativo do carnaval

No período do carnaval, os Chiquitano têm suas danças típicas conhecidas como curussé, cobrinha, raspa e outros. Nessa ocasião, a religiosidade está presente principalmente na terça-feira do carnaval com a reza do terço e a saída das bandeiras coloridas: branca, verde, vermelha e azul. Alguns instrumentos são usados na festa do carnaval: as caixas feito de madeira e coro de veado, os cambitos, o bumbo.

Figura 82 – Instrumentos musicais utilizados no carnaval Chiquitano



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro de 2022.

Antes mesmo de começar as brincadeiras, os anciãos reúnem todas as crianças e jovens para explicar sobre a importância de brincar com respeito, sem agressividade e também sobre a importância dessa prática cultural; é explicado também que é necessário acolher as pessoas visitantes e que a educação indígena começa em família, na comunidade e abrange a educação escolar indígena na escola.

Figura 83 – Janílson, o primeiro jovem a aprender e se tornar um tocador de pífano.



Fonte: Edmundo N. Chue. Ano 2016.

O curussé é tocado nos momentos de festas tradicionais e de muita alegria e e ocorre durante uma semana, quando as pessoas dançam ao som da caixa, bumbo e do pífano, que são tocados pelos anciãos e, atualmente, também por jovens, como resultado do ensino promovido pela escola em parceria com os anciãos. Essa festa tradicional, que é realizada geralmente no período que acontece o carnaval (festa não indígena), é um ritual acompanhado de danças e brincadeiras que geralmente se inicia em uma casa de família ou no salão da aldeia e continua passando de casa em casa.

Figura 84 – Tocadores dos instrumentos musicais tradicionais com a participação dos jovens



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro 2022.

Figura 135 – Pessoas dançando a dança tradicional Chiquitano início do curussé



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro 2022.

Cada família oferece a **tavaurch** – bebida tradicional – que é partilhada na festa em forma de demonstração de muito carinho com as pessoas que se encontram ali. Esse carinho só é "**encarinhado**" às pessoas de muita responsabilidade que, ao recebe-lo, devem fazer o viva

com as seguintes expressões: Viva esse presente carinho! Viva nossa alegria! Viva a união! Viva os visitantes! Após o viva, a pessoa que recebeu o carinho terá a obrigação e a responsabilidade de convidar os demais durante a festa.

Figura 86 – Pote de chicha na casa do senhor Arcenio, ao lado está a Cuia que se utiliza para servir a chicha durante a festa do curussé para as pessoas.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro 2022.

Cabe a ele, ainda no último copo da chicha '**encarinhado**', devolver ao dono da casa em agradecimento por esse carinho. Nessa festa, todos participam: mulheres, homens, jovens e crianças e até os "encantados da natureza", os espíritos, que estão presentes e também festejam. Por isso, nesse período, não se pode trabalhar e ou fazer outras atividades que estejam fora do momento ritualístico.

> Não pode teimar, é bom respeitar. Havia um homem que não quis participar da festa do curussé, teimou e foi embora pra roça trabalhar, naquela época costumavam fazer ranchinho na roça pra ficar, porque as roças eram longes da casa. Esse homem teimou e foi, os outros falavam pra ele, não vai não pode, é perigoso. Ele teimou e foi, quando

> foi meio dia, ele viu que estavam indo pra roça os musiqueiros e festeiros, dançando, tocando **caixa** e **fifano,** então pensou que eram as pessoas da aldeia que tinham ido atrás dele, quando chegaram perto do ranchinho onde ele tava, ele viu que não tinha gente, eram só os bichos, os animais da mata que estavam dançando e no meio deles tinha um chefe grande que soltava fogo pelo nariz e boca e foram indo pro lado dele querendo rastar ele pra dançar, ele entrou no ranchinho e fechou a porta mas eles queriam entrar atrás dele. Nesse mesmo momento ele invocou o nome de **Tuparch** fazendo um gesto de cruz em seu rosto e logo os animais foram desaparecendo, então o chefe que estava no meio deles disse a ele: você vai ficar livre porque invocou nome de Tuparch, mas isso é uma lição pra nunca mais você teimar, não ta vendo que essa festa é sagrada e deve ser respeitada, volta pra sua casa e vai festar com os demais, e logo desapareceu. O homem imediatamente voltou para a aldeia onde estavam festando, contou o que aconteceu e logo ficou doente, e isso foi verdade, por isso não pode teimar precisa respeitar esses dias de festas (Entrevista com Elena Laura Chue, agosto de 2021 s.p.).

Assim, durante a festa, ocorrem vários rituais. Temos também a saída das bandeiras no terceiro dia do Curussé, são quatro bandeiras que são entregues pelo cacique da aldeia a quatro homens, os quais terão a responsabilidade de dançar com elas na primeira volta que perpassa as casas das famílias e delas cuidar, pois elas são sagradas para o povo Chiquitano e sua função é espantar os espíritos maus do meio da festa, a fim de que tudo ocorra bem. Depois disso, outras pessoas poderão pegá-las para dançar, mas, ao final do dia, os quatro homens que as receberam no início terão que ter a responsabilidade de entregá-las de volta ao cacique. Antigamente, esse ritual era restrito: apenas os homens podiam pegar as bandeiras para dançar com elas. Contudo, hoje as mulheres já podem dançar e cuidar das bandeiras. Isso nos mostra que a cultura é viva e em constante transformação e que, apesar de algumas mudanças ocorridas, ela não perde o seu sentido ou a sua essência.

Figura 87 – Ritual da saída das Bandeiras na terça-feira de Carnaval



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro 2022.

No último dia da festa, realiza-se o ritual da surra para que seja espantado o espírito mal ou a coisa ruim do corpo da pessoa. Trata-se também de uma forma de educar, por meio da reconciliação, os filhos que porventura, em algum momento da festa, pode ter descumprido as regras e também para saber e lembrar que os pais ainda estão vivos e que os filhos e mais novos devem respeito a eles. Esse ritual é realizado no último dia do Curussé, na casa em que se encerra a festa. Nela já é preparado o local no qual os jovens, as crianças e as pessoas mais novas deitam com as costas para cima e os pais dão três **fiuladas** com uma corda que antigamente era trançada de couro de **nogórch** e que atualmente se usa corda normal comprada no mercado.

Nesses dias, ninguém pode ficar sozinho em casa, ou seja, todos devem participar da festa, pois são dias considerados sagrados e ao mesmo tempo muito perigosos, porque todos os espíritos estão festejando também; tanto os espíritos bons quanto os ruins e os encantados.

Trata-se do momento em que toda a natureza, as aves, os pássaros, os bichos estão em momento de festa. Quem fica em casa e não participa no grupo ou fica distante do grupo corre o risco de ser levado pelos encantados para morar com eles e caso os encantados não consigam levar a pessoa, ela pode adoecer. Não é possível duvidar: as histórias contadas pelos mais velhos comprovam que realmente é preciso ter o devido respeito.

> Aconteceu também com uma velhinha que morava lá na Campina onde moravam o Caetano Are, os pais deles moravam ali. Eles vieram festar no Barbecho e a velhinha ficou, não era tão velhinha, ainda estava forte, mas não veio, deixaram as crianças com ela. Quando foi a noite, ela e as crianças escutaram também o barulho das caixas e acharam que era o pessoal que estavam na festa do Curussé que estavam indo lá. Ela falou para as crianças uai, mas agora de noite vieram aqui, saiu olhar e viu que eram os bichos e tinha também esse chefe grande feio no meio da roda, dos outros bichos ele soltava fogo pela boca e olho e perguntou também pra ela o que fazia ali sozinha, ela falou que não estava sozinha estava com as crianças, e ele falou: porque não foram na festa, não sabia que era dia de festa? Ela ficou com muito medo, também invocou nome de **Tuparch** e com gesto de Cruz que fez na testa, os bichos desapareceram. A velhinha já pegou o **cerote**, acendeu e na mesma hora veio embora com as crianças, vieram parar no Barbecho, quando assustaram olha ela com as crianças chegando de noite ainda e isso aconteceu mesmo, assim contavam os mais velhos (Entrevista com Elena Laura Chue, 25 de agosto de 2021. s.p.).

Uma vez que a festa é para todos, ninguém pode deixar de participar dela. Durante os dias do Currussé, a bebida principal é a chicha de mandioca e de milho e as famílias costumam acolher e alimentar as pessoas que vem de outras aldeias e se abrigam em seus lares ou sombra. Já no terceiro dia, todos se reúnem no barracão da aldeia e cada família traz seu alimento preparado para partilhar em um almoço comunitário.

Além da dança, durante a festa tradicional existem outras brincadeiras, com barro, água e tintas naturais como urucum, açafrão e jenipapo, oportunidade na qual as mulheres sujam os homens e os homens sujam as mulheres (geralmente, se algum rapaz ou homem fica só meio de longe olhando e não entra na brincadeira, ele logo é surpreendido por um grupo de mulheres que, ao vê-lo desprevenido, o pegam, o sujam e o levam para participar da dança e assim vice-versa). Nos dias de hoje, já é possível perceber durante a brincadeira a introdução de tintas industrializadas adquiridas em mercados, como é o caso da tinta guache. É comum, durante os dias da festa, principalmente nos períodos do Currussé que são os dias de festas mais prolongados na aldeia, ouvir os mais velhos conversarem em vários dialetos entre eles; ao fazer as brincadeiras, falam em português, falam em castelhano e falam na língua Chiquitano: uma ampla diversidade que constitui nossas práticas culturais que vêm aos poucos sendo retomadas.

Como se pode notar, trata-se de um momento de muito simbolismo e rituais. Após esse período de festa, o tema é levado para sala de aula para ser debatido e sistematizado com os alunos. O tema é abordado a partir da percepção e da participação de cada um. Cada professor utiliza um método de trabalho diferente e os alunos estão sempre bem-dispostos a realizar as atividades de maneira sistematizada e de forma escrita por meio de cartazes, de forma oral e com muita criatividade. Nesse momento, os estudantes e professores realizam os comentários e uma espécie de avaliação da festa; é um momento de grande participação e de muita alegria na sala de aula.

Desse modo, é importante frisar, mais uma vez, que a cultura continua viva e não deve se acabar, pois ela faz parte de nossa história e resistência; e o trabalho escolar vem contribuindo significativamente com esse processo.

4.5. Religiosidade no período da páscoa

Por ocasião da páscoa, a comunidade se mobiliza para a realização dos preparativos. Em sentido religioso, segue-se a religião católica, porém com características próprias da cultura Chiquitano. O período se inicia na Quinta Feira Santa com a coleta de folhas de **Gonçalo**, cana de açúcar, taquara e pé de banana. Em geral os professores são os responsáveis pela organização em conjunto com os alunos, o que constitui um rico processo de ensino e aprendizagem, articulando os conhecimentos tradicionais com os escolares. Os professores ensinam essa prática que aprenderam com os anciãos. Dessa forma, os alunos aprendem a maneira correta da preparação, sobretudo no que diz respeito às inserções culturais na celebração católica.

Figura 88 – Preparação dos arcos com folha de Gonçalo para celebração da Páscoa



Fonte: Acervo pessoal da autora. Março de 2018.

Figura 89 – Altar feito com arco de folha de Gonçalo e cana de açúcar



Fonte: Acervo pessoal da autora. Abril de 2019.

Na quinta-feira de manhã todos se reúnem no salão da aldeia: os professores, as crianças, os jovens, os adultos e até alguns anciãos, para o mutirão de coleta das folhas do Gonçalo e para a preparação e organização do espaço no qual acontecerão as celebrações da semana. Cada um carrega um saco para armazenar as folhas (as crianças menores também ajudam e geralmente carregam em dupla o saco cheio de folhas). As folhas são armazenadas em um lugar do salão enquanto outros já saem em busca dos cipós que serão utilizados para amarrar nas taquaras, que também já estão sendo preparadas pelos demais, geralmente os mais velhos.

Quando já há uma quantidade suficiente de folhas coletadas, inicia-se a organização das folhas nos arcos de taquara. Uma vez cheios com as folhas, os arcos são organizados nos locais em que serão fixados. Comumente esses arcos são colocados no altar, na porta da capela ou na entrada do salão e no pátio, para que as pessoas possam passar por debaixo deles. Junto ao arco de taquara e folhas de Gonçalo, são colocados também a cana de açúcar e os pés de bananas que as famílias doam para essa finalidade. Após a conclusão da organização do espaço, todos vão para casa e se preparam para a celebração que acontece durante a noite. Depois da

celebração, à meia noite é feita a partilha de alimentos que cada família já prepara para trazer para ser partilhado entre todos; geralmente, as famílias passam toda a noite reunidas no salão, conversando, tomando chicha, contando histórias e só vão para casa descansar um pouco ao amanhecer. Na sexta-feira, elas se reúnem às 15:00 horas novamente no salão, realizam o ritual da celebração.

Figura 90 – Arco da Entrada feito com folha de Gonçalo e pé de banana



Fonte: Edmundo N. Chue. Março de 2018.

Já para a celebração do sábado, é feita uma vela grande de fio de algodão com cera de abelha e uma fogueira em frente ao salão. As famílias se reúnem às 19:00 horas para o ritual de celebração à noite.

No domingo de páscoa, após a celebração, é desmanchada toda a ornamentação que foi feita e geralmente quem fez e organizou o espaço tem a responsabilidade de desmontar o altar; as canas de açúcar e as bananas são repartidas para todos que ajudaram e participaram das celebrações. Já as folhas de Gonçalo são levadas pelas famílias para chás e banhos, já que se trata de uma erva medicinal que tem propriedades de cura para diversos tipos de enfermidades, dentre elas, resfriados e até a doença que atinge crianças se contaminam com pessoas falecidas (doença é denominada **Motcheo**).

As pessoas também levam as taquaras dos arcos que, por serem abençoadas, servem para espantar coisa ruim, bichos que não são naturais e espíritos maus. Os anciãos sempre alertam para se ter um pedaço de taquara em casa ou até mesmo carregar uma vara de taquara se for andar durante a noite.

Dessa forma, essa ocasião da Páscoa se encerra no domingo com a partilha do almoço comunitário no salão, momento em que cada família traz seu alimento para ser preparado e também a chicha para beberem reunidos.

Por meio dessas práticas, podemos perceber que, apesar da introdução do catolicismo na vida dos Chiquitano, nossos antepassados não permitiram que a cultura fosse deixada de lado, recusando abandonar as práticas culturais e buscando formas de manter viva a cultura e seus ricos conhecimentos, ou seja, reagindo de maneira positiva diante das adversidades.

4.6. Relação da escola com as práticas culturais Chiquitano: desafios e avanços

A relação que se tem entre as práticas culturais Chiquitano com a escola é, sem dúvida, uma maneira de fortalecimento cultural. Consequentemente, nós, Chiquitano, não podemos perder esses momentos tão valiosos. Todavia, sabemos que no decorrer desse processo há avanços e desafios. Os desafios devem ser aos poucos superados. Esses avanços e desafios foram bastante destacados nas entrevistas, como podemos perceber pelos depoimentos a seguir do estudante Jander Samuel, que destaca o aprendizado da cultura como um grande avanço:

> Considero um grande avanço o aprendizado que temos na escola sobre a nossa cultura, nas aulas que temos dos saberes Indígenas, nas práticas Culturais e sustentabilidade, na tecnologia Indígena, o processo de confecção dos nossos artefatos de barro, os artesanatos de palha de acuri de indaia e também do buriti. Também aprendemos sobre nossa pintura corporal, sobre a língua materna do nosso povo, fortaleceu as nossas danças, a questão das nossas bebidas tradicionais a chicha, sobre as ervas medicinal conforme conhecimento dos anciãos. As comidas e também aprendemos sobre a história do nosso povo e muitos, outros temas que os professores trabalham na escola conosco, e também na comunidade. Para mim isso é muito importante (Entrevista com Jander Samuel Chue Poquivique, 28 de janeiro de 2022. s.p.).

No que se refere ao desafio, ele destaca as dificuldades de se obter a matéria prima para as práticas culturais: “a falta da matéria prima que utilizamos para fazer os artesanatos que fazem parte da nossa prática cultural e que são importantes para nosso povo é um grande desafio, porque não tem aqui por perto, estão ficando fora do espaço que temos hoje” (Entrevista com Jander Samuel Chue Poquivique, 28 de janeiro de 2022s.p.).

A estudante Lorraine destaca que o avanço que tivemos foi o fortalecimento das questões culturais desenvolvidos na escola pelos professores, principalmente nas datas importantes para nós:

> Os desafios que meu povo ainda enfrenta em relação às práticas culturais são que ainda alguns movimentos não favorecem os nossos costumes, línguas, danças, não são

> totalmente respeitados ainda temos que lutar para que nossa tradição não seja tirada de nós. Os avanços que tivemos durante toda essa luta foram o apoio de várias instituições e projetos que nos beneficiam e nos ajudam a vencer os desafios encontrados (Entrevista com Loraine Urupe Massavi, 28 de janeiro de 2022 s.p.).

O professor Gonçalo destaca, a partir de sua experiência durante o decorrer do processo de trabalho na escola e comunidade, alguns desafios:

> Destaco como desafios, a falta do território demarcado para usufruirmos dele conforme a nossa cultura e realizarmos as práticas culturais de forma sustentável, saudável e consciente. É um grande desafio, pois isso acaba nos impossibilitando de desenvolver e relacionar na prática com os estudantes muitos costumes que são do nosso povo, tendo em vista que para isso precisamos ter acesso livre ao nosso território, aos lugares de coletas e outros de maneira que possamos levar os estudantes a acessar concretamente aquilo que vem sendo trabalhado durante as aulas. Isso ocasiona diversos fatores que dificultam o aprender e compreender melhor o viver, utilizando os conhecimentos dos saberes voltados para as atividades culturais que estão para além da sala de aula ou do ensino apenas dos conhecimentos ocidentais, mas principalmente dos conhecimentos tradicionais. Outro ponto que eu considero um desafio é que, conforme o contexto histórico do nosso povo, principalmente da nossa língua tradicional Chiquitano, nós nascemos em um período que a língua materna Chiquitano estava silenciada, dessa forma aprendemos como primeira língua a língua portuguesa. Diante disso, precisamos nos juntar aos anciãos que falam a língua Chiquitano e buscar essa retomada e fortalecimento cultural para que possamos manter ativa nos dias atuais a oralidade e a escrita de tudo aquilo que estudamos e aprendemos da nossa verdadeira língua Materna (Entrevista com Gonçalo Arildo Muquissai Chue, 03 de março de 2022. s.p.).

Ao se referir sobre os avanços, ele destaca:

> Como avanços, destaco que, apesar de todos esses desafios e dentro das limitações, podemos destacar como ponto positivo vários aspectos desenvolvidos pelo trabalho da escola em parceria com a comunidade que foram a retomada de muitas dessas práticas e saberes tradicionais que por meio da escola foi possível aos poucos ir realizando na prática. A compreensão e entendimento sobre os saberes tradicionais indígenas. O trabalho da escola com a comunidade caminhando juntas em cooperação uma com a outra, fazendo esse entrelace de saberes e conhecimento sem considerar um superior ou inferior, mas o diálogo, a troca de ideias junto com a comunidade, visando sempre o fortalecimento do conhecimento tradicional, mas também com noções dos conhecimentos do mundo Ocidental, para que complementados seja fortalecido através dos saberes culturais e possam apresentar resultados significativo na vida da comunidade (Entrevista com Gonçalo Arildo Muquissai Chue, 03 de março de 2022 s.p.).

Edleny, por sua vez, destaca que:

> O espaço escolar na aldeia é um ambiente que propicia várias práticas da cultura do povo Chiquitano como, por exemplo, as disciplinas específicas em que são trabalhados tanto a língua materna Chiquitano como confecções de artesanatos. Isso é um ponto positivo que contribuiu no fortalecimento da cultura e na luta. Um desafio encontrado é a falta de matérias prima dentro do território por ter sofrido o desmatamento (Entrevista com Edleny Chue Muquissai, 25 de agosto de 2021. s.p.).

A professora Suzilene também destaca o desafio da participação e do tempo escolar a partir de suas experiências, seja na sala de aula ou na comunidade.

> Na escola, os desafios são os poucos dias no calendário para trabalhar as práticas culturais, porque como estamos em processo de resgate e fortalecimento das nossas práticas, sete dias e meio por bimestre é muito pouco tempo para trabalhar as práticas culturais com as crianças. Na escola, vemos o ânimo e interesse dos alunos na aprendizagem dessas práticas, porém, como os dias são poucos para trabalhar as práticas na escola, em casa, às vezes alguns alunos não são motivados a darem continuidade na aprendizagem e no bimestre seguinte, nas disciplinas dessas práticas, alguns alunos esqueceram o que aprenderam no bimestre anterior. Na comunidade ou na família, vejo que os desafios são pela falta de ensinamento ou incentivo de alguns pais aos filhos, agora com essas novas tecnologias, em casa as crianças às vezes ficam incutidos com a televisão ou com celular e com isso vão perdendo o interesse em aprender as práticas da cultura. E os pais, às vezes não chamam os filhos para participarem e serem envolvidos nos trabalhos das práticas dentro da comunidade e aí o fortalecimento cultural não avança. Como professora, vejo que esses desafios existem e precisam ser superados, pois a responsabilidade desses ensinamentos não é apenas da escola, mas da família e da comunidade para o fortalecimento e manutenção da nossa cultura (Entrevista com Suzilene Urupe Chue, 03 de março de 2022 s.p.).

Mas, assim como existem desafios, Suzilene mostra que muitos passos também já foram conquistados:

> Quanto aos avanços das práticas culturais, o que deu mais resultados foi na escola, porque apesar de serem poucos dias, os professores, trabalham temas com os conteúdos sempre voltados para a cultura Chiquitano. Os alunos interagem muito bem na aprendizagem com os saberes tradicional do povo e, quando têm as aulas dessas disciplinas, nós professores, vemos que eles têm vontade de aprender cada vez mais. Em relação as práticas culturais na comunidade, houve um avanço, principalmente quando se tratava de trabalho coletivo. Os alunos interagiam muito bem no trabalho com as práticas, gerando uma boa aprendizagem e o saber cultural era bem produtivo. Porém, com a chegada da pandemia quando houve o isolamento, distanciamento, entre as pessoas, a maioria das famílias ensinaram e trabalharam com seus filhos, priorizando o saber das práticas dos remédios tradicionais e os alimentos tradicionais saudáveis para aumento da imunidade (Entrevista com Suzilene Urupe Chue, 03 de março de 2022 s.p.).

Cada relato apresenta o sentimento individual, mas demonstra também a preocupação com a coletividade e com a importância dos conhecimentos que favorecem a comunidade.

> O trabalho que a escola vem realizando nas questões culturais, na prática da retomada da língua materna Chiquitano, na realização de movimentos culturais, danças, cantos etc., assim como oficinas de confecções de artesanatos Chiquitano é uma conquista que considero um grande avanço também em relação à preparação dos jovens para a formação acadêmica, os professores já formados e outros em fase de conclusão da formação, tudo isso possibilita dar melhor suporte técnico à comunidade através da escola com os conhecimentos construídos ao longo desse processo educativo. Mas esbarramos também nos desafios que são os materiais necessários para desenvolver atividades nas práticas culturais quase tudo acabando devido ao aumento do

> desmatamento feito no entorno da nossa aldeia, destaco também a entrada da tecnologia na aldeia atraindo a atenção dos adolescentes e jovens para outras realidades e diante disso aumenta a necessidade de desenvolver trabalho de não deixar de lado as tecnologias, mas utilizá-las de maneira favorável retirando tudo que for de melhor para contribuir com o fortalecimento das práticas culturais, e não substituir os conhecimentos ancestrais (Entrevista com Maria Chue Muquissai, Novembro de 2021. s.p.).

Quando tratamos dos avanços e desafios, precisamos analisar todo o contexto que envolve o âmbito escolar, comunitário e familiar, como bem mencionado pelos depoimentos dos entrevistados. Ter esse olhar crítico é um bom caminho para buscar meios de superação ou melhoria nas atividades desenvolvidas pela escola, comunidade e família, para que juntos possamos ser autores de nossa história agindo com autonomia e consciência diante das adversidades, sejam elas apresentadas pelo órgão mantenedor da unidade de ensino, ou mesmo as encontradas no dia a dia na escola.

.

5 A ESCOLA COMO MECANISMO DE LUTA E DEFESA POR DIREITOS

5.1 A importância da escola na luta pelos direitos do povo Chiquitano

Nos eventos promovidos pela escola com a comunidade, busca-se sempre reforçar a importância do fortalecimento cultural e a manutenção das práticas.

Figura 91 – Elementos que fazem parte da vida dos Chiquitanos na aldeia Vila Nova Barbecho: as ervas medicinais, os artefatos, os azeites a água a terra, presentes no momento de conversa promovida pela escola com alunos e comunidade na semana Indígena



Fonte: Acervo pessoal da autora. Abril de 2021.

Figura - 92 Professor Edmundo participando de conversa promovida pela escola com alunos e comunidade na semana Indígena.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Abril de 2021.

Durante o desenvolvimento do presente trabalho, ficou clara a importância da escola como mecanismo de luta e defesa pelos direitos do povo Chiquitano, em particular os pertencentes a aldeia Vila Nova Barbecho. Todos os entrevistados destacaram de uma forma ou de outra essa importância: “eu acredito que o papel fundamental da escola é isso que já vem sendo trabalhado, buscar fortalecer culturalmente assim como fortalecer na luta principalmente pelos nossos direitos” (Entrevista com Leilane Chue Muquissai, 15 de agosto de 2021 s.p.).

Figuras 93– Cartazes elaborados pelos estudantes na semana Indígena



Fonte: Acervo pessoal da autora. Abril de 2017.

Figura 94 – Cartazes elaborados pelos estudantes na semana Indígena



Fonte: Acervo pessoal da autora. Abril de 2017.

Ao ser entrevistada, a ex-aluna Edleny, que fez parte desse processo de mudança e transformação na área da educação dentro da comunidade com o método específico e diferenciado, destaca a contribuição da escola na cultura e no fortalecimento desde agora para que no futuro possamos contribuir com a aldeia:

> A Escola contribui muito na cultura mesmo no fortalecimento da cultura e nas disciplinas que são trabalhadas na escola; alguns momentos que era do dia a dia que hoje não está mais tanto assim, eles estão sendo trabalhados na escola, nas disciplinas de práticas culturais, que são confeccionados os artesanatos; tem aula de campo e principalmente a retomada da língua materna que é trabalhada na escola. Isso contribui bastante para que desde criança já ir sabendo, conhecendo; isso fortalece a cultura e depois que as crianças já estão mais avançadas no ensino médio para eles irem crescendo e conhecendo pra ajudar o povo futuramente. [...] A escola contribui na aldeia porque os alunos conhecem, eles veem o trabalho dos que hoje estão à frente, isso anima os alunos (Entrevista com Edleny Chue Muquissai, s.p.).

A escola tem participação direta na formação dos alunos indígenas. Quando se estuda em escola não indígena, pouco se fala em cultura, em valorização cultural e em luta por direitos. A escola indígena tem esse papel importante de transformação, pois é por meio do conhecimento que se pode lutar com segurança, clareza dos direitos: “para mim, o papel da escola é oferecer educação com qualidade para alunos, porque através do estudo que se tem uma profissão e quando conclui o ensino médio se quiser continuar os estudos, enfim o conhecimento é importante” (Entrevista com Edleny Chue Muquissai, 25 de agosto de 2021 s.p.).

Ao entrevistar Elena Laura, moradora da aldeia, mãe e ex-aluna da escola, ela destaca com ênfase a importância da escola para formação dos filhos e para o fortalecimento da luta e conquista do que estava sendo perdido e impedidos de fazer, principalmente em relação ao resgate da língua materna:

> Eu considero importante a existência da escola aqui na aldeia porque é muito bom para nossos filhos estudar ter o conhecimento e foi mais força para nós porque nossos filhos já tiveram o estudo e o conhecimento para fortalecer a nossa luta em conquista daquilo que estava sendo impedido. Pra nós, foi muito bom porque através do estudo nossos filhos foram entendendo, aprendendo, conhecendo aquilo que nós não tinha o conhecimento, muito dos nossos direitos através da escola foi reforçando a nossa cultura enquanto povo indígena porque até então a língua materna não estava mais sendo falada, só os anciãos falavam, por que isso foi desde o começo depois que as pessoas de fora foram entrando falando que eram donos da Terra e que nós não tinha direito até isso foram proibindo, que as pessoas não falassem mais a própria língua. Eles diziam que nós tínhamos que falar como gente, não como bicho só que a nossa língua é a nossa língua mãe, nós não pode perder ela, porque é nossa língua. [...] Teve um grande avanço para nós porque tiveram conhecimento do que é nosso direito. Não podemos deixar acabar o que é nosso, nossos costumes nossa cultura nossas tradições, foi muito bom a escola aqui na aldeia (Entrevista com Elena Laura Chue, 25 de agosto de 2021 s.p.).

Florêncio, que tem sido o primeiro cacique da aldeia, destaca que houve melhoria na aldeia com a existência da escola por ser diferenciada. Assim, tudo está pensado conforme a etnia Chiquitano; espaço oportuno de fortalecer a tradição cultural. O trabalho da comunidade tomou visibilidade por outras pessoas de fora da aldeia:

> Melhorou bastante, a escola contribui muito na luta. Ela ajudou muito por ser uma casa de educação diferenciada, então pais e alunos podem estudar, trabalhar conforme nossa etnia, melhor para mostramos a nossa tradição, nossa cultura, isso ajudou muito para trazermos de volta tudo aquilo que nós já estávamos esquecendo perdendo, com a escola deu mais força. Hoje muitas pessoas vêm aqui e admiram, cada vez que as pessoas admiram nosso trabalho é uma força, é uma alegria pra mim. [...] quem estuda mesmo aqui sente e sabe que a escola tem uma grande força e tem muita importância. Para mim, a escola é fundamental porque na escola indígena ensina muita coisa com a natureza as plantas medicinais, a língua materna, as práticas da cultura que a escola ensina e lembra com o povo e o povo vai lembrando, contando para cada vez fortalecer mais (Entrevista com Florêncio Urupe Muquissai, 27 de agosto de 2021 s.p.).

A escola é reconhecida pelo seu papel fundamental. Mais do que um simples trabalho de transmitir conteúdo, ela tem uma missão pelo seu envolvimento com os pais, sendo vista como aquela que faz ponte pelo olhar coletivo:

> Vejo que a escola dentro da nossa própria aldeia, ela tem um papel, uma missão de suma importância para todas as ações. Porque ali envolve os pais primeiramente e os pais estão juntos com a mesma visão do fazer e do olhar coletivo, por isso acredito que a escola tem esse papel fundamental de fazer ponte, unidade e ações de melhoria, teve mudanças visíveis a partir do momento que a escola começou a funcionar dentro da aldeia (Entrevista com Soilo Urupe Chue, 14 de setembro de 2021. s.p.).

A escola proporcionou um processo de aprendizagem tanto para os alunos como para os professores jovens que se empenharam na luta pela escola dentro da aldeia.

> A escola contribuiu muito, foi justamente com esse objetivo que a comunidade quis reivindicar uma escola Indígena na aldeia, um processo de aprendizagem tanto dos professores quanto para os alunos. Com o tempo, isso foi ganhando corpo e a própria escola veio se fortalecendo e atualmente ela contribui muito com a comunidade, a escola ela tem uma importância muito grande dentro da aldeia (Entrevista com Edmundo Nicolau Chue Muquissai, 29 de agosto de 2021 s.p.).

A luta pela demarcação do território é uma luta que os Chiquitano enfrentam há muito tempo. O surgimento da escola dentro da aldeia contribui diretamente para que a demarcação da terra aconteça, pois, até o presente momento não existe prédio exclusivo da escola, embora nem por isso a educação escolar deixe de acontecer, ainda que em local provisório. No início, ela acontecia no barracão de palha construído para ser o salão comunitário, que passou então a

ser utilizado como sala de aula para os alunos estudarem. Atualmente, os alunos estudam na casa multiuso. O impasse da construção do prédio exclusivo para escola ocorre exatamente por não haver terra demarcada. Mesmo assim, com a presença da educação escolar Indígena, acreditamos que ela é uma força para que a demarcação da nossa terra aconteça, principalmente porque por meio dela o conhecimento permite que professores auxiliem nesse processo com conhecimento sobre as leis que regulamentam esse direito.

Figura 95 – Maquete da aldeia: trabalho realizado pelos alunos



Fonte: Edmundo N. Chue. Maio de 2015.

> Sem dúvida, a escola contribui na luta pela demarcação da terra, pois a escola é uma das forças maiores aqui na aldeia. É por meio da escola que nós conseguimos elaborar documentos, dar suporte para as lideranças, se o cacique precisa, ele recorre aos professores porque hoje os professores já estão tendo mais informação em nível superior, tem um olhar mais amplo da realidade na sociedade em geral. A escola ela dá suporte muito grande e os professores também assumem papel de liderança na aldeia, então não dá pra desvincular a escola da luta pela demarcação do Território, porque a principal luta do povo no momento é pela demarcação do território, pois ela ainda não está demarcada. Então nós sofremos vários tipos de violência, os fazendeiros nos rodeiam e eles estão destruindo o território sem dó. A escola caminha junto, tanto que a escola foi um pedido da comunidade justamente para fortalecer essa luta e ela contribui muito, sempre que tem algum movimento na aldeia os professores estão envolvidos, procuram envolver os alunos. Então não tem como falar que ela é

> separada, pois um dos objetivos é trabalhar a partir da realidade e a nossa realidade é essa a luta pelo território para defender aquilo que está no território e que está sendo destruído, então trazer dentro da sala de aula esses temas (Entrevista com Edmundo Nicolau Chue Muquissai, 29 de agosto de 2021. s.p.).

Ao reivindicarmos a demarcação da terra, não temos a pretensão de ficarmos ricos ou tampouco explorar a terra desnecessariamente, mas sim de quer cuidar e preservar, pois ela nos dá o sustento e a cura que precisamos. A terra é sagrada para nós; ela é a nossa casa e nosso lar. Essa consciência vai sendo ensinada para as crianças e a escola tem contribuído para esse resgate, por isso continuaremos lutando pela demarcação do nosso território.

> A luta pelo território, a preservação dos rios e dos animais, das frutas, das ervas medicinais... é trabalhar com o olhar para esse processo da demarcação do território porque nós não vamos demarcar um território que não tem o que precisamos, vai demarcar um território que vai trazer esses recursos necessários para nossa sobrevivência e manter nossa cultura em todos os sentidos; então a escola contribuiu muito nesse processo (Entrevista com Edmundo Nicolau Chue Muquissai, 29 de agosto de 2021 s.p.).

É bonito ver e fazer parte desse processo de luta, pois todos se empenham, seja a comunidade, os alunos e principalmente os professores, que, além do compromisso com os trabalhos pedagógicos que assumem e desenvolvem na escola, entendem que ela é fundamental nessa luta pelos direitos que foram e continuam sendo violados. Há um esforço para tornar os Chiquitano invisíveis e calados, mas isso não vai acontecer, pois a luta continua sendo fortalecida a cada dia por aqueles que estão dispostos a lutar por esse objetivo.

> Hoje, na condição de professor na aldeia eu disponho a continuar essa caminhada, lutar enquanto eu puder na escola, porque é muito claro isso. Para nós, a escola é um dos pontos que assegura a nossa luta. Eu, como professor, eu vou me dispor a me empenhar sempre da melhor forma possível para que a nossa escola permaneça sempre ativa, porque nós sabemos também das políticas do Estado em relação às escolas indígenas e nossa escola, por ser em uma localidade que apresenta uma realidade de número de alunos que para o Estado não é uma quantidade considerável, é uma luta constante manter a escola aqui dentro da aldeia e como a escola é um dos pilares aqui, a nossa luta vai permanecer sempre para manter a escola, para fortalecer sempre a nossa luta. Mas por um lado eu me sinto um pouco tranquilo e até feliz porque eu vejo que conseguimos ter um pouco mais de autonomia dentro da comunidade. Antigamente, muitas pessoas que vinham de fora falavam coisas e muitas vezes a comunidade não se manifestava por falta de conhecimento; hoje eu vejo que nós já conseguimos ter esse avanço tanto que nossa escola ela é bem reconhecida. Hoje ela tem uma representatividade boa nas formações que nós professores tivemos fora junto com outros professores não indígenas, a nossa escola foi bem representada, respeitada e bem recebida porque no início não era essa maravilha, então a mensagem que eu deixo aqui é essa (Entrevista com Edmundo Nicolau Chue Muquissai, 29 de agosto de 2021 s.p.).

O desafio é constante e exige das lideranças resiliência para lidar com tanta burocracia imposta, seja na administração da escola ou no processo de demarcação do território. Isso traz esperança e confiança de estar no caminho certo, uma vez que temos consciência que não queremos tirar nada de ninguém, somente ter o que sempre foi nosso: um espaço em que possamos viver com liberdade e um pouco de dignidade. E a escola vem incansavelmente cumprindo seu papel na luta e naquilo que compete à gestão, aos professores, ao conselho deliberativo e a toda equipe envolvida, apesar dos desafios enfrentados devido às mudanças que vem ocorrendo nos últimos tempos com maior rapidez.

> A escola sempre se empenhou em exercer o seu papel aqui dentro da aldeia, foi um processo gradativo, não aconteceu de uma hora para outra. Aos poucos, as equipes foram sendo capacitadas, acompanhando o processo desde o início; hoje sou professor atuando aqui na escola, vejo que a gestão vem atuando da melhor forma possível mesmo com todos as dificuldades e desafios, pois, para o Estado, nossa escola tem um número de alunos que não é tão considerável e por esse motivo nós não temos a contratação de todos os profissionais como as outras escolas. A gestão é composta pela diretora que assume três funções sendo diretora, secretária e coordenadora pedagógica, e nós sabemos que não é possível realizar essas três funções por uma pessoa só, por mais que a pessoa tenha boa vontade. Particularmente, vejo essa dedicação e boa vontade da gestão atual, fazer com que essas organizações aconteçam... uma pessoa só, fica sobrecarregada, mas eu vejo também que os professores são empenhados, tem boa comunicação entre si e no corpo docente buscam ter boa relação com os alunos e a transparência. Nesse sentido, vejo que a escola está de parabéns; pelas dificuldades que ela enfrenta nos dias de hoje, ela está conseguindo encaminhar seu trabalho; considero uma avaliação boa enquanto escola (Entrevista com Edmundo Nicolau Chue Muquissai, 29 de agosto de 2021 s.p.).

Destaco como ponto importante o posicionamento da escola diante das políticas impostas e diante das situações desfavoráveis. A nossa luta sempre teve representatividade por parte da escola e dos professores e não temos dúvida de que a escola é um mecanismo de luta:

> Quando ela precisou posicionar enquanto escola nas políticas que vem de fora tentando impor dentro da comunidade, a escola se posicionou tanto por meio da gestão quanto pelos professores e teve essa representatividade que foi respeitada por isso. Então o trabalho profissional, ele vem acontecendo e eu vejo que essa política do ensino de acordo com os princípios da Educação escolar Indígena vem sendo mais aprimorada dentro da aldeia, é isso que eu vejo como professor, mas ainda vejo que precisa ser discutido, debatido nas instâncias maiores como na secretaria de educação; em relação à política da educação escolar Indígena, muita coisa fica a desejar, mas que a nossa escola vem lutando pra trabalhar tudo isso (Entrevista com Edmundo Nicolau Chue Muquissai, 29 de agosto de 2021 s.p.).

5.2 As conquistas trazidas pela escola

A trajetória Chiquitano é marcada por lutas e desafios, mas também por conquistas. Isso pode ser notado em vários relatos das principais conquistas proporcionadas pela escola, que merecem destaques e reconhecimento:

> [...] fiz até o segundo ano infantil e daí eu vim pra escola indígena que já era aqui dentro da nossa aldeia, na época ela era sala anexa, estudei o fundamental completo e depois voltei e fiz o primeiro ano do Ensino médio na escola não indígena, mas o segundo e terceiro ano eu voltei e completei o estudo na escola na aldeia [...] a escola aqui na aldeia era e continua sendo bom porque é aqui dentro da aldeia pertinho para ir até a escola praticamente dentro de casa, me sentia segura, estudar aprender coisas que é nosso mesmo, mas também junto com o conhecimento que é do não indígena as disciplinas são as mesmas, mas tem as disciplinas específicas que são coisas da nossa cultura mesmo e na escola não indígenas é só as disciplinas comum (Entrevista com Maria Chue Muquissai,15 de agosto de 2021. s.p.).

As conquistas, segundo Elena Laura Chue, "reforçaram muito as questões culturais enquanto povo indígena chiquitano, povo originário; reforçaram nosso conhecimento e nossa convivência como um povo nativo do lugar, com toda essa riqueza. Fortaleceu, pois estava sendo esquecido, enfraquecido, pois tinha sido proibido" (Entrevista com Elena Laura Chue).

5.3 A Retomada da língua materna Chiquitano e o fortalecimento cultural

Uma das grandes conquistas foi o trabalho com a língua Chiquitano. A língua Chiquitano é do tronco Macro – Jê, conforme relata Santana (2012) e, em geral, há poucos falantes da língua materna nas aldeias do lado brasileiro, uma vez que em região de fronteira temos um grande número de Chiquitano, tanto no território brasileiro como no território boliviano.

Devido ao processo histórico de resistência e luta do povo Chiquitano, a língua materna Chiquitano enfrentou um processo de silenciamento, ficando adormecida ao longo dos anos, o que tem causado um grande impacto na vida dos Chiquitano nas aldeias brasileiras. Durante muito tempo, apenas algumas pessoas se comunicavam por meio dela, sendo somente alguns anciãos, quando se reuniam em uma roda de conversa ou mesmo em momentos de festas. Diante disso, sentimos a necessidade de resgatar a língua materna como meio de fortalecimento cultural.

A forma dessa retomada se iniciou na escola com os alunos por meio da oralidade, pois os anciãos falantes da língua não dominam a escrita. Eles foram então convidados para ensinar as crianças (e também o professor) por meio da oralidade.

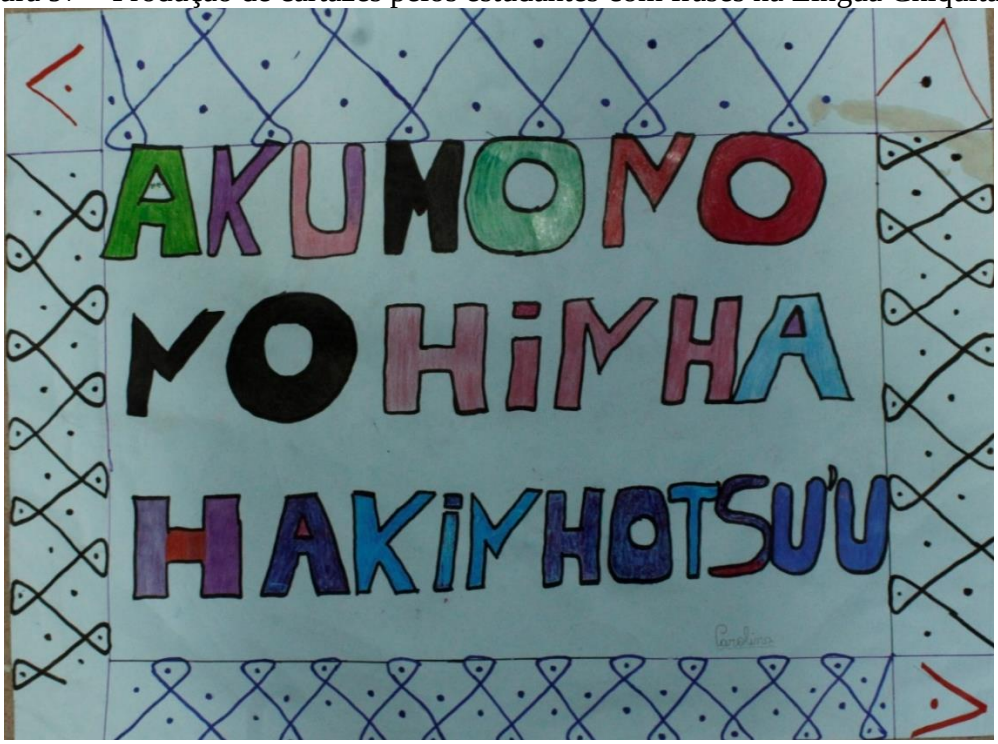
Figura 96: Anciã Clemencia Muquissai falante da língua materna, ensinando as crianças sobre a língua materna Chiquitano.



Fonte: Marluce Almeida. Janeiro de 2007.

A oralidade foi uma das primeiras atividades a ser trabalhada na escola; em seguida, veio a escrita, ainda está em processo de unificação. A escrita é feita da forma como entendemos e seguimos o alfabeto que foi construído por meio do trabalho da professora e linguista Aurea, juntamente com os professores Chiquitano. Foi ela que nos auxiliou com o alfabeto Chiquitano, embora deva-se ressaltar que a escrita ainda não está unificada.

Figura 97 – Produção de cartazes pelos estudantes com frases na Língua Chiquitano.



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2019.

Figura 98 – Trabalho produzido pelos estudantes na língua chiquitano



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2019.

Os professores Chiquitano, no início, não tinham o domínio da língua materna nem falada e muito menos escrita; eles aprendiam junto com os alunos por se tratar de algo novo para todos.

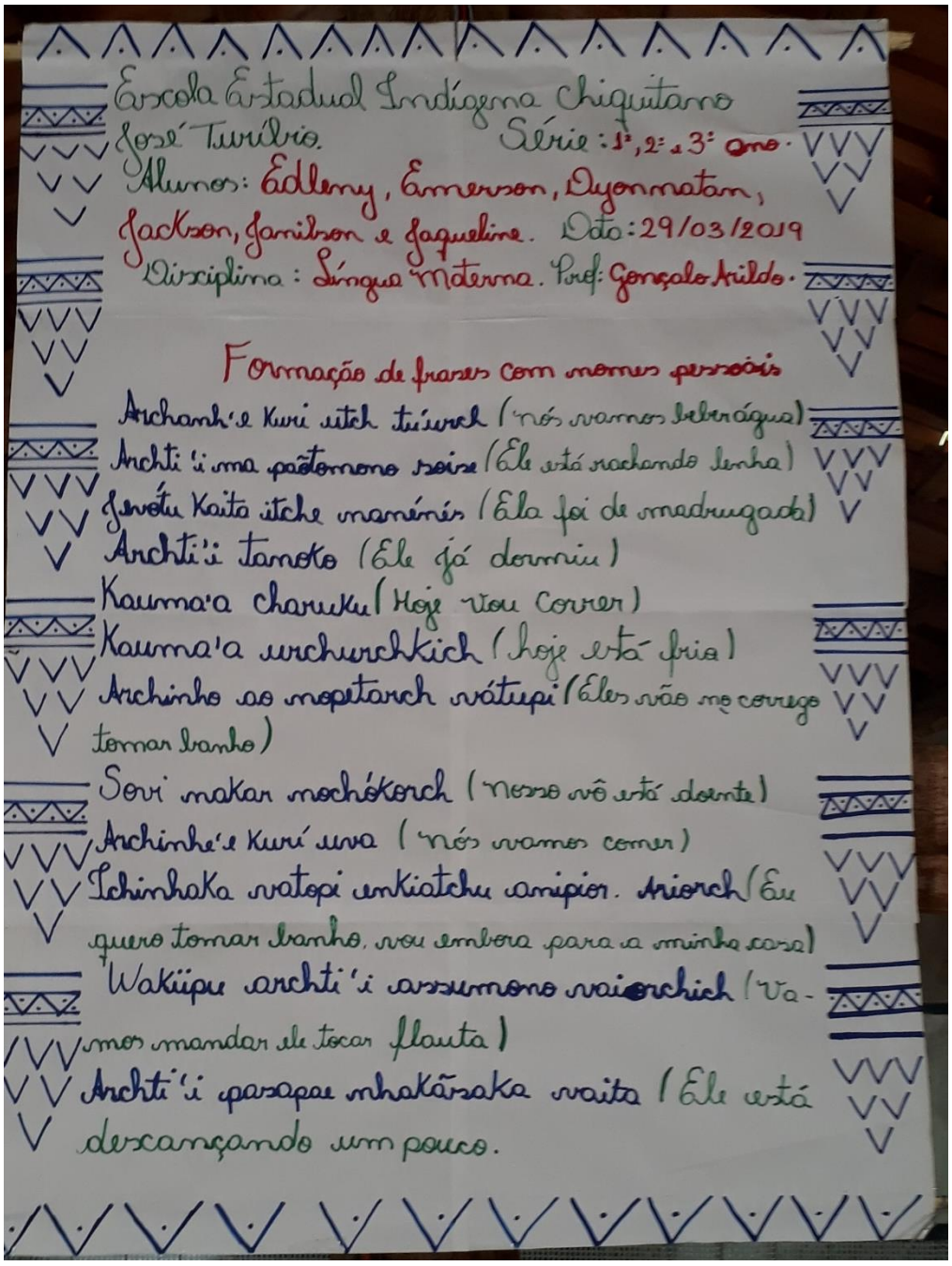
Figura 149 – Nomes de animais e pássaros em Língua Chuiquitano, escritos pelos estudantes do Ensino Fundamental anos iniciais



Fonte: Edmundo N. Chue. Outubro de 2018.

A partir do momento em que os professores começaram a trabalhar na escola ministrando aulas, eles tiveram a necessidade e a oportunidade de estudar a oralidade e a escrita da língua materna Chiquitano, trazendo os anciãos para dentro da escola para que pudessem juntos aprender. Esse foi um grande desafio, mas também um grande avanço no ensino específico e diferenciado dentro da aldeia. O ingresso dos professores no ensino superior, de modo especial na Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI, também tem oportunizado aos professores Chiquitano buscar desenvolver pesquisas nas práticas culturais do povo e também da língua materna.

Figura 100 – Trabalho realizado pelos estudantes do Ensino Médio em aula de Língua Materna

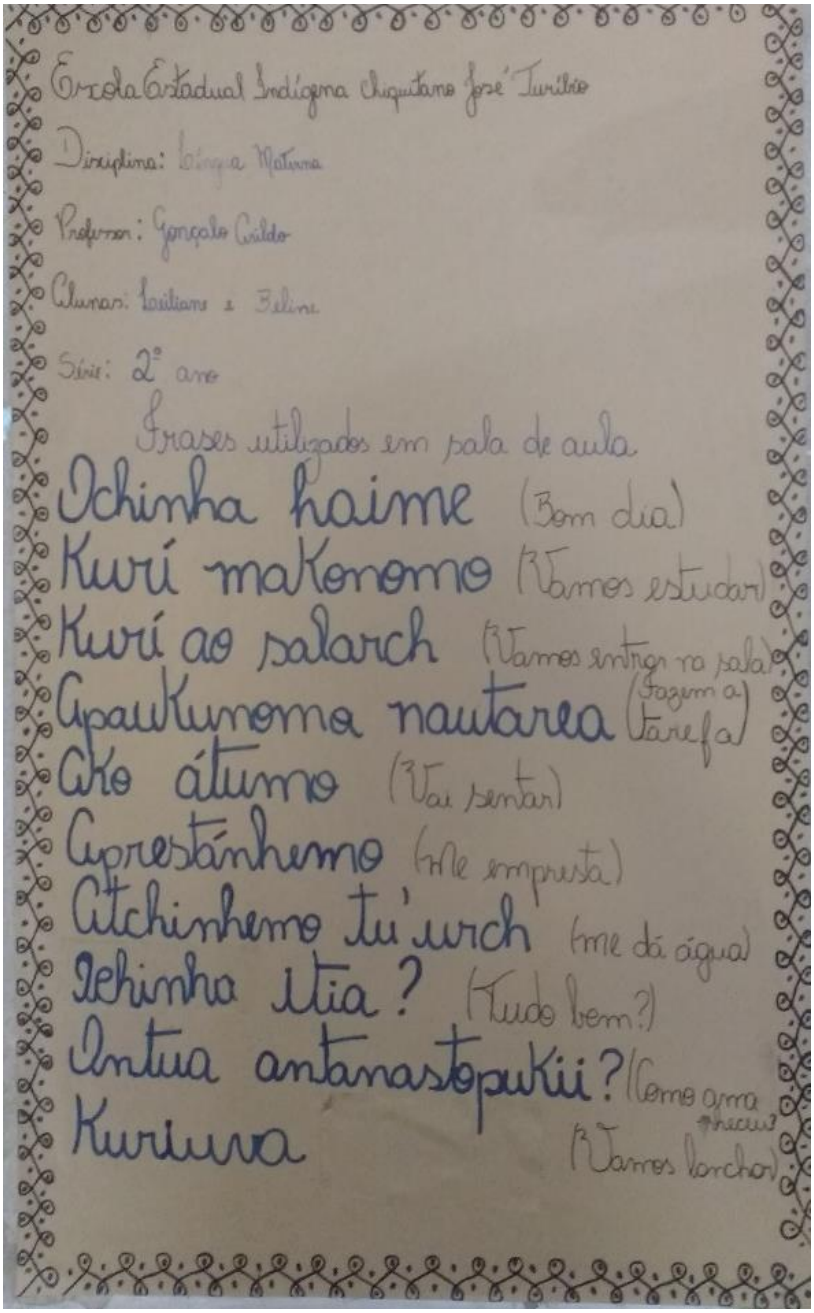


Fonte: Edmundo N. Chue. Março de 2019.

O trabalho de retomada da língua Chiquitano foi uma iniciativa da escola por meio do trabalho dos professores com os anciãos. Na escola, a língua passou a ser ensinada de muitas formas para as crianças: pela oralidade, escrita, por meio de desenhos, pinturas e pesquisas com

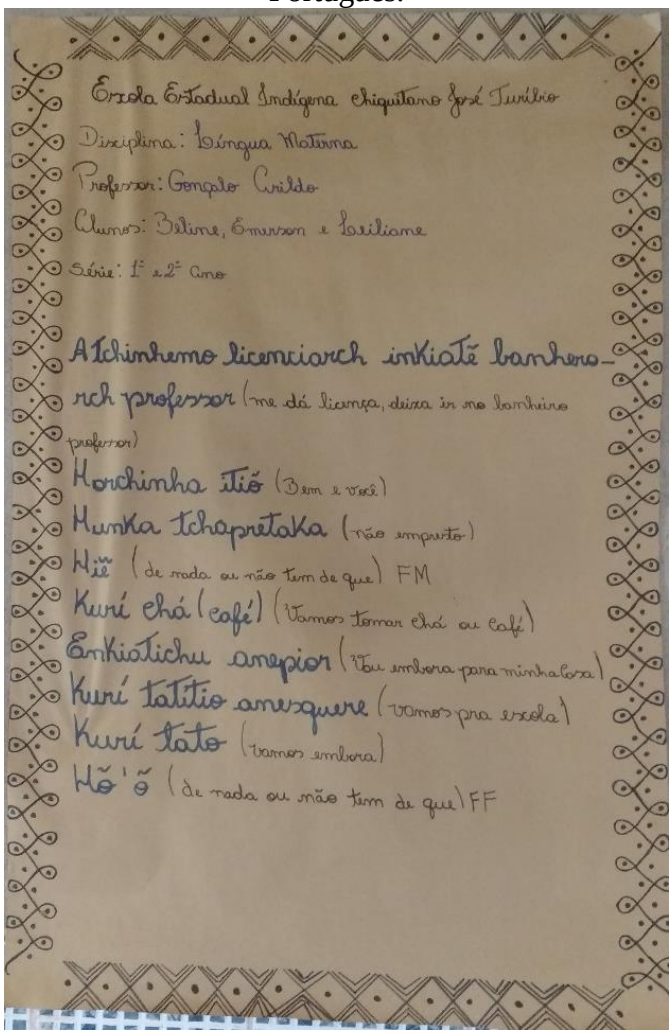
os anciãos. Iniciamos com as palavras soltas como nomes dos animais, das aves, das plantas, do corpo humano e das cores; depois, passamos para pequenas frases utilizadas no dia a dia, como as saudações e cumprimentos, despedidas e pequenas frases: como vamos almoçar, vamos dormir, vamos brincar, vamos estudar e, também pequenos cantos.

Figura 101 – Trabalho dos estudantes do 2º ano do Ensino Médio.



Fonte: Edmundo N. Chue. Maio de 2017.

Figura 102 – Cartaz produzido pelos estudantes, frases em Chiquitano traduzido para o Português.



Fonte: Edmundo N. Chue. Maio de 2017.

Um dos motivos pelos quais os anciãos pararam de falar a língua materna foi a imposição de pessoas vindo de fora que chegavam e dominavam os nativos da região, proibindo-os de falar suas próprias línguas.

> Estranhos foram entrando em nosso território, foram falando que nós não podíamos falar nossa fala porque eles não entendiam, mas nós entendíamos e entendemos por que era a nossa fala. [...] nós não podemos deixar é nosso, mas com o estudo dos nossos filhos à escola teve uma grande força pra lutar para que isso não acabasse. [...] os professores trabalham, se empenham da melhor forma não deixam de fora aquilo que é nosso, que pertence a nós pois em outras escolas não indígenas é diferente, não se preocupam em ensinar aquilo que é da cultura (Entrevista com Elena Laura Chue, 25 de agosto de 2021 s.p.).

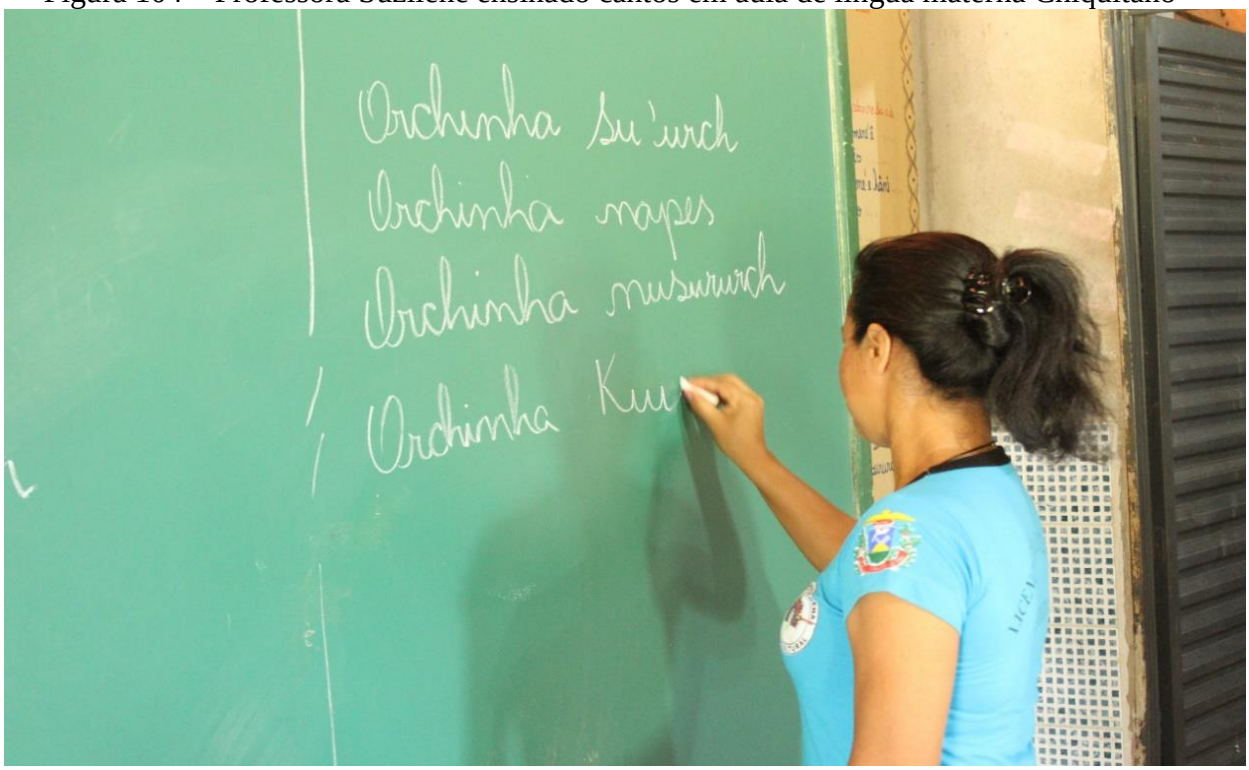
Nas imagens a seguir, temos professores ensinando os alunos a pronúncia e a escrita da língua materna.

Figura 103 – Professor Gonçalo Arildo ministrando aula de língua materna Chiquitano



Fonte: Edmundo N. Chue. Dezembro de 2018.

Figura 104 – Professora Suzilene ensinado cantos em aula de língua materna Chiquitano



Fonte: Edmundo N. Chue. Dezembro de 2018.

Figura 105 –Aula de língua materna Chiquitano



Fonte: Edmundo N. Chue. Dezembro de 2018.

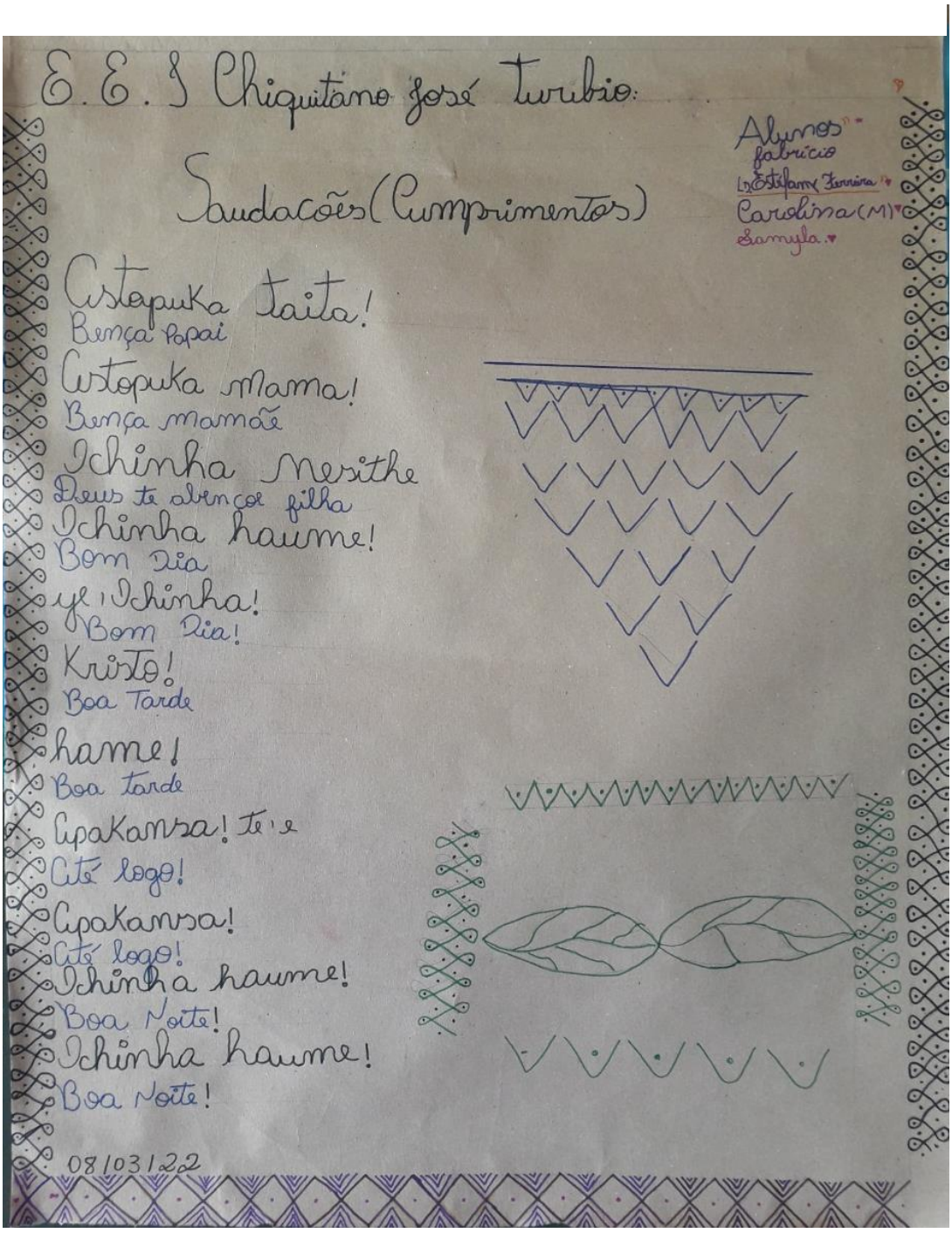
Como somos falantes da língua portuguesa, aprender a língua Chiquitano é um trabalho que exige empenho e muita dedicação, pois temos que aprender a falar e a escrever. Por meio da escola, também foi possível realizar junto às duas escolas Chiquitano no ano de 2017 duas convenções para unificação da língua Chiquitano. Nesse processo, foram parceiros a Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI, a UNEMAT por meio dos professores linguistas Mônica e Weliton e a SEDUC, por meio da professora Leticia. Foi reunido um grupo grande de Chiquitano lá na Escola Chiquitano do Portal do Encantado e os anciãos falantes da Língua, onde eles tiveram oportunidade de fazer a roda de conversa em nosso próprio dialeto.

A convenção não foi concluída, embora ela tenha contribuído muito para compreendermos como funciona as questões linguísticas. Nesse contexto, precisamos encontrar formas de conseguir recursos para dar continuidade desse trabalho.

O currículo da escola já contempla a disciplina da língua materna Chiquitano. Todavia, sua carga horaria em relação à necessidade que temos da retomada total da nossa própria língua é demasiadamente pequena, pois somos falantes da língua portuguesa.

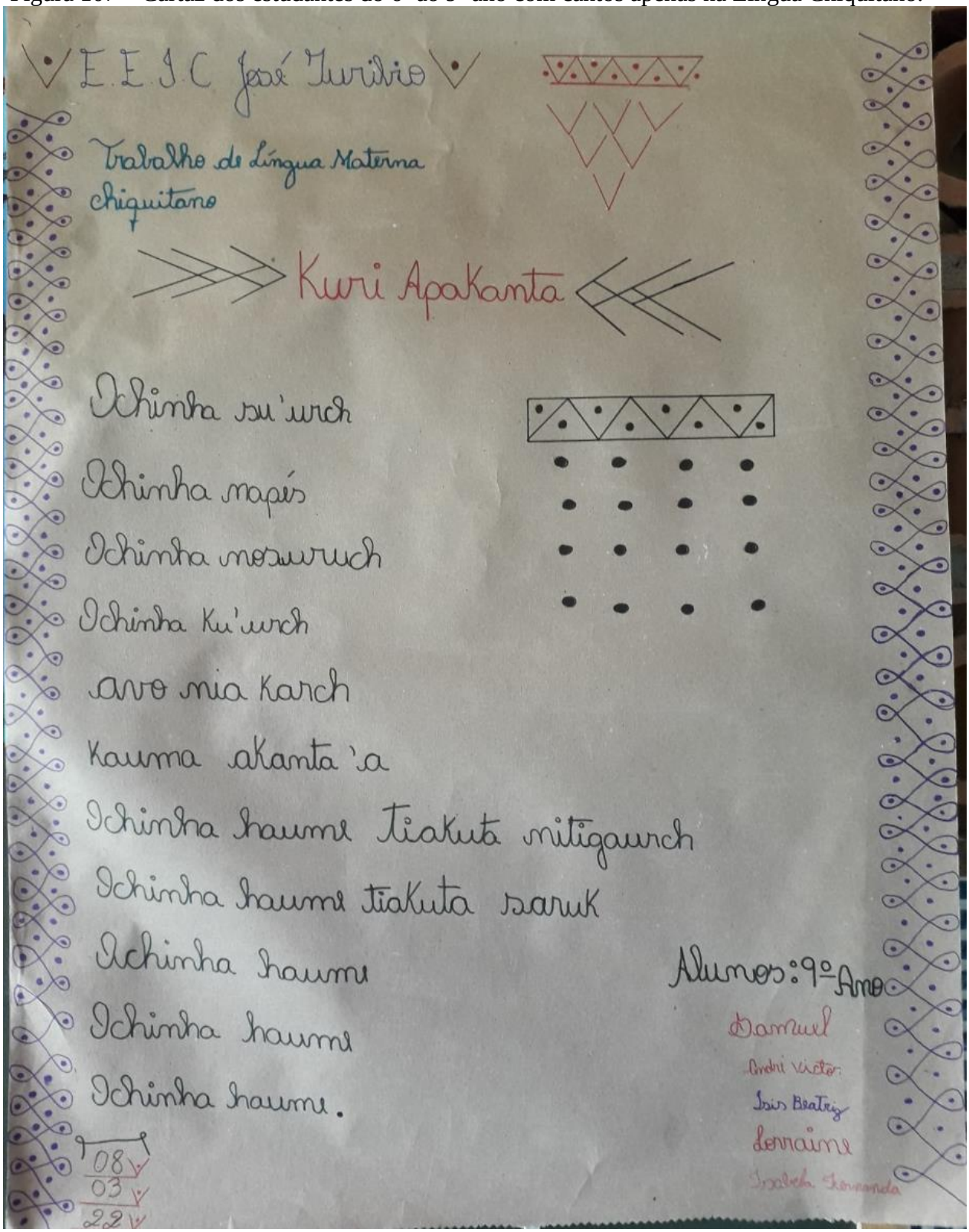
No regimento interno da Escola, temos garantida a comunicação de tudo o que já aprendemos e sabemos falar na sala de aula para fortalecer nossa língua e isso é uma responsabilidade que não recai somente sobre um único professor, mas sim sobre todos os professores e profissionais da escola, que devem trabalhar a língua Chiquitano em todas as disciplinas e em todos os momentos, seja na hora do intervalo ou do lanche, por exemplo.

Figura 106 – Trabalho dos estudantes Turma Multi do 6º ao 9º ano Ensino Fundamental, com as saudações em Chiquitano traduzidos para o português.



Fonte: Edmundo N. Chue. Março de 2022.

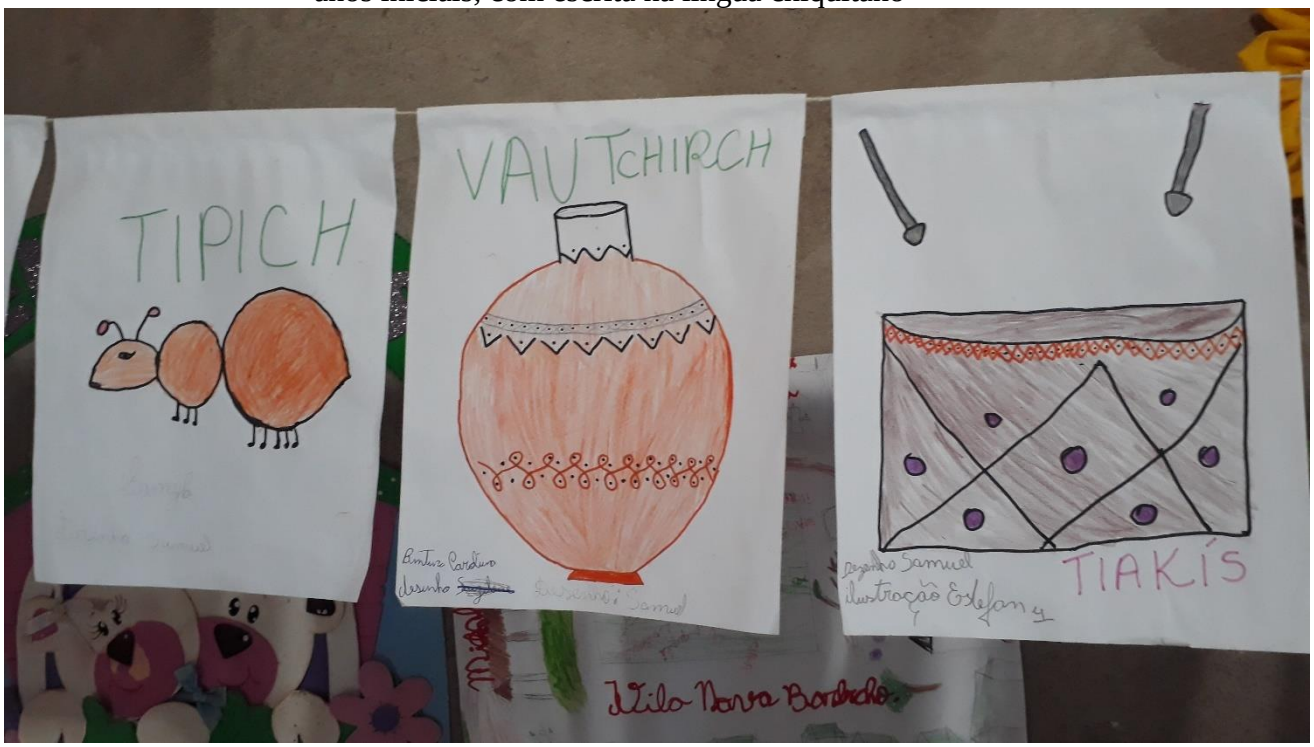
Figura 107 – Cartaz dos estudantes do 6º ao 9º ano com cantos apenas na Língua Chiquitano.



Fonte: Edmundo N. Chue. Março de 2022.

Sentimos a necessidade de ter um professor específico para a disciplina da língua materna, pois isso possibilitaria as pesquisas com os anciãos, a sistematização desse conhecimento e a prática com os estudantes e com a comunidade, além da inter-relação com as demais disciplinas. Sabemos que a elaboração de material pedagógico e didático na língua Chiquitano para trabalhar na escola com os estudantes é uma das formas de fortalecer essa retomada linguística do nosso povo.

Figura 108 – Desenhos de instrumentos musicais, artefatos e insetos dos estudantes do 3º ano anos iniciais, com escrita na língua chiquitano



Fonte: Suzilene Urupe Chue. Outubro de 2018.

Como a escola e a família estão muito ligadas, ensinar a língua Chiquitano não é dever somente da escola e dos professores, mas também de cada família. Pelo fato de sermos falantes da língua portuguesa, as famílias precisam se empenhar ainda mais ao trabalhar esse resgate com os filhos e até entre os adultos, para que esse saber não caia em desuso.

Em parceria com as famílias, podemos fortalecer o trabalho desenvolvido pela escola. Como consequência, a comunidade pode e deve se envolver, se empenhar em aprender e quem ainda não sabe, pode aprender para poder ensinar as crianças e praticar na família em casa, nas reuniões na comunidade e até mesmo nos jogos, nas brincadeiras e nas festas, procurando manter a nossa língua Chiquitano presente em todos os momentos e ambientes. Isso vai

possibilitar que um dia voltemos a ser falantes fluentes da nossa própria língua materna. Devemos aproveitar e aprender tudo que conseguirmos, aproveitando a oportunidade que ainda temos de ter conosco os anciãos falantes.

Sob meu ponto de vista enquanto liderança e educadora na aldeia, procuro fortalecer a ideia de que precisamos unir forças – escola, família, comunidade e lideranças – e criar regras internas da aldeia para praticar no dia a dia o uso de tudo o que já aprendemos a falar na língua Chiquitano com o objetivo de ir nos aprofundando cada vez mais. Não me refiro, nesse caso, a proibir o uso da língua portuguesa, mas sim de criar uma regra de uso da língua materna.

Podemos dizer que essa prática da disciplina dos saberes indígenas já mostra resultados importantes, como o uso da língua materna por várias pessoas, principalmente entre os jovens e crianças, que antes só praticavam a língua portuguesa. Atualmente, eles já falam e entendem palavras e frases da língua materna Chiquitano, embora ainda haja muito o que se aprender.

5.4 A formação dos professores indígenas

O fato de hoje haver profissionais da área da educação formados e outros profissionais com estudo acadêmico em andamento constitui uma conquista visível dentro da aldeia; tal importância é destacada por Florêncio Urupe, o primeiro cacique da aldeia:

> Hoje, temos professores, lideranças, temos diretor da escola da própria aldeia, tem alunos estudando que daqui uns dias, com certeza, vão assumir responsabilidade ser professor ou outras lideranças. Agora temos filhos daqui estudando fora fazendo faculdade para formar e ajudar trabalhar com o povo na comunidade do mesmo jeito. Então essa escola tem muita importância e muito valor pra quem reconhece, enxerga e presta atenção, é uma coisa muito importante. Hoje eu acompanho de longe, estou percebendo... sei o que está acontecendo com os filhos de cada pai. Então tudo isso pra mim é um crescimento, é a minha visão (Entrevista com Florêncio Urupe Muquissai, 27 de agosto de 2021 s.p.).

A formação dos professores contribuiu para que pudéssemos ter professores de dentro da aldeia; o CEFAPRO – Centro de formação Continuada – teve participação na formação dos novos professores que, desejosos em aprender e ensinar os alunos, enfrentaram desafios no intuito de contribuir com a formação dos alunos desde as etapas iniciais.

> Os professores contratados são de dentro da própria aldeia. A nossa escola teve uma conquista muito grande da gente sempre ter todos os professores e todos os diretores da nossa aldeia. As formações do CEFAPRO, que era o centro de formação que existia e que agora não existe mais, o CEFAPRO teve papel importante de contribuir com essa questão, de passar essa formação para os professores que estavam iniciando sua caminhada e o papel fundamental de ter a merendeira, a pessoa que limpa a escola

> dali mesmo da aldeia (Entrevista com Soilo Urupe Chue, 14 de setembro de 2021. s.p.).

A escola em si é considerada uma grande conquista, já que, com muita luta, conseguimos que ela deixasse de ser somente uma sala anexa da escola Portal do Encantado e passasse a ser uma escola independente, especifica e diferenciada, trazendo com ela diversas experiências e expectativas que foram sendo concretizadas no dia a dia:

> Considero uma conquista muito grande da comunidade conseguir uma escola específica e diferenciada que atenda ou que pelo menos busca atender ao máximo as necessidades da comunidade. E as contribuições que ela trouxe até hoje foram várias, principalmente a reafirmação da identidade étnica, a retomada cultural. Os jovens não tinham noção de que o povo tinha sua cultura, sua dança, artesanato, pintura corporal, estavam sendo deixadas de lado. Quando a escola entrou na aldeia, ela buscou reforçar todas essas práticas, esses elementos da Cultura, a partir da sala de aula, com as crianças indo ao encontro dos anciãos, fazendo pesquisa, entrevista, anotações, fazendo atividade em sala de aula, fazendo aula de campo, conhecendo o espaço, tudo que tem no território que faz parte da vida do povo Chiquitano na comunidade. Tanto para confecção dos artesanatos... as ervas medicinais, a água que é muito importante para a comunidade; todos esses elementos que são importantes para a comunidade, a escola veio trazendo isso. Eu lembro, realizamos muita aula de campo para realizar a pesca e os alunos eram muito empenhados, envolviam e, claro, os professores também e todas essas práticas, elas foram sendo fortalecidas (Entrevista com Edmundo Nicolau Chue Muquissai, 29 de agosto de 2021 s.p.).

A partir da existência da escola Indígena aqui dentro da aldeia, já se formaram seis turmas de alunos do ensino médio. Desses alunos, alguns não estudaram somente na escola aqui da aldeia; ao longo de suas trajetórias, eles fizeram o processo de transição da escola não indígena para a escola indígena. Eles estudaram em escolas não indígenas porque, à época, ainda não existia escola na aldeia. Todavia, eles tiveram a oportunidade de concluir o ensino médio aqui na aldeia:

> Tive experiência em estudar em escola aqui dentro da aldeia e fora da aldeia, quando eu comecei estudar eu tinha 06 anos de idade, foi no ano de 2003, aqui na aldeia ainda não tinha escola, então tanto eu como os demais alunos daqui da nossa aldeia estudávamos em uma escola do campo localizado na Vila Picada. Nessa escola, iniciei a pré-escola, estudei a primeira, a segunda e a terceira série. A escola é municipal e existe até hoje. Na quarta série, eu estudei em uma sala anexa dessa escola que ficava localizada a 50 km daqui da aldeia porque nesse período eu saí para fazer companhia com a minha irmã Saturnina que foi convidada para lecionar nessa sala anexa. Mas não terminamos o ano devido à dificuldade que a professora enfrentava, tinha que exercer várias funções tanto de dar aula como também de realizar a limpeza, fazer a faxina na sala de aula e organizar tudo. Acabamos voltando para a aldeia, como não havia criado a escola ainda, eu retornei para a escola Dona Lilla Hill de Souza na quarta série ainda. Logo depois, a comunidade conseguiu uma sala anexa aqui na aldeia anexa da escola Indígena sede que atendia nossa aldeia que está localizada na terra Indígena Portal do Encantado. Escola Estadual indígena Chiquitano. Eu vim da escola municipal pra estudar já na aldeia pela primeira vez, mas como eu já estava na quarta série e a sala anexa só atendia da primeira a quarta série, no ano seguinte como

> passei pra quinta série, conversando com minha mãe e minha família toda, aí nós decidimos que eu iria para Portal do Encantado morar pra lá e estudar, enquanto isso a comunidade ia lutando para abrir outras turmas aqui na aldeia. Eu fui para o Portal do Encantado, estudei em torno de uns 3 a 4 meses, mas como eu não tinha costume de morar longe da família, eu não me acostumei, acabei voltando para aldeia. Nesse período, eu voltei novamente a estudar na escola da Vila Picada, permaneci na quinta série, e no ano seguinte em 2009, abriu outra turma do ensino fundamental 5º, 6º e 7º série na aldeia. Eu voltei a estudar na aldeia, fui matriculado, estudei até o 9º ano. Como ainda estava em processo inicial para cursar o ensino médio, eu teria que estudar em outra escola novamente, então retornei estudar na Dona Lilla Hill de Souza em Vila Picada, fiz o 1º e 2º ano do ensino médio ali, que é uma sala anexa da escola Escola Estadual Pedro Neca. No 3º ano, voltei a estudar na Escola José Turíbio porque nesse ano já tinha uma turma multi de ensino médio aí retornei novamente, eu mais alguns estudantes que fizeram o mesmo processo. Voltar a estudar na escola na aldeia e principalmente concluir minha educação básica aqui, pra mim, não foi uma dificuldade, pelo contrário, foi uma grande alegria e grande conquista (Entrevista com Edmundo Nicolau Chue Muquissai, 29 de agosto de 2021s.p.).

Figura 109 – Formandos do 3º ano do Ensino Médio e concluintes do 9º ano de 2015



Fonte: Silvano Muquissai. Dezembro de 2015.

O relato dos estudantes que concluíram a educação básica na escola da aldeia deixa claro como a participação, o envolvimento e o empenho de todos tem colaborado para o funcionamento e à manutenção da escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, que, ao ser acessada pelos estudantes e comunidade, tem trazido questões relevantes para o fortalecimento da identidade cultural.

> Estudei em várias escolas, porque eu morei em diversos lugares; em cada lugar, era uma escola diferente. Estudei em três escolas indígenas contando com essa aqui da aldeia onde eu moro e outras escolas indígenas também. Na escola não indígena, estudei em três escolas. Eu sempre me assumi como indígena porque desde pequena eu sempre tive isso muito forte, pela minha irmã que sempre veio explicando, ensinando e fortalecendo isso para mim e meus irmãos. Então desde pequena eu já era bem ciente desses assuntos sobre a etnia do meu povo; a história ela sempre pegou bastante com a gente pra ensinar mesmo orientar, então nas escolas eu sempre falava que eu era indígena. Muitos não conhecem, principalmente na fase de criança na escola não indígena, que eles meio que ofendem a gente de toda forma e muitos ficavam rindo, mexendo; uma coisa que mexia bastante comigo é que eles falavam que eu não era índia, eu era japonesa porque meu olho era mais puxadinho, aí eles ficavam falando que eu estava mentindo que era índia, na verdade eu era japonesa e isso o tempo todo. Eu até sofri preconceito por parte de alguns professores mesmo, ficavam falando que a gente que se diz índio, quer ser índio só pra viver de boa nas custas do governo; eu lembro que falavam frequentemente isso e como eu era criança, não tinha resposta; às vezes até chorava escondido, mas não sabia o que falar, o que responder a altura deles. Estudei na escola Chiquitano Central do Portal do Encantado na aldeia Acorizal, quando eu era bem pequena, por volta dos seis, sete anos e a escola Sabene do povo Nanbikuara e Escola José Turíbio aqui da aldeia, onde conclui o ensino médio. Foram várias experiências boas que tive, na escola do povo Sabane interagia bastante com eles. Na minha aldeia que eu estudei pra mim foi mais especial, porque são todos meus parentes conhecidos, a gente se interage de forma igual, conhecemos todos, o ensino é mais dedicado para a gente aprender mesmo, não é simplesmente só passar a tarefa e cumprir o que tem que fazer, fazem com que a gente aprende o que está sendo ensinado e poder fortalecer a cultura. Aqui foi mais fácil porque a escola é perto, os funcionários como os alunos da escola todos se conhecem porque convivemos diariamente, é específico e vem ensinar bastante sobre a cultura que ajuda repensar nas coisas que muitas vezes não é ensinado nem valorizado em uma escola não indígena. Aqui uma dificuldade que eu tive foi quando eu passei pela minha primeira gestação, eu ainda era aluna, mas quanto ao estudo fui bem atendida pelos professores que em nenhum momento deixaram que eu desanimasse da escola, mesmo sendo um momento um pouco mais difícil para mim, mas continuei estudando e consegui finalizar os estudos até o ensino médio e eles sempre foram bastante prestativos e compreensivos comigo na questão das atividades de aula e assim conclui meu ensino médio aqui na Escola José Turíbio (Entrevista com Beline Tatiane Urup Tossue, 14 de agosto de 2021. s.p.).

Apesar dos diferentes percursos e contexto histórico desses estudantes, é evidente perceber a necessidade que tínhamos de ter acesso à Educação Escolar Indígena e com a escola indígena, específica e diferencia.

Figura 110 – Concluintes do 9 º ano e formandos do 3º ano de2018 na preparação da formatura, trajados de uniforme escolar, com pinturas corporais.



Fonte: Edmundo N. Chue. Outubro de 2018.

Figura 111 – Concluintes do 9 º ano e formandos do 3º ano (2018) trajados com roupas tradicionais e pinturas corporais.



Fonte: Edmundo N. Chue. Outubro de 2018.

Eu comecei estudando fora da aldeia porque na época que eu iniciei o meu estudo na educação básica, aqui dentro da aldeia não tinha escola ainda. Foi difícil, encontrei algumas dificuldades, estudei por volta de meio ano nessa escola, eu lembro que nessa época eu estudei umas duas semanas na escola da Vila Picada e depois dessas duas semanas nós fomos transferidos para estudar na sala anexa na comunidade São Fabiano; de lá que fui transferida para estudar dentro da aldeia, foi uma experiência até boa, mas é diferente do que estudar dentro da própria aldeia, aqui foi bem melhor. Quando eu comecei a estudar aqui dentro da aldeia, foi nas séries iniciais ainda a metade do primeiro ano até finalizar o terceiro ano do ensino médio. Foi muito bom, foi uma experiência muito boa, os professores eram da aldeia mesmo, víamos o empenho e interesse deles em relação ao aprendizado nosso como aluno, e no ensino médio nas disciplinas eu não tive tanta dificuldade, as dificuldades que eu tive em algumas disciplinas no ensino médio, em relação aos conteúdos, os professores sempre procuraram auxiliar para que eu pudesse suprir a necessidade, e a convivência com os professores com os alunos eram muito boas, tinha as disciplinas específicas e essas disciplinas eram trabalhadas com pesquisas, aulas a campo, eu gostava muito da forma que era trabalhado. Para mim, tem sido muito importante ter essa oportunidade de concluir o Ensino Médio aqui na escola da aldeia, depois iniciei o curso de Matemática em uma instituição privada da Unicesumar sediada na cidade de Maringá, no Estado do Paraná. O curso era EAD, parei porque era particular e ficou um pouco difícil a questão financeira. Mas atualmente estou cursando licenciatura em Letras – Habilitação em Língua e Literaturas de Língua portuguesa e Língua Espanhola pelo curso EAD da UNEMAT e também sou membro da orquestra de Violino Chiquitano aqui na aldeia e contribuo sempre com a comunidade naquilo que ela precisa (Entrevista com Leiliane Chue Muquissai, 15 de agosto de 2021. s.p.).

Figura 112 – Cerimônia de formatura dos Concluintes do 9º ano e formandos do 3º ano em 2018



Fonte: Edmundo N. Chue. Dezembro de 2018.

As entrevistadas se emocionam ao relatarem que, apesar dos desafios superados ao longo de suas trajetórias na educação escolar, elas puderam conhecer e acessar a modalidade

escolar Indígena ainda na educação básica e preferencialmente em uma escola em sua própria aldeia, o que tem sido uma grande conquista na luta da aldeia e também em seu percurso individual:

> Eu tive duas experiências de estudar em duas escolas, uma escola do campo não indígena e uma escola indígena que é aqui dentro da nossa aldeia. Na época, eu iniciei a educação infantil na escola não indígena. Foi uma experiência muito boa porque me fez valorizar mais as aulas aqui dentro da aldeia. Terminei o ensino médio aqui na Escola José Turíbio e para mim tem sido de grande importância, pois tive oportunidade de estudar com professores Chiquitano daqui mesmo da aldeia que sempre se dedicaram no ensinamento dos dois conhecimentos que são importantes para nós. Nos anos finais do ensino médio, meu pensamento me impulsionava em querer cada vez mais ser uma intelectual, meu plano era terminar o terceiro ano do ensino médio e já ingressar em uma faculdade. Eu lembro que nessa época eu fazia muita leitura, eu pegava aqueles livros que tinha ali mesmo na escola, uns livros bons para ler, eu fazia muita leitura, eu tinha o habito de ler, era bem legal... eu já tinha em mente os cursos que eu gostaria de fazer: odontologia, designer, arquitetura voltada para o campo das arquiteturas indígenas e sua diversidade e administração, um desses era meu sonho e tinha os reais motivos. Mas após terminar o ensino médio prestei vestibular para pedagogia pela UNEMAT, UAB; no momento, foi a primeira oportunidade que eu tive, fui aprovada, fiquei animada e até empolgada para fazer o curso, mas nem cheguei a iniciar porque casei e mudei da aldeia para a cidade. Em 2019, ingressei no curso de Administração na universidade Federal de Rondonópolis – UFR/MT. As aulas presenciais foram suspensas devido a pandemia do covid 19, mas foram ofertadas de forma remota. Estou atualmente com o curso de Administração em andamento. Então, para mim, estar onde estou hoje, o que aprendi, parte da minha história, se deu na escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio. Ali aprendi a verdadeira essência do ser quem somos, ser respeitado e valorizado, fortalecer a identidade étnica de Chiquitano originários dessa região, mas que também podemos estudar, ter diferentes profissões, ir para onde quiser, sem perder o foco, as nossas raízes e que é possível realizar nosso sonho. Só não podemos desanimar, pois a própria escola dentro da aldeia é um símbolo vivo de luta, persistência e resistência, pois não tem sido fácil conseguir que ela existisse dentro da nossa aldeia; para mim, ela é uma grande conquista e através dela o conhecimento dá suporte para professores e todos que ali passarem ou estudarem lutar junto com seu povo pelos direitos, porque é possível lutar e ajudar independentemente do lugar que estiver e isso é nosso dever como fruto desta luta e desta escola (Entrevista com Maria Chue Muquissai, 15 de agosto de 2021).

Com a escola dentro da aldeia, os alunos se sentiram mais motivados a frequentá-la. Por essa razão, muitos tiveram a oportunidade de iniciar a educação básica desde e concluir os seus estudos na escola José Turíbio.

> Eu me sinto privilegiada e feliz em estudar na escola aqui da aldeia porque sei que foi difícil conseguir uma escola dentro da aldeia. Fui uma das primeiras alunas a iniciar, desde as séries iniciais e terminar o ensino médio aqui na aldeia é motivo de ficar feliz em ter essa oportunidade. Infelizmente, concluí no ano que estava a pandemia do COVID 19, onde todo trabalho escolar passou por readaptação e para mim foi um ano desafiador tanto para os professores e equipe escolar como para nós estudantes. No momento, ainda estou parada, mas pretendo continuar meus estudos ter mais conhecimento para poder ajudar melhor e contribuir com a luta da minha aldeia (Entrevista com Edleny Chue Muquissai, 25 de agosto de 2021. s.p.).

Alguns dos estudantes que concluíram a educação básica nessa unidade de ensino já concluíram a formação superior. Outros, em razão da pandemia de Covid 19, ainda estão em fase de conclusão dos cursos, principalmente os que concluíram mais recentemente o ensino médio e ingressaram há pouco tempo em um curso superior. Existem também aqueles que concluíram o ensino médio nos últimos anos e que ainda não iniciaram um curso superior, embora todos já estejam nesse processo. Considero importante destacar que, da primeira turma que concluiu o ensino médio aqui em 2015 (com três alunos), todos já prestaram vestibular na faculdade Indígena Intercultural no ano de 2016 e todos foram aprovados. Infelizmente, devido a limitações de vagas, apenas dois conseguiram ingressar no curso. Atualmente, eles estão em fase de conclusão do curso da atual turma de Licenciatura e Pedagogia Intercultural, na FAINDI e uma delas já concluiu o curso de Pedagogia pela UNEMAT.

Dessas turmas, algumas se organizaram para realizar o ritual ou cerimonia da formatura. A primeira turma solicitou uma missa de ação de graças, que foi presidida pelo padre José Maria, que à época estava na paroquia de Porto Esperidião no ano de 2015. Após a missa, houve um almoço partilhado com a comunidade. Outras turmas optaram em, além da cerimônia realizada pela escola, fazer m baile na aldeia, oportunidade na qual um conjunto ao vivo tocou e em que houve também um jantar partilhado com a comunidade e com os presentes. Apesar da simplicidade dessas celebrações, todas elas foram de grande conquista e importância, tanto para os alunos como para a escola e para a comunidade, merecendo, portanto, o registro.

Figura 113 – Concluintes do 9º ano e formandos de 2021
com trajes tradicionais e pintura corporal.



Fonte: Edmundo N. Chue. Novembro de 2021.

Figura 114 – Concluintes do 9º ano e formandos 2021, no dia da cerimônia de formatura.



Fonte: Edmundo N. Chue. Dezembro de 2021.

Ouvir o relato desses estudantes nos traz uma grande satisfação, pois eles são parte e frutos do processo de luta pela conquista da Educação Escolar Indígena dentro da aldeia, constituindo, indiscutivelmente, parte da história da escola na comunidade. E, apesar dos desafios, esses estudantes são a prova viva de que, a despeito das dificuldades, o ensino em nossa aldeia é de qualidade, respeitando, considerando e valorizando a realidade da comunidade indígena.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho, foram retomados pontos importantes, tais como lutas, conquistas e desafios de uma educação escolar indígena específica e diferenciada na aldeia Vila Nova Barbecho por meio de uma pesquisa com pessoas da comunidade, ou seja, por meio de memórias vivas da nossa trajetória de povo Chiquitano.

Após ter concluído esse trabalho, foi possível notar avanços nesse processo, mas também dificuldades e desafios a serem superados em relação à educação escolar diferenciada, que esteja voltada para a nossa realidade.

Uma das dificuldades percebidas foi a consequência violenta do contato com o não indígena invasor que impactou nosso modo de vida profundamente, a iniciar pela língua materna. Os Chiquitano foram obrigados a deixar de falar sua própria língua e foram forçados a abandonar seus costumes por imposição dos não indígenas. Hoje percebemos o quanto essas mudanças têm causado impacto negativamente na vida e na formação das crianças Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho.

Sendo assim, a preocupação das lideranças e educadores só aumenta cada vez mais, pois essa situação vem se agravando cada dia com mais frequência. Nos esforçamos cada dia pela educação, saúde física e psicológica dos nossos estudantes, que são as futuras gerações.

Outra dificuldade que podemos considerar é a não demarcação do nosso território que impacta na vida escolar. Ainda não foi possível construir o prédio escolar pelo fato de não estar demarcada a terra e a luta é constante pelos nossos direitos constitucionais. Não temos nem um mapa detalhado da nossa aldeia. Nessa pesquisa, procurei por um mapa que pudesse auxiliar na demonstração da localização dos lugares percorridos pelos meus familiares, tanto do meu lado materno como paterno, porém não pude encontrar nenhum material dessa natureza. Também no momento não foi possível reproduzi-los nesse trabalho, não por falta de informação, mas devido a limitação do tempo, pois se trata de um trabalho extenso. Portanto, isso nos aponta a grande necessidade da realização de um trabalho cartográfico participativo, que apresente o

território a partir da visão dos próprios Chiquitano, que são os verdadeiros conhecedores de seus próprios territórios.

Como resultado dessa pesquisa, também foi possível constatar que a demarcação do nosso território é de suma importância, pois a TERRA é fundamental na continuidade das práticas culturais para que as crianças tenham esses conhecimentos; por isso, faz-se necessária sua demarcação. Havendo terra, temos como desenvolver todas as demais atividades culturais do povo Chiquitano.

Como avanço, a pesquisa mostrou que temos educadores que se empenham em fazer o resgate, a retomada cultural e o fortalecimento no âmbito escolar. Em parceria com nossos anciãos falantes da língua materna e as/os artesãos, a cultura e a língua Chiquitano são fortalecidas na escola por meio de aula prática.

A escola indígena, então, é vista, na aldeia, como um ser vivo que faz parte do cotidiano das famílias Chiquitano que dela necessitam. Ela não é apenas uma simples instituição, mas um mecanismo de luta e defesa que auxilia na compreensão do vínculo ancestral, que permite a possibilidade do ouvir e do falar, que rompe com o silenciamento e dá espaço para ouvir a voz não apenas dos profissionais de Educação contratados pelo Estado, mas também dos anciãos, das lideranças, dos artesãos, dos chefes religiosos que carregam uma bagagem de conhecimentos nativos importantes e que trazem essa retomada cultural e a atualiza para manutenção e fortalecimento cultural. Essa escola viva oportuniza a inclusão das crianças e dos jovens estudantes que trazem novos elementos em uma dinâmica diferente, mas que dialoga com a ancestralidade, não como permanência no passado, mas com aprendizagens atualizadas. Escola viva que estabelece um diálogo entre saberes ancestrais e saberes atuais, com a educação escolar indígena contribuindo para a produção do conhecimento interseccionando com os saberes ancestrais.

O Saber ocidental, que nos é apresentado na maioria das vezes como o saber verdadeiro, é um saber dominador, imposto pela sociedade dominante e que descaracteriza os ensinamentos e aprendizagens dos saberes tradicionais realizados nas escolas indígenas. É através dos trabalhos realizados pela escola, tendo como protagonistas os professores indígenas da própria comunidade, comprometidos com a educação escolar indígena específica e diferenciada, dispostos a desenvolver as práticas enveredadas pelos saberes tradicionais em diálogo com os conhecimentos ancestrais, que lutamos pela descolonização, que já está, na maioria das vezes, enraizada em alguns pensamentos.

É preciso saber utilizar as ferramentas advindas dos conhecimentos ocidentais, principalmente aquelas que apresentam benefícios para as comunidades indígenas, de modo

que não sejam mais um instrumento de disputa em meio a todo o contexto de luta cultural, mas que possam contribuir para a visibilidade, o respeito e o protagonismo, auxiliando no trabalho pedagógico de qualidade para o crescimento pessoal, coletivo, profissional. E, principalmente, através de um senso crítico, realizar, na prática, ações que partam de uma visão decolonizadora da realidade.

Podemos considerar, finalmente, que a escola vem assumindo um papel fundamental na construção desse novo tempo para os Chiquitano, com iniciativas que relacionam o espaço escolar ao espaço da aldeia. E a escola da aldeia Vila Nova Barbecho tem feito esse papel de resgate cultural paralelo à luta pelo direito à terra, que é o bem mais precioso para o nosso povo, pois sem ela é impossível sobreviver culturalmente, pois a terra faz parte de nossa vida.

Esta pesquisa também abriu uma agenda de desafios que podem servir de objetos para novas pesquisas, entre eles, a tensa relação entre a burocracia do Estado e a necessidade de um currículo diferenciado na escola, além de uma discussão mais aprofundada acerca do papel da escola na retomada da língua Chiquitano.

Espero que essa dissertação possa auxiliar na luta por uma educação escolar indígena diferenciada e intercultural, já garantida por lei, como revela o parecer CNE/CBE nº 13/12:

> Fica, portanto, a partir da Constituição de 1988 assegurado aos índios suas especificidades étnico-culturais, cabendo à União o dever de protegê-las, respeitá-las e promovê-las. Essa mudança de perspectiva e de entendimento do lugar dos grupos indígenas na sociedade brasileira propiciou a superação de concepções jurídicas há muito tempo estabelecidas, fazendo com que a velha prática da assimilação cedesse lugar à proposição da afirmação da convivência e respeito na diferença. No âmbito da proposição desse novo marco jurídico, a educação diferenciada encontra amparo legal. (PARECER CNE/CEB Nº: 13/2012, p. 4).

Com certeza, temos respaldo legal que garante que a Educação escolar Indígena é um direito e não um favor que devemos implorar. A pesquisa realizada revela que o povo Chiquitano conhece e procura exercer esse direito e a Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio na Aldeia Vila Nova Barbecho – Porto Esperidião/MT é exemplo disso.

REFERÊNCIAS

BERGAMASCH, Maria Aparecida; SILVA, Rosa Helena Dias da. Educação escolar indígena no Brasil: da escola para índios às escolas indígenas. *Agora*, v. 13, n. 1, pp. 124-150, jan./jun. 2007.

CHUE, Saturnina Urupê. *A infância Chiquitano e o uso do espaço da Aldeia Vila Nova Barbecho*. Barra do Bugres, 2016.

CHUE, Saturnina Urupê. *Anotações do caderno de sala*. 2008.

CHUE, Saturnina Urupê. *Caderno de campo da turma de EJA*. 2009.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Com um pé na aldeia e um pé no mundo: avanços, dificuldades e desafios na construção das escolas indígenas públicas e diferenciadas no Brasil. *Currículo sem Fronteira*s, v.10, n.1, pp.195-212, Jan/Jun 2010.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. *La educación intercultural bilingüe*: el caso brasileño. Buenos Aires: Fund. Laboratório de Políticas Públicas, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de História Oral/ [Seleção de textos: Alessandro Portelli & Ricardo Santhiago; tradução: Fernando Luiz Castro e Ricardo Santhiago] São Paulo: Letra e Voz, 2010.

Projeto Político Pedagógico. 2020.

SILVA, Verone Cristina da. Carnaval: Alegria dos imortais ritual, pessoa e cosmologia entre os Chiquitano no Brasil. 2015. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

PARECER CNE/CEB Nº: 13/2012. Disponível em >

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10806-pceb013-12-pdf&Itemid=30192 Acessado em 19/05/2022.

ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- INTRODUÇÃO
  - Apresentação da pesquisa, dizer dos objetivos, ver se a pessoa aceita que seja gravado ou filmado. Deixar a pessoa bem a vontade, principalmente com os estudantes.
- OS PRIMEIROS TEMPOS DA LUTA PELA ESCOLA NA ALDEIA
  - Como surgiu a ideia de reivindicar uma escola na aldeia? Quem tomou a frente? Já conheciam a existência dessa modalidade, Educação Escolar Indígena, especifica e diferenciada? Quais foram os maiores desafios enfrentados na reivindicação da escola dentro da aldeia?
- A IMPORTANCIA DA ESCOLA NA ALDEIA
  - Após a conquista da escola na aldeia o que você acha que melhorou para a luta da aldeia? Quais as contribuições que a escola com ensino específico e diferenciado dentro da aldeia tem trazido para a comunidade? Você considera importante a existência da escola dentro da aldeia que oferte a Educação Escolar Indígena Específica e diferenciada? Na sua visão, qual é o papel fundamental da escola dentro da aldeia?
- GESTAO E CURRÍCULO DA ESCOLA
  - Como foi o início dos trabalhos pedagógicos e da gestão na escola da aldeia? Como está sendo hoje os trabalhos pedagógicos e da gestão escola dentro da aldeia? Como você percebe o fazer/saber/ser da educação indígena específica, diferenciada e intercultural na escola?
  -

ALGUMAS QUESTÕES ESPECIFICAS PARA OS ESTUDANTES QUE ESTUDARAM EM ESCOLAS FORA DA ALDEIA

- Fale um pouco sobre a sua experiencia de frequentar duas escolas diferentes, uma fora da aldeia e outra na aldeia? Em que escola fora da aldeia você estudou? E como foi sua formação na escola fora da aldeia? Que dificuldades você encontrou durante sua formação na educação básica? E teve experiências boas?
- E na escola da aldeia? Como foi sua experiência como estudante? Teve alguma dificuldade?
- Quais as contribuições que a escola com ensino específico e diferenciado dentro da aldeia tem trazido para a comunidade? Você considera importante a existência da escola dentro da aldeia que oferte a Educação Escolar Indígena Específica e diferenciada? Na sua visão, qual é o papel fundamental da escola dentro da aldeia?

ALGUMAS QUESTÕES ESPECIFICAS PARA OS ESTUDANTES QUE SÓ ESTUDARAM NA ESCOLA DA ALDEIA

- Fale um pouco sobre como foi para você estudar toda a sua educação básica em uma escola Indigena na aldeia. Como você se sente tendo oportunidade de estudar em uma escola indígena com a oferta dessa modalidade Educação Escolar indígena? Tem algum trabalho que a escola desenvolveu quando você estudava que marcou mais a sua trajetória de estudante?

- Quais as contribuições que a escola com ensino específico e diferenciado dentro da aldeia tem trazido para a comunidade? Você considera importante a existência da escola dentro da aldeia que oferte a Educação Escolar Indígena Específica e diferenciada? Na sua visão, qual é o papel fundamental da escola dentro da aldeia?

- Em relação as práticas culturais Chiquitano desenvolvidas na escola ou na comunidade, o que você destaca como desafios e avanços para o fortalecimento da cultura e luta por direitos originários?

CADERNO DE SABERES

PRÁTICAS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA CHIQUITANO

Por uma Educação Específica e Diferenciada.





Saturnina Urupe Chue

Porto Esperidião MT - 2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 3

O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DO POVO CHIQUITANO: PRÁTICAS CULTURAIS VINCULADAS À EDUCAÇÃO ESCOLAR 5

OS TRANÇADOS DE PALHA E DA CASCA DO BURITI 5

Confecção de roupas tradicionais 7

Confecção de artefatos cestarias 10

CONFECÇÃO DE UTENSÍLIOS DE BARRO 31

AS ERVAS MEDICINAIS NO TRABALHO PEDAGÓGICO 42

MOMENTO COMEMORATIVO DO CARNAVAL 49

RELIGIOSIDADE NO PERÍODO DA PÁSCOA 58

RELAÇÃO DA ESCOLA COM AS PRÁTICAS CULTURAIS CHIQUITANO: DESAFIOS E AVANÇOS 62

INTRODUÇÃO

Este caderno de saberes culturais é fruto do meu trabalho de conclusão para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural. Ele apresenta algumas das práticas pedagógicas vinculadas aos saberes tradicionais da Cultura Chiquitano, desenvolvidas através do trabalho dos professores da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turibio com os estudantes, visando assim a retomada a valorização e o fortalecimento da cultura chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho. Levamos para o ambiente escolar as práticas culturais para que as crianças tenham o contato e aprimorem tais conhecimentos, oportunizando a elas o desenvolvimento dessas habilidades fundamentais para continuidade destas práticas do conhecimento ancestral.

Assim, as práticas culturais que fazem parte da vida social da aldeia se vincularam ao calendário escolar e apresentaram resultados significativos na retomada Cultural. Vale reforçar que, para nós, são esses trabalhos e atividades que dão sentido à Educação Escolar Indígena específica e diferenciada. Trabalhar de forma articulada com o anseio da comunidade não se limita e não se resume em apenas seguir as regras que são impostas a cada dia com maior frequência pelo Estado, mas sim criar estratégias e utilizar as metodologias que favorem o povo e a comunidade.

Conforme o processo histórico de lutas e resistências do povo Chiquitano, após o contato com os não indígenas, muitas práticas da Cultura foram deixadas de ser praticadas. Alguns foram impedidos de praticar enquanto outros, por motivo de sobrevivência e necessidade, tiveram que abandonar a prática. Dessa forma, por meio do trabalho escolar foi possível retomar várias dessas práticas, dentre elas algumas que quase não se fazia e nem se usava mais.

Nesse sentido, os professores e toda a equipe escolar vem desenvolvendo e oportunizando o fortalecimento na vida étnica das famílias na aldeia e também o aprimoramento no ensino e aprendizagem por meio desse entrelace de conhecimentos que oportunizam as diversas experiencias, na prática e na sistematização dos trabalhos.

Neste caderno, destaco algumas dessas práticas realizadas por meio do trabalho escolar: Confecção **de roupas tradicionais**, de **abanador**, **esteira**, **baquite**, **balaios** ou cestas, **apa** e **peneira**, confecção de **utensílios de barro**, **coletas de ervas medicinais**, o trabalho

coletivo de casa tradicional barreada, momentos comemorativos que a escola se faz presente, carnaval com as danças típicas **curussé**, e sua religiosidade que se vivencia no período do carnaval, ritual das partilhas de comidas, de bebidas tradicionais – denominados de **carinho**, partilha de alegrias nas brincadeiras e o ritual das bandeiras e da surra no último dia. Espero poder contribuir com este material para acesso de professores alunos e toda comunidade.

O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DO POVO CHIQUITANO: PRÁTICAS CULTURAIS VINCULADAS À EDUCAÇÃO ESCOLAR

OS TRANÇADOS DE PALHA E DA CASCA DO BURITI

Nesse ponto, serão apresentados os trançados de palha e da casca de buriti confeccionados por muitas pessoas na aldeia. Ele é ensinado na escola para os alunos como aula cultural: os mais velhos que sabem fazer a trança são convidados nesse momento de aula prática. A seguir, imagens de confecção de roupas tradicionais:

Na imagem abaixo podemos ver, o ancião Florêncio, meu pai, ensinado a amarrar os brotos de buriti coletado na mata para melhor carregar no ombro e levar para aldeia para confecção de roupas tradicionais. Podemos ver também a aluna Leiliane, do Ensino Médio, em aulas de Práticas culturais, carregando brotos de buriti, coletado para confecção de roupas tradicionais, levando da mata para aldeia



Ancião participando da aula de práticas Culturais para a retirada de buriti
Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016



Estudante carregando broto de buriti em aula de práticas Culturais
Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

Depois que os buritis chegam na escola, os estudantes realizam a preparação do buriti, destalando do talo e retirando a seda.

Estudantes tirando seda de buriti para Confecção de roupas tradicionais



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

Depois, os feixes da seda retirados são pendurados para secar na sombra, enquanto os estudantes continuam em aula de práticas Culturais.

As roupas usadas em momentos comemorativos são feitas de acordo com o tamanho da pessoa que irá fazer uso dela. Essas roupas são feitas de palha de buriti. O material é coletado ainda verde e as folhas são deixadas para secar à sombra. Assim que o material está seco, é retirado o que chamamos de talo, uma espécie de madeira fina que dá firmeza à folha. São então retiradas partes da folha em forma de cordões para a produção, seja de saias ou blusas, cujo modelo se assemelha a um sutiã. Para as meninas, a roupa é feita da seda que é retirada da folha do buriti, ou seja, da fibra, que é o material mais fino da palha. Para os meninos, a saia é feita somente da folha do buriti, acompanhada das pinturas corporais.

Aluna Leiliane durante a oficina na confecção das roupas



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

Estudante Maria, do ensino médio trançando roupas



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

A confecção das saias pode ajudar na habilidade manual e na motricidade do aluno, que também de aprende a contar, a medir tamanho e distância e a exercitar a mente e o próprio corpo, além do momento prazeroso vivenciado pelos estudantes ao lado dos professores e dos anciãos.

É notável como as atividades, sejam de campo ou práticas, chamam a atenção e o interesse dos alunos nas diferentes etapas, uma vez que elas estão intimamente conectadas com o ser de cada indivíduo. Todavia, essas atividades precisam ser incentivadas, implementadas, sistematizadas e ministradas por um adulto mais experiente que possa auxiliar os alunos no desenvolvimento das práticas quando da transmissão dos conhecimentos ancestrais. É precisamente esse o trabalho que a escola tem desempenhado junto à comunidade com bastante eficiência.

Estudante Jaqueline, do ensino médio trançando roupas tradicionais



Fonte: Edmundo N. Chue. Junho de 2016.

Prof. Edmundo na aula de práticas Culturais confeccionado o trançado das roupas



Fonte: Maria Chue. Agosto de 2016.

Estudantes do Ensino Fundamental na confecção de roupas tradicionais



Fonte: Edmundo N. Chue. Dezembro de 2018.

Para nós, indígenas Chiquitano, desde cedo buscamos mostrar às nossas crianças a importância de assumir a identidade cultural. Nesse processo de aprendizagem, podemos trabalhar várias questões na escola: é possível ensinar o período da lua para realizar a colheita do material, pois é necessário que todos conheçam as fases adequada para realizar o processo de colheita da matéria prima. Ou seja, o conhecimento cosmológico é importante para confecção e durabilidade de todos os tipos de prática cultural que for realizada. Se a lua estiver na fase minguante, por exemplo, consideramos que a vestimenta pode durar menos do que o normal, pois o material pode ser danificado em pouco tempo; é importante também para continuidade da existência da espécie da matéria prima, nesse caso o buriti, que os alunos aprendam o tipo de folha a ser colhido: no caso, os brotos novos são os melhores para a realização das roupas; eles devem aprender também a importância da preservação das mudas novas a serem preservadas e que deve ser retirado da natureza apenas o que for necessário para as roupas, sem desperdício do material.

Confecção de artefatos cestarias

Dentre as produções confeccionadas a partir da palha de indaiá e de **acuri**, assim como da casca do **buriti**, estão a **esteira**, o **abanador**, o **baquité**, a cesta ou **balaio**, o **apa** e a **peneira**, todos artefatos de muita **serventia** e de grande habilidade dos Chiquitano. Antigamente, eles eram produzidos constantemente pelas famílias de Chiquitano, tanto para uso doméstico quanto para a comercialização quando havia encomendas. Devido à redução do espaço geográfico da aldeia, foi sendo criadas limitações ao acesso à maioria dessas matérias primas, tornando-se, assim, escassa a confecção, a utilização e até mesmo o ensinamento aos mais novos desse trabalho cultural.

Mesmo diante das limitações e dos desafios encontrados, foi possível, por meio da escola, buscar fortalecer essas práticas, nas quais os professores se organizaram sempre de forma articulada com os conhecedores nativos da aldeia que sempre se colocaram à disposição para ensinar essas práticas; os próprios professores que já possuem esse conhecimento não mediram esforços para ensinar os alunos. Assim, foi possível que mais pessoas aprendessem a realização dessas atividades culturais importantes para o fortalecimento e para a manutenção das nossas práticas culturais.

O abanador, feito da palha do indaiá ou acuri, serve para abanar fogo, geralmente quando ele é aceso no fogão a lenha ou mesmo no chão. Há diferentes tipos de tranças e formatos, há os trançados apenas de um em um e os trançado de dois em dois como podemos observar nas imagens, mas todos servem para o mesmo fim.

Estudante na prática do trançado com broto de Acuri, abanador.



Fonte: Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2022.

Apresentação do resultado dos trabalhos com os trançados de palha



Fonte: Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2022.

A figura mostra os estudantes de turma Multi, 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental desenvolvendo habilidades da prática do trançado na aula de Saberes Indígenas, ministrada pela professora Silene. Da direita para esquerda está o André com seu abanador e um pássaro de palha, a Isis com seu abanador, a Alanis Valentina com seu buque e umas flores e a cobrinha trançada de palha, a Amanda com seu abanador e a Samyla com o trançado maior que é uma esteira.

Diferentes tipos de abanador: trançado de um em um



Fonte: Lídia U. Chuê. Julho de 2020.

Abanador: trançado de dois em dois



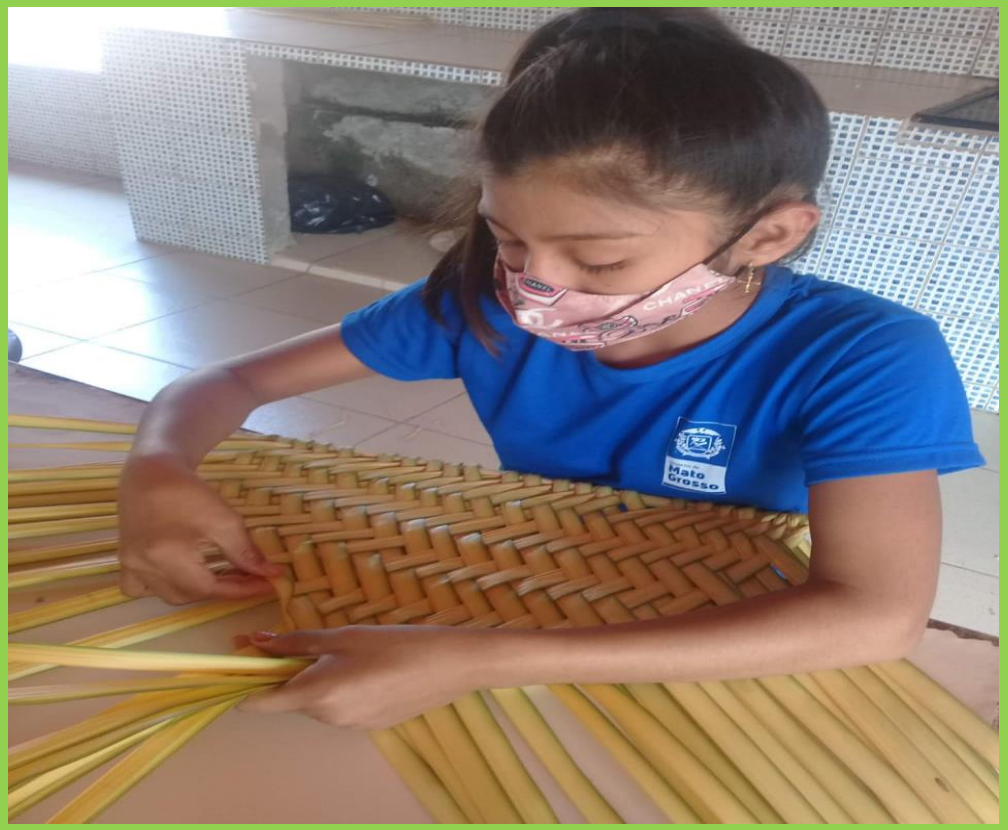
Fonte: Jander Samuel Chue. Agosto de 2021.

A esteira também é feita da palha do indaiá ou acuri. Apesar da trança ser quase a mesma do abanador, ela tem um formato maior do que o abanador. Ela serve para deitar-se e descansar em cima, podendo ser usada também para ornamentação de ambientes em eventos e momentos festivos na aldeia.

Esteira em construção pela senhora Elena artesã.



Fonte: Silvano Muquissai



Esteira em construção pela aluna Samyla, que é neta de Elena

Fonte: Prof. Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2022.

Esteira recém pronta



Fonte: Prof. Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2022.

Esteiras prontas secas na sombra



Fonte: Silvano Muquissai. Dezembro de 2021.

O Baquité, muito utilizado para carregar mandioca, milho da roça, e até levar as pelotas para vigiar passarinho na roça no período de plantio e colheita, pode ser encontrado ainda nas casas de famílias para guardar alguns pertences pessoais. Em algumas casas e locais públicos, como o salão da aldeia, é possível encontrar o baquité sendo utilizado como lixeira, a fim de não deixarem os lixos expostos ao solo. O baquité é feito da palha do Acuri ou do Indaiá e de vários tamanhos, conforme a necessidade.

Baquité grande feito de broto de acuri



Fonte: Silvano Muquissai. Dezembro de 2021.

Baquité médio



Fonte: Jander Samuel Chue. Fevereiro de 2022.

Baquité pequeno



Fonte: Jander Samuel Chue. Fevereiro de 2022.

O balaio (ou cesta) é feito do talo, ou seja, da casca do galho do acuri ou buriti. Para confecção desse artefato, exige-se uma maior experiência e conhecimento, pois sua confecção passa por vários processos, desde a retirada da matéria prima até a sua preparação para a confecção. É necessário seguir rigorosamente a orientação dos artesãos que têm essa habilidade e a ensinam tanto aos familiares quanto aos alunos. Após cortar os galhos do acuri, é retirada a casca que é estendida e colocada para secar ao sol; depois de seca, ela é destalada novamente e raspada, deixando a casca mais fina possível. É necessário que ela

fique no ponto de cortar no tamanho adequado para cada tamanho que será confeccionado as tranças. O arco da boca do balaio é feito de taboca e costurado com linha de algodão untado com cera de abelha de bora ou jatai.

Buriti estendido secando ao Sol



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2021.

Atualmente, os balaios são feitos para uso em casa, podendo também ser comercializados e utilizados de fonte de renda para quem não tem outro tipo de trabalho remunerado.

Aula de Saberes Indígenas com ancião ensinando os estudantes a confeccionar o balaio de buriti



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Dessa forma, o **Kioroch** é mais uma ferramenta cultural que tem sido retomada por meio dos trabalhos escolares com os estudantes.

Estudantes do Ensino Médio em aulas de Saberes Indígenas medindo o arco do balaio



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Estudantes iniciando o trançado do balaio.



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

O trançado do balaio já um pouco avançado.



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017

Professor Edmundo, ensinando o estudante Janílson sobre o acabamento do balaio



Fonte: Dyonnatan Chue Muquissai. Agosto de 2017



Estudante Jackson com o trabalho do trançado do balaio em fase de fechamento

Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017

Durante o processo do trançado, se o tempo estiver muito seco, é importante que ele vá sendo umedecido com água para amaciar e facilitar o trançado e assim evitar quebradura dos buritis como podemos observar na imagem acima.

Costurando o arco acabamento do balaio



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017

Este é o resultado do trabalho de cada estudante que desenvolveu a habilidade do trançado**.**

Balaios prontos



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

O Apa é um artefato utilizado para abanar arroz, milho e feijão e colocar massa de farinha ou de mandioca. Sua elaboração segue os mesmos procedimentos até o trançado para confecção dos balaios, ou cestas, embora seu formato seja diferente. Agulha, barbante de algodão, buriti e cera de abelha são os materiais usados para a confecção do apá.

Trançado: Apá em construção



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2017.

Trançado: Apá pronto para amarrar no arco



Fonte: Acervo pessoal da autora. Março de 2013

Apá pronto



Fonte: Acervo pessoal da autora. Ano 2015.

Peneira no início da confecção



Fonte: Acervo pessoal da autora. Março de 2013.

A peneira, que tem a mesma forma arredondada do apá, apresenta algumas diferenças na sua preparação. Geralmente, ela é feita de taboca ocada, a partir da qual se tira os gomos. Após destalar e raspar a taquara, ela é cortada em tiras finas. Começa-se o trançado deixando os quadradinhos adequados; se for para coar massa de mandioca para fazer farinha, os quadrinhos são mais largos. Por outro lado, se for para coar chicha, os quadrinhos são mais estreitos. A costura do arco da peneira é semelhante à do apá e do balaio. Ambos são da mesma família de artefatos que estão presentes na habilidade dos Chiquitano.

Peneira pronta feita de taquara



Fonte: Acervo pessoal da autora. Março de 2013

CONFECÇÃO DE UTENSÍLIOS DE BARRO

Desde o início de nossa tradição, nossos antepassados faziam seus utensílios de cozinha, como vasilhas para armazenar alimentos e água de barro. Para a retirada de barro, faz-se necessário o conhecimento prévio: onde encontrar um local que tenha o tipo de barro que seja adequado para fazer as vasilhas, bem como saber respeitar o dia e o ciclo da lua.

Como esse saber vinha se perdendo ao longo do tempo, mais uma vez levamos essa prática cultural para a escola e, juntamente com as pessoas mais experientes, realizamos aulas de campo, levando as crianças até o local e, junto com elas, realizamos a coleta do barro e posteriormente, confeccionando, em sala de aula, os diversos utensílios que compõem nossa tradição. Desde muito cedo, as crianças têm contato com aquilo que é próprio da cultura indígena e, em aula, são explorados todos os saberes sobre o barro.

Para nós, Chiquitano, o barro é um elemento de muita importância, pois atribuímos a ele muitos significados e o consideramos como parte de nosso patrimônio. Atualmente, no entanto, nem sempre temos o acesso livre ao barro que precisamos para suprir nossa necessidade, uma vez que ele se encontra fora do nosso território, ou seja, dos 25 hectares de terra nos quais atualmente vivemos.

O valor e respeito pela terra e pelo barro faz parte de nossas vidas, sendo esse um entendimento que existe em nossa cultura desde os nossos antepassados. Aprendemos desde crianças que somos parte dessa terra: dela viemos e para ela voltaremos; isso nossos pais nos ensinaram com um sentido religioso. Consideramos a terra como nossa mãe que nos acolhe, que nos dá o sustento que precisamos para sobreviver, os alimentos, plantas diversas e nossa medicina; encontramos nela produtos para confecções de nossos artesanatos e artefatos.

Quando nos referimos ao barro, podemos explorar vários sentidos e tipos de barro usados pela etnia Chiquitano. O barro e a argila podem ser usados para muitos fins. Usamos o barro para barrear as nossas casas, um tipo de barro preparado de um jeito próprio; é comum e normal, que pode ser feito em um buraco no chão, retirando a terra e misturando com água e com capim cortado, usado para barrear as casas.

Nas imagens a seguir temos um exemplo de construção de casa tradicional, em um dia de mutirão familiar. A partir de um poço cavado no chão , misturamos o barro para deixar no ponto de barrear. Depois, vamos barreando as paredes até que a parede fique pronta.



Poço cavado no chão para retirada da Terra que fará o barro para barrear casa

Fonte: Edmundo N. Chue. Julho de 2020.



Misturando a terra com água para fazer o barro para barrear a casa tradicional

Fonte: Lídia Urupe. Julho de 2020.





Misturando a terra com água para fazer o barro para barrear a casa tradicional

Fonte: Lídia Urupe. Julho de 2020.

Fonte: Lídia Urupe Julho de 2020

Casas tradicionais sendo barreadas



Fonte: Silvano Chue Muquissai. Julho de 2020

Casa tradicional sendo rebocada com barro



Fonte: Edmundo N. Chue. Setembro de 2021

Muitas casas são feitas desse modo tradicional. Na figura a direita o rebocamento com barro em uma casa tradicional. Usamos também o barro em nossas brincadeiras no período do carnaval, para sujar os participantes; barro feito de qualquer terra misturada com água. As crianças aprendem desde cedo que se sujar com o barro na data dessa festa é uma forma de valorização e respeito ao sagrado.

Crianças Chiquitano preparando o barro para levar à festa do Curussé



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro de 2018

Crianças Chiquitano no contato direto com o barro na festa do Curussé.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro de 2018

Jovens e Crianças Chiquitano durante a festa do Currussé



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro de 2022.

Usamos também o barro em picadas de insetos como abelhas, marimbondo e até mesmo picada de cobra. Quando nos referimos ao barro ou argila utilizados para realizar utensílios de uso em casa, esse barro é diferenciado, pois o consideramos sagrado. Ele é especial e não pode ser encontrado em qualquer lugar. Acreditamos que esse barro tem seu dono: o Espirito do Barro que, conforme ensinam os anciãos, é a **pokopósima** (vovozinha) que cuida do barro; o local que encontramos esse tipo de argila geralmente fica às margens de córregos. Aqui temos alguns locais às margens do Córrego **Nopetarsch**, onde é possível encontrar o referido barro. Esse local, no entanto, fica fora dos 25 hectares, localizando-se dentro de uma área na qual existe tem uma fazenda. Antigamente, como explica minha mãe e minha avó, a gente só precisava pedir licença para a Pokopossima no ritual da retirada do barro, mas hoje, além disso, sempre que necessitamos tirar o barro, temos que pedir licença também para os funcionários da fazenda na qual se encontra a argila, para só depois retirá-la. Isso tem causado uma grande preocupação, pois corremos grande risco de futuramente perdermos de vez o acesso a essa matéria prima, essencial à nossa vida

Para fazer utensílios, é preciso retirar o barro na mata. Nas figuras vemos a anciã e artesã Elizabete Tossué, durante aula de práticas Culturais com professor Edmundo e os alunos na coleta barro.

Coleta do barro para confecção dos artefatos de barro



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2016.



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2016.

Com esse tipo de argila podem ser feitos potes grandes ou pequenos, panelas, travessas, pratos, **casuelas** (bacias), forno de farinha, castiçais, moringas e imagens para o presépio no período do natal. Esse barro também pode ser colocado em um copo de água para mulher gestante tomar a água, uma vez que ele contém propriedades medicinais; eu, particularmente, vi minha mãe fazer isso algumas vezes quando estava gestante, pois ela dizia que era bom.

Na figura abaixo, os alunos estão amassando o barro já no ambiente escolar e na figura ao lado, o barro já está amassado e pronto para fazer os utensílios.

Estudantes em aula de saberes Indígenas amassando o barro



Fonte: Suzilene Urupe Chuê. Agosto de 2016.

O barro amassado



Fonte: Edmundo N. Chue. Agosto de 2016.

Aula de Saberes Indígenas: estudantes aprendendo a fazer artefato



Fonte: Mauro Urupe. Agosto de 2016.

Estudante Jander Samuel do ensino fundamental anos iniciais fazendo trabalho com barro em aula de Saberes Indígena



Fonte: Suzilene Urupe Chue.

Estudantes com os artefatos produzidos por eles mesmo durante a aula



Fonte: Suzilene Urupe Chue. Fevereiro de 2020

A importância do barro para os Chiquitano do Território e Aldeia Indígena Vila Nova Barbecho é atualmente um motivo de preocupação, pois, dentro da terra de uso exclusivo, não existem locais com barro bom para fazer os potes quando necessário. Para ter acesso a ele, é preciso pedir em uma outra fazenda, na qual sempre somos recebidos com resistência sob a justificativa de que a retirada do barro pode criar um poço perigoso para o gado cair dentro. Trata-se de mais uma triste situação com a qual temos que lidar constantemente.

AS ERVAS MEDICINAIS NO TRABALHO PEDAGÓGICO

Levar os estudantes a conhecer as ervas e as plantas medicinais, sua colheita, a forma de armazenamento e de preparo que considera e respeita as questões cosmológicas conforme a cultura Chiquitano, é oportunizar a continuidade dessas práticas valiosas no cotidiano não somente na aldeia, sendo também um aprendizado que pode ser levado para a vida, pessoal individual e coletiva.

Em nossa escola, são explorados diversos conhecimentos nas mais variadas áreas do saber, permitindo que os alunos construam habilidades conforme cada fase/ciclo, seja das ervas, dos locais nos quais se encontram as ervas, o tipo de solo propício para o tipo de ervas, assim como a importância de cuidar e preservar o meio ambiente, uma vez que está cada vez mais escassa a presença de algumas espécies das nossas ervas medicinais, devido ao desmatamento ou à presença de gado no local.

A escola procura cada vez mais desenvolver atividades de fortalecimento cultural, trazendo sempre os conhecedores nativos como parte desse processo, que vai para além do âmbito teórico educativo, oportunizando momentos de aprendizagem na prática e de forma sistematizada, cujos registros estão presentes nos nossos livros vivos, que ainda temos o privilégio de ter conosco. Assim, os professores utilizam diversas atividades que contemplam esse tema.

As ações vão além da sala de aula e oportunizam aos estudantes a vivência para que eles possam construir a habilidade de diálogos com os conhecimentos da prática da cultura do povo e para que eles possam aprimorar o processo da leitura, escrita e a matemática, sempre partindo de assuntos e temáticas que condizem com a realidade dos estudantes indígenas, de modo particular sobre as ervas medicinais muito usadas (que, se não continuarem sendo trabalhadas na comunidade e com a contribuição do ensino, podem ser esquecidas com o passar do tempo).

Nas figuras vemos os estudantes da turma multi do I e II Ciclos da professora Suzilene Urupe Chue e junto com Elena Laura Chue, consultora nativa da cultura chiquitano e conhecedora das ervas medicinais. As alunas Ana Alice e Elza estão em campo coletando ervas medicinais, junto com Ana Laura, de chapeuzinho branco, que já está acompanhando e aprendendo.

Aula de Saberes Indígenas com coleta da erva medicinal hortelãzinha do campo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Estudantes com as ervas colhidas.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Aula de Saberes Indígenas com coleta da erva medicinal hortelãzinha do campo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020

Hortelãzinha armazenado secando na sombra



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Na figura vemos a Anciã Elena explicando para os estudantes sobre o Pé de Canjiquinha.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Muitas plantas medicinais estão cada vez mais difíceis de serem encontradas. Na figura abaixo vemos o único pé restante naquela região de quina, uma planta medicinal,.

Pé de quina planta medicinal



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

Coleta da casca da quina



Fonte: Acervo pessoal da autora. Dezembro de 2020.

MOMENTO COMEMORATIVO DO CARNAVAL

No período do carnaval, os Chiquitano têm suas danças típicas conhecidas como curussé, cobrinha, raspa e outros. Nessa ocasião, a religiosidade está presente principalmente na terça-feira do carnaval com a reza do terço e a saída das bandeiras coloridas: branca, verde, vermelha e azul. Alguns instrumentos são usados na festa do carnaval: as caixas feito de madeira e coro de veado, os cambitos, o bumbo.

Instrumentos musicais utilizados no carnaval Chiquitano.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro de 2022.



Fonte: Edmundo N. Chue. Ano 2016.

Antes mesmo de começar as brincadeiras, os anciãos reúnem todas as crianças e jovens para explicar sobre a importância de brincar com respeito, sem agressividade e também sobre a importância dessa prática cultural; é explicado também que é necessário acolher as pessoas visitantes e que a educação indígena começa em família, na comunidade e abrange a educação escolar indígena na escola.

Janílson, o primeiro jovem a aprender e se tornar um tocador de pífano.

O curussé é tocado nos momentos de festas tradicionais e de muita alegria e e ocorre durante uma semana, quando as pessoas dançam ao som da caixa, bumbo e do pífano, que são tocados pelos anciãos e, atualmente, também por jovens, como resultado do ensino promovido pela escola em parceria com os anciãos. Essa festa tradicional, que é realizada geralmente no período que acontece o carnaval (festa não indígena), é um ritual acompanhado de danças e brincadeiras que geralmente se inicia em uma casa de família ou no salão da aldeia e continua passando de casa em casa.

Tocadores dos instrumentos musicais tradicionais com a participação dos jovens



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro 2022.

Pessoas dançando a dança tradicional Chiquitano início do curussé



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro 2022.

Cada família oferece a **tavaurch** – bebida tradicional – que é partilhada na festa em forma de demonstração de muito carinho com as pessoas que se encontram ali. Esse carinho só é "**encarinhado**" às pessoas de muita responsabilidade que, ao recebe-lo, devem fazer o viva com as seguintes expressões: Viva esse presente carinho! Viva nossa alegria! Viva a união! Viva os visitantes! Após o viva, a pessoa que recebeu o carinho terá a obrigação e a responsabilidade de convidar os demais durante a festa.

Pote de chicha na casa do senhor Arcenio, ao lado está a Cuia que se utiliza para servir a chicha durante a festa do curussé para as pesso



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro 2022.

Cabe a ele, ainda no último copo da chicha '**encarinhado**', devolver ao dono da casa em agradecimento por esse carinho. Nessa festa, todos participam: mulheres, homens, jovens e crianças e até os "encantados da natureza", os espíritos, que estão presentes e também festejam. Por isso, nesse período, não se pode trabalhar e ou fazer outras atividades que estejam fora do momento ritualístico.

Assim, durante a festa, ocorrem vários rituais. Temos também a saída das bandeiras no terceiro dia do Curussé, são quatro bandeiras que são entregues pelo cacique da aldeia a quatro homens, os quais terão a responsabilidade de dançar com elas na primeira volta que perpassa as casas das famílias e delas cuidar, pois elas são sagradas para o povo Chiquitano e sua função é espantar os espíritos maus do meio da festa, a fim de que tudo ocorra bem. Depois disso, outras pessoas poderão pegá-las para dançar, mas, ao final do dia, os quatro homens que as receberam no início terão que ter a responsabilidade de entrega-las de volta ao cacique. Antigamente, esse ritual era restrito: apenas os homens podiam pegar as bandeiras para dançar com elas. Contudo, hoje as mulheres já podem dançar e cuidar das bandeiras. Isso nos mostra que a cultura é viva e em constante transformação e que, apesar de algumas mudanças ocorridas, ela não perde o seu sentido ou a sua essência.

Ritual da saída das Bandeiras na terça-feira de Carnaval



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fevereiro 2022.

No último dia da festa, realiza-se o ritual da surra para que seja espantado o espírito mal ou a coisa ruim do corpo da pessoa. Trata-se também de uma forma de educar, por meio da reconciliação, os filhos que porventura, em algum momento da festa, pode ter descumprido as regras e também para saber e lembrar que os pais ainda estão vivos e que os filhos e mais novos devem respeito a eles. Esse ritual é realizado no último dia do Curussé, na casa em que se encerra a festa. Nela já é preparado o local no qual os jovens, as crianças e as pessoas mais novas deitam com as costas para cima e os pais dão três **fiuladas** com uma corda que antigamente era trançada de couro de **nogórch** e que atualmente se usa corda normal comprada no mercado.

Nesses dias, ninguém pode ficar sozinho em casa, ou seja, todos devem participar da festa, pois são dias considerados sagrados e ao mesmo tempo muito perigosos, porque todos os espíritos estão festejando também; tanto os espíritos bons quanto os ruins e os encantados.

Trata-se do momento em que toda a natureza, as aves, os pássaros, os bichos estão em momento de festa. Quem fica em casa e não participa no grupo ou fica distante do grupo corre o risco de ser levado pelos encantados para morar com eles e caso os encantados não consigam levar a pessoa, ela pode adoecer. Não é possível duvidar: as histórias contadas pelos mais velhos comprovam que realmente é preciso ter o devido respeito.

Uma vez que a festa é para todos, ninguém pode deixar de participar dela. Durante os dias do Currussé, a bebida principal é a chicha de mandioca e de milho e as famílias costumam acolher e alimentar as pessoas que vem de outras aldeias e se abrigam em seus lares ou sombra. Já no terceiro dia, todos se reúnem no barracão da aldeia e cada família traz seu alimento preparado para partilhar em um almoço comunitário.

Além da dança, durante a festa tradicional existem outras brincadeiras, com barro, água e tintas naturais como urucum, açafrão e jenipapo, oportunidade na qual as mulheres sujam os homens e os homens sujam as mulheres (geralmente, se algum rapaz ou homem fica só meio de longe olhando e não entra na brincadeira, ele logo é surpreendido por um grupo de mulheres que, ao vê-lo desprevenido, o pegam, o sujam e o levam para participar da dança e assim vice-versa). Nos dias de hoje, já é possível perceber durante a brincadeira a introdução de tintas industrializadas adquiridas em mercados, como é o caso da tinta guache. É comum, durante os dias da festa, principalmente nos períodos do Currussé que são os dias de festas mais prolongados na aldeia, ouvir os mais velhos conversarem em vários dialetos entre eles; ao fazer as brincadeiras, falam em português, falam em castelhano e falam na língua Chiquitano: uma ampla diversidade que constitui nossas práticas culturais que vêm aos poucos sendo retomadas.

Como se pode notar, trata-se de um momento de muito simbolismo e rituais. Após esse período de festa, o tema é levado para sala de aula para ser debatido e sistematizado com os alunos. O tema é abordado a partir da percepção e da participação de cada um. Cada professor utiliza um método de trabalho diferente e os alunos estão sempre bem-dispostos a realizar as atividades de maneira sistematizada e de forma escrita por meio de cartazes, de forma oral e com muita

criatividade. Nesse momento, os estudantes e professores realizam os comentários e uma espécie de avaliação da festa; é um momento de grande participação e de muita alegria na sala de aula.

Desse modo, é importante frisar, mais uma vez, que a cultura continua viva e não deve se acabar, pois ela faz parte de nossa história e resistência; e o trabalho escolar vem contribuindo significativamente com esse processo.

RELIGIOSIDADE NO PERÍODO DA PÁSCOA

Preparação dos arcos com folha de Gonçalo para celebração da Páscoa



. **Fonte: Acervo pessoal da autora. Março de 2018.**

Altar feito com arco de folha de Gonçalo e cana de açúcar



Fonte: Acervo pessoal da autora. Abril de 2019.

Por ocasião da páscoa, a comunidade se mobiliza para a realização dos preparativos. Em sentido religioso, segue-se a religião católica, porém com características próprias da cultura Chiquitano. O período se inicia na Quinta Feira Santa com a coleta de folhas de **Gonçalo**, cana de açúcar, taquara e pé de banana. Em geral os professores são os responsáveis pela organização em conjunto com os alunos, o que constitui um rico processo de ensino e aprendizagem, articulando os conhecimentos tradicionais com os escolares. Os professores ensinam essa prática que aprenderam com os anciãos. Dessa forma, os alunos aprendem a maneira correta da preparação, sobretudo no que diz respeito às inserções culturais na celebração católica.

Na quinta-feira de manhã todos se reúnem no salão da aldeia: os professores, as crianças, os jovens, os adultos e até alguns anciãos, para o mutirão de coleta das folhas do Gonçalo e para a preparação e organização do espaço no qual acontecerão as celebrações da semana. Cada um carrega um saco para armazenar as folhas (as crianças menores também ajudam e geralmente carregam em dupla o saco cheio de folhas). As folhas são armazenadas em um lugar do salão enquanto outros já saem em busca dos cipós que serão utilizados para amarrar nas taquaras, que também já estão sendo preparadas pelos demais, geralmente os mais velhos.

Quando já há uma quantidade suficiente de folhas coletadas, inicia-se a organização das folhas nos arcos de taquara. Uma vez cheios com as folhas, os arcos são organizados nos locais em que serão fixados. Comumente esses arcos são colocados no altar, na porta da capela ou na entrada do salão e no pátio, para que as pessoas possam passar por debaixo deles. Junto ao arco de taquara e folhas de Gonçalo, são colocados também a cana de açúcar e os pés de bananas que as famílias doam para essa finalidade. Após a conclusão da organização do espaço, todos vão para casa e se preparam para a celebração que acontece durante a noite. Depois da celebração, à meia noite é feita a partilha de alimentos que cada família já prepara para trazer para ser partilhado entre todos; geralmente, as famílias passam toda a noite reunidas no salão, conversando, tomando chicha, contando histórias e só vão para casa descansar um pouco ao amanhecer. Na sexta-feira, elas se reúnem às 15:00 horas novamente no salão, realizam o ritual da celebração.

Arco da Entrada feito com folha de Gonçalo e pé de banana



Fonte: Edmundo N. Chue. Março de 2018.

Já para a celebração do sábado, é feita uma vela grande de fio de algodão com cera de abelha e uma fogueira em frente ao salão. As famílias se reúnem às 19:00 horas para o ritual de celebração à noite.

No domingo de páscoa, após a celebração, é desmanchada toda a ornamentação que foi feita e geralmente quem fez e organizou o espaço tem a responsabilidade de desmontar o altar; as canas de açúcar e as bananas são repartidas para todos que ajudaram e participaram das celebrações. Já as folhas de Gonçalo são levadas pelas famílias para chás e banhos, já que se trata de uma erva medicinal que tem propriedades de cura para diversos tipos de enfermidades, dentre elas, resfriados e até a doença que atinge crianças se contaminam com pessoas falecidas (doença é denominada **Motcheo**).

As pessoas também levam as taquaras dos arcos que, por serem abençoadas, servem para espantar coisa ruim, bichos que não são naturais e espíritos maus. Os anciãos sempre alertam para se ter um pedaço de taquara em casa ou até mesmo carregar uma vara de taquara se for andar durante a noite.

Dessa forma, essa ocasião da páscoa se encerra no domingo com a partilha do almoço comunitário no salão, momento em que cada família traz seu alimento para ser preparado e também a chicha para beberem reunidos.

Por meio dessas práticas, podemos perceber que, apesar da introdução do catolicismo na vida dos Chiquitano, nossos antepassados não permitiram que a cultura fosse deixada de lado, recusando abandonar as práticas culturais e buscando formas de manter viva a cultura e seus ricos conhecimentos, ou seja, reagindo de maneira positiva diante das adversidades.

RELAÇÃO DA ESCOLA COM AS PRÁTICAS CULTURAIS CHIQUITANO: DESAFIOS E AVANÇOS

A relação que se tem entre as práticas culturais Chiquitano com a escola é, sem dúvida, uma maneira de fortalecimento cultural. Consequentemente, nós, Chiquitano, não podemos perder esses momentos tão valiosos. Todavia, sabemos que no decorrer desse processo há avanços e desafios. Os desafios devem ser aos poucos superados.

A escola indígena é vista, na aldeia, como um ser vivo que faz parte do cotidiano das famílias Chiquitano que dela necessitam. Ela não é apenas uma simples instituição, mas um mecanismo de luta e defesa que auxilia na compreensão do vínculo ancestral, que permite a possibilidade do ouvir e do falar, que rompe com o silenciamento e dá espaço para ouvir a voz não apenas dos profissionais de Educação contratados pelo Estado, mas também dos anciãos, das lideranças, dos artesãos, dos chefes religiosos que carregam uma bagagem de conhecimentos nativos importantes e que trazem essa retomada cultural e a atualiza para manutenção e fortalecimento cultural. Essa escola viva oportuniza a inclusão das crianças e dos jovens estudantes que trazem novos elementos em uma dinâmica diferente, mas que dialoga com a ancestralidade, não como permanência no passado, mas com aprendizagens atualizadas. Escola viva que estabelece um diálogo entre saberes ancestrais e saberes atuais, com a educação escolar indígena contribuindo para a produção do conhecimento interseccionando com os saberes ancestrais.

O Saber ocidental, que nos é apresentado na maioria das vezes como o saber verdadeiro, é um saber dominador, imposto pela sociedade dominante e que descaracteriza os ensinamentos e aprendizagens dos saberes tradicionais realizados nas escolas indígenas. É através dos trabalhos realizados pela escola, tendo como protagonistas os professores indígenas da própria comunidade, comprometidos com a educação escolar indígena específica e diferenciada, dispostos a desenvolver as práticas enveredadas pelos saberes tradicionais em diálogo com os conhecimentos ancestrais, que lutamos pela descolonização, que já está, na maioria das vezes, enraizada em alguns pensamentos.

É preciso saber utilizar as ferramentas advindas dos conhecimentos ocidentais, principalmente aquelas que apresentam benefícios para as comunidades indígenas, de modo que não sejam mais um instrumento de disputa em meio a todo o contexto de luta cultural, mas que possam contribuir para a visibilidade, o respeito e o protagonismo, auxiliando no trabalho pedagógico de qualidade para o crescimento pessoal, coletivo, profissional. E, principalmente, através de um senso crítico, realizar, na prática, ações que partam de uma visão decolonizadora da realidade.

Podemos considerar, finalmente, que a escola vem assumindo um papel fundamental na construção desse novo tempo para os Chiquitano, com iniciativas que relacionam o espaço escolar ao espaço da aldeia. E a escola da aldeia Vila Nova Barbecho tem feito esse papel de resgate cultural paralelo à luta pelo direito à terra, que é o bem mais precioso para o nosso povo, pois sem ela é impossível sobreviver culturalmente, pois a terra faz parte de nossa vida.